



Marina Agarez Brazão

**Ligeiramente Grávidas: sobre a gestação
em tempos de culto ao corpo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Junia de Vilhena

Rio de Janeiro

Março de 2011



Marina Agarez Brazão

**Ligeiramente Grávidas: sobre a gestação
em tempos de culto ao corpo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Junia de Vilhena

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Joana de Vilhena Novaes

PUC-Rio / LIPIS (V.R.C.)

Profa. Ilana Strozemberg

Escola de Comunicação - UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, ___/___/2011.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Marina Agarez Brazão

Psicóloga formada pela PUC-Rio. Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil pela Maternidade-Escola da UFRJ. Especialista em Psicanálise com Crianças pelo Hospital São Zacharias – Sta. Casa da Misericórdia do RJ.

Ficha Catalográfica

Brazão, Marina Agarez

Ligeiramente grávidas: sobre a gestação em tempos de culto ao corpo / Marina Agarez Brazão ; orientadora: Junia de Vilhena. – 2011.

113 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Culto ao corpo. 3. Gestação. 4. Obesidade. 5. Beleza. 6. Consumo. 7. Mídia. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para minhas entrevistadas e seus bebês, os quais transformaram suas vidas... e seus corpos! Por me permitirem partilhar dessa experiência.

Agradecimentos

A Junia de Vilhena, minha orientadora, pelo acolhimento, incentivo, pela segurança, tranquilidade, generosidade e parceria durante o desenvolvimento deste trabalho.

A Joana Novaes, pela inspiração antes de tudo e por fazer parte da banca examinadora desse trabalho. Pelo apoio, pela leitura cuidadosa e as trocas estimulantes que desataram nós. Pelas contribuições e dicas valiosas, e por me presentear com termos e títulos criativos que dão a essa dissertação um toque, digamos... mais *light* e especial!

A Ilana Strozemberg, por fazer parte da banca examinadora desse trabalho.

Aos colegas pesquisadores cariocas e os paraenses do PROCAD. Obrigada pelas trocas de ideias que permitiram reflexões novas e interessantes.

Às amigas psis, especialmente à Alexandra Vianna, Paula Werneck, Caroline Weiss, Paula Almada Horta e Elisa Almeida. Pela amizade, que é sempre repleta de apoio, carinho e aprendizado.

Aos professores da PUC-Rio, pelo estímulo à produção de conhecimento.

Aos ex-professores da especialização em Saúde Materno-Infantil da Maternidade-Escola da UFRJ, na qual inicialmente esse novo corpo pôde se integrar e começar a fazer sentido.

A Diana Dadoorian, por mais uma etapa e mais uma conquista que atravessamos juntas. Obrigada, sempre!

A Marco Antônio de Lima Figueiredo, pela aposta e pelo apoio fundamentais e transformadores.

Aos meus pacientes, por tudo que tem me ensinado.

Ao meu marido, pela presença, pelo carinho, bom humor, pela disponibilidade, paciência infinita e parceria na vida.

À minha mãe e aos meus avós, mais uma conquista que é nossa.

À minha família ampliada e aos amigos, que a essa altura sabem tanto sobre culto ao corpo e gestação quanto eu! Obrigada por fazerem parte da minha vida.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos.

Resumo

Brazão, Marina Agarez; Vilhena, Junia de (Orientador). **Ligeiramente Grávidas: sobre a gestação em tempos de culto ao corpo**. Rio de Janeiro, 2011. 113p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho propõe-se a investigar a gestação em tempos de culto ao corpo. Diariamente temos acesso a imagens de celebridades com seus bebês recém-nascidos e orgulhosas de suas formas praticamente intactas. Parece que nos dias atuais nem mesmo a gravidez justificaria um corpo fora dos padrões. Seria esse um ideal da contemporaneidade? Estariam as mulheres de hoje, no que se refere aos aspectos de seus corpos, desejando estar apenas “ligeiramente grávidas”? Quais os impactos subjetivos desse ideal? Dez mulheres pertencentes às camadas médias do Rio de Janeiro foram entrevistadas a fim de se apreender o máximo possível de suas experiências com seus corpos em meio à nova maternidade.

Palavras-chave

Culto ao corpo; gestação; obesidade; beleza; consumo; mídia.

Abstract

Brazão, Marina Agarez; Vilhena, Junia de (Advisor). **Slightly Pregnants: on pregnancy in times of body cult**. Rio de Janeiro, 2011. 113p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This paper discusses pregnancy in times of the body cult. We are daily shown pictures of proud celebrities who are displaying their newborn babies and their virtually intact shapes. It seems that, nowadays, not even pregnancy allows us to escape the body standards. Could this be one of the ideals of our contemporary society? Do women today wish to be only “slightly pregnant” in terms of physical aspects? What are the subjective impacts of this ideal? Ten middle upper class women were interviewed to collect as much data as possible regarding their experiences with their bodies and the new motherhood.

Keywords

Body cult; pregnancy; obesity; beauty; consumption; media.

Sumário

1. Introdução	9
2. Corpo: morada ou prisão?	12
2.1 Pinceladas e recortes — um breve histórico dos padrões de beleza	12
2.2 Vestindo músculos, que mal tem? – o corpo nos dias atuais	19
2.3 Corpo obeso/corpo grávido – o olho na balança!	23
2.4 De olho nas câmeras – um pouco sobre o papel da mídia	28
3. Ligeiramente grávidas – a gestação em tempos de culto ao corpo	33
3.1 <i>Fashion mom</i> – sobre um ideal de corpo grávido	33
3.2 Também quero ser capa de revista: ressonâncias de um ideal	44
4. Que corpo é esse que não conheço? Considerações sobre a maternidade	48
5. Nós, simples mortais... visitando o campo	63
5.1 Pesquisa de campo: considerações iniciais	63
5.2 Aspectos metodológicos	65
5.3 Um corpo novo: o sentimento atual sobre o corpo	70
5.4 Grávidas “monstros” x barrigas orgulhosas: o corpo durante a gestação	75
5.5 Quando era apenas eu: práticas corporais anteriores à gestação	78
5.6 Um novo corpo dividido entre muitas tarefas: práticas corporais durante e após a gestação	80
5.7 Uma história que se escreve: sentimentos sobre a evolução pela qual o corpo passa ao longo da vida	83
5.8 <i>Fashion mom</i> – o corpo das celebridades	84
5.9 Mães de <i>Caras</i> – sobre a maternidade das mulheres famosas	89
5.10 Mãe é mãe: possibilidades de identificações	92
6. Considerações finais	95
7. Referências bibliográficas	100
8. Anexos	106
8.1 Roteiro da entrevista	106
8.2 Termo de consentimento livre e esclarecido	106
8.3 Figuras complementares	108

Introdução

Os momentos de gestação e pós-gestação são marcados por grandes mudanças que afetam aspectos biológicos, sociais e psíquicos. Novos papéis sociais e familiares serão assumidos a partir de uma primeira gestação. A mulher que se prepara para a chegada de seu primeiro bebê despede-se do seu *status* de apenas filha e passa a ser também mãe. Já sua mãe e também seu pai assumem a nova identidade: serem avós do filho daquela filha, independentemente de já terem outros netos. Havendo um casal, este precisará estar apto a fazer uma passagem daquela relação que era apenas conjugal para uma relação também parental.

Em meio aos novos sentimentos e acontecimentos promovidos por essas mudanças, uma delas é visível aos olhos de todos e será objeto de estudo deste trabalho: a mulher que se prepara para a chegada de seu bebê passa por mudanças, com as quais precisará lidar, em seus contornos corporais. Parece impossível, nos dias de hoje, manter-se alheio à sensação de que alguma coisa diferente vem acontecendo com a forma dos corpos maternos durante e, especialmente, logo após a chegada dos bebês. Não que antes as mulheres não sentissem desconforto com suas novas formas durante a gestação ou que, depois do parto, não se importassem com a ideia de voltar a vestir aquela calça *jeans* aposentada há meses. Mas, de algum modo, ao menos aos olhares mais atentos, isso tudo parece estar tomando outras proporções.

Afinal, atravessamos um momento em que os padrões estéticos encontram-se cada vez mais rígidos e, por vezes, irrealis e perversos. Nunca houve à disposição, no mercado, tantas opções a serem consumidas no intuito de lidar com aspectos indesejáveis da aparência do próprio corpo. E, cada vez mais, tais aspectos são vividos como verdadeiras limitações pessoais e até mesmo morais.

Utilizando como pano de fundo a psicanálise e dialogando com a psicologia social e a antropologia, o trabalho aqui proposto objetiva tecer uma reflexão acerca do culto ao corpo, enfocada nas marcas remanescentes do processo gestacional.

Buscaremos, inicialmente, no segundo capítulo, compreender os processos pelos quais o corpo e os padrões de beleza se modificaram ao longo dos tempos. Afinal, eles não são estanques e atuam como lugar de ancoragem dos atravessamentos culturais de cada época.

Técnicas de manipulação e cuidados com o corpo não são recentes, de fato, sempre existiram. Paralelamente a isso, a imagem da mulher sempre esteve referida à beleza, à saúde – no que diz respeito à fertilidade – e à juventude. No entanto, a contemporaneidade parece ter levado essas representações ao extremo.

Tal constatação torna então imprescindível, nesse mesmo capítulo, tecer considerações a respeito do culto ao corpo nos dias atuais, a fim de compreendermos o modelo estético corporal valorizado. Faz-se importante também discorrer sobre as representações que os corpos que destoam desse ideal assumem em nossa sociedade e a maneira como esses padrões são difundidos. Ao longo de todo o segundo capítulo, lançaremos mão de autores como Del Priore, Noaves, Courtine, Vilhena, Goldenberg e Ramos, entre outros, a fim de embasarmos nossas reflexões.

Podemos notar que a gestação e as marcas que esta deixa no corpo são comumente apontadas como as grandes vilãs da boa forma física e da perda dos encantos femininos. Podemos notar também que estão à venda, e em crescente expansão, as diretrizes a serem seguidas e as ferramentas para alcançar essa desejada forma física, com as quais se propõe a manutenção do “ser mulher” além da maternidade.

Vemos constantemente, pela mídia, a imagens de mulheres famosas com seus bebês recém-nascidos e seus corpos praticamente intactos após a gravidez. Tais mulheres parecem nos mostrar que o corpo feminino seria infinita e instantaneamente maleável na busca de um ideal estético durante e após a gestação.

Reforçando o discurso de que as marcas deixadas pela gestação são repugnantes e devem ser mediadas, mulheres famosas que conseguem manter suas formas são exaltadas e admiradas nos mais diversos veículos da mídia. Em contrapartida, aquelas que não alcançam o mesmo objetivo costumam ser duramente criticadas; afinal, parecem não cumprir suas “obrigações” de mulher famosa como modelo ideal de beleza a ser consumido.

A fim de compreendermos a maneira como esse corpo vem sendo veiculado em nossos tempos, procuramos analisar, no terceiro capítulo – valendo-nos de autores como Vilhena, Novaes, Brazão, Zuckerman, Maia e Albuquerque –, os discursos da mídia, a maneira como esses discursos exprime o corpo da gestação nas reportagens a respeito de “celebridades” grávidas, bem como pincelar questões referentes às ressonâncias desses ideais no mundo virtual.

Em seguida, no quarto capítulo, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca da maternidade tal como a compreendemos em nossa cultura. Além disso, discutiremos o psiquismo feminino durante e após a gestação, pontuando aspectos de uma função materna positiva na constituição psíquica dos bebês. Para tal, utilizaremos referências teóricas de autores como Badinter, Szejer e Stewart, Winnicott, Stern, Aragão e Piccinini. Tais considerações se fazem fundamentais a fim de respaldar a análise da pesquisa de campo que realizaremos na quinta parte desse trabalho.

Constatamos ser importante investigar, por meio de uma pesquisa qualitativa, a relação de dez mulheres “vaidosas”, pertencentes às camadas médias, com seus corpos após a primeira gestação. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como essas entrevistadas lidam com as mudanças corporais e, principalmente, qual lugar o corpo ocupa em meio às demandas da maternidade e da relação mãe-bebê que se estabelece.

Verificar o lugar ocupado pelo corpo nesse período da vida específico procura não apenas compreender aspectos subjetivos femininos, no que se refere às articulações de nossas entrevistadas com a cultura na qual estão inseridas, como também observar aspectos da relação do investimento feminino no próprio corpo *versus* o investimento que fazem a seus bebês.

Por meio da análise de entrevistas, pretende-se refletir acerca dos padrões estéticos vigentes, sua associação ao corpo da gestação e os desdobramentos subjetivos que se seguem a partir daí. Essa análise permitirá ampliar a compreensão dos processos envolvidos nos discursos obtidos, além de apontar para a valorização da escuta de queixas estéticas, e suas implicações, por parte dos diversos profissionais que atuam com gestantes e mulheres.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para uma reflexão a respeito do que há de real e idealizado na construção da maternidade, dos padrões corporais e da estética feminina.

2

Corpo: morada ou prisão?

2.1

Pinceladas e recortes — um breve histórico dos padrões de beleza

Corpos magros, torneados, músculos em evidência. Em outros tempos, a estética corporal que nos habituamos a ver nas ruas hoje em dia definitivamente causaria estranheza!

Isso se daria pelo fato de que os padrões de beleza não são estanques. Eles modificam-se ao longo dos tempos, em diferentes épocas, a partir dos contextos culturais nos quais estão inseridos e encontram-se intimamente ligados à história da alimentação – ou da fome – ao longo das sociedades. É a partir da alimentação e dos costumes de cada época que os corpos se moldam e os padrões de beleza são instituídos. Como nos lembra Novaes (2010), o corpo é o lugar de ancoragem dos atravessamentos filosóficos, econômicos, políticos, artísticos, psicológicos e culturais de cada época.

Na Idade Média, por exemplo, os corpos femininos eram muito representativos da dieta magra que consumiam e da crença no pecado da gula. Comer demais levava direto às portas do inferno! Durante quase todo esse período, o corpo e a beleza da mulher eram encarados como armadilha do pecado e tentação do diabo. A beleza feminina nada mais era do que uma tentativa de encobrir uma essência que, de acordo com as representações da época, era impura, vil e leviana. Tal representação negativa da mulher só encontrava um contraponto na Virgem Maria, a única mulher bela, pura e inocente (Del Priore, 2006).

No século XVI, ainda marcado pela moral religiosa medieval, a mulher tinha de ter uma aparência casta. A beleza feminina assim se definia. Havia uma hierarquia do corpo, com partes mais e menos nobres. Os espartilhos tão apertados podiam levar à morte, enquanto dicas e regimes alimentares para emagrecimento já se faziam presentes. O corpo e o alargamento dos vestidos atuavam como pedestal para os bustos, rostos e braços que eram considerados partes nobres e altas por estarem mais próximas dos astros celestes (Novaes, 2010). Vigarello

(2006) enfatiza o privilégio maior dado ao “alto” do corpo, as nuances da tez, a intensidade dos olhos e a regularidade dos traços.

Na Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, a entrada do açúcar e da batata no cardápio europeu, vindos da América do Sul, modificaram o padrão de beleza feminino. Os corpos ganharam em gordura e peso, o que simbolizava o consumo de produtos importados. Nessa época, saem de cena os seios pequenos e quadris estreitos, tais como os retratados nas obras de Dürer, e passa-se a valorizar as dobras rosadas das “gordinhas” de Rubens e Rembrandt (Del Priore, 2006).

Gordura não era só sinônimo de beleza, mas, principalmente, de distinção social. A nobreza podia dar-se ao luxo de consumir cremes, manteiga, açúcar e molhos ácidos temperados, enquanto os pobres cozinhavam o pouco que comiam com banha. O padrão alimentar seguido pelas elites produzia damas corpulentas, e dessa forma instaurava-se um ideal de beleza no qual à gordura se associavam formosura e riqueza (Del Priore, 2006). Curioso fazer um paralelo com os dias atuais, quando os distintos produtos consumidos pelas elites e pelas classes baixas também operam diferentes resultados estéticos. No entanto, esses resultados são inversamente proporcionais aos dessa época, afinal, caros produtos *light* e *diet* em nada se comparam em termos calóricos aos carboidratos que imperam nas cestas básicas.

Na primeira metade do século XIX, na Europa, investiu-se na abundância alimentar propiciada em larga escala pelas revoluções industriais, a ascensão da burguesia e o consumo modificado por tecnologias de refrigeração, acondicionamento e transporte dos alimentos (Del Priore, 2002, p.52).

No entanto, a obesidade extrema começava a provocar interjeições negativas. Del Priore (2002) aponta que no Brasil, em 1821, James Henderson, – viajante e diplomata inglês –, descrevia as mulheres brancas como possuidoras de um corpo negligenciado, corpulento e pesado e de um rosto precocemente envelhecido. Tal imagem não agradava os viajantes estrangeiros que compreendiam essas formas corporais como resultado da indolência, dos banhos quentes, do amor à comodidade e ao ócio excessivo que podia ser desfrutado numa sociedade escravista. O matrimônio, a maternidade e o confinamento ao lar nessa época já eram apontados como responsáveis pelo alargamento das formas femininas, bem como os tipos de lazer que não estimulavam o exercício físico. No

entanto, dizia-se que o maior elogio que se podia fazer a uma dama no país era que ela estava a cada dia mais gorda e mais bonita.

Gilberto Freyre, considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX, definia as vastas e ostensivas ancas das matronas brasileiras do século XIX como verdadeiras “insígnias aristocráticas”. Trata-se sempre de um corpo de classe, como tão bem aponta José Carlos Rodrigues (1983). A mulher de formas mais salientes tendia a ser considerada mais feminina, afinal, as temidas ancas dos dias atuais, eram naquela época, símbolo da mulher sexuada, desejável e fecunda. Já estava marcada nessas formas a relação entre conformação anatômica e sua função biológica e sagrada: reproduzir, procriar e perpetuar, o que demonstra haver sempre uma associação histórica entre mulher, beleza e fecundidade.

Quanto ao vestuário dessa época, é interessante notar que há muito o conforto se curva diante da aparência. Da mesma maneira que calçamos altos sapatos lindíssimos, que nos alongam e nos apertam os dedos, ou vestimos bermudas justíssimas e elásticas por baixo de vestidos na tentativa de nos aproximarmos das medidas valorizadas em nossos tempos, as mulheres do século XIX também faziam uso de grandes aliadas. As “anquinhas”, uma espécie de enchimento artificial, conseguiam valorizar o baixo corporal feminino. Estas poderiam ser feitas com barbatanas, lâminas de ferro ou até jornal (Del Priore, 2002). Além delas, os famosos espartilhos, feitos com polias, colchetes ou ilhoses de metal, afastavam os seios, modelavam e afinavam a cintura feminina, resultando em formas perfeitas, ainda que à custa de danos irreversíveis às costelas ou órgãos.

A distinção entre trajes públicos e privados era clara: camisolas só para o interior do quarto e qualquer referência a ela, em público, seria motivo de rubor. Cabelos soltos, da mesma forma, só eram permitidos no espaço privado, sendo os penteados imprescindíveis ao sair na rua. Mostrar o corpo não era também muito comum, e as pessoas decentes andavam de luvas e chapéus, mostrando apenas o rosto, com exceção dos trajes de noite femininos, que contraditoriamente, apresentavam grandes decotes (Castro, 1998).

No final do século XIX e início do século XX, na Europa, com o surgimento do esporte e a democratização de corridas de bicicleta, regatas e outras atividades ao ar livre, o padrão corporal muda novamente. A vida na cidade vai convidar a um estilo mais saudável de se viver (Del Priore, 2006). Multiplicavam-

se os ginásios, professores de ginástica e os manuais de medicina que chamavam a atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios. Os novos métodos de ginástica investiam em potencializar as forças físicas. As mulheres jogavam tênis e pedalavam, mesmo que uma parcela da população da época considerasse esses atos uma indecência. Afinal perseguia-se tudo o que pudesse macular o papel de mãe dedicada exclusivamente ao lar. Era como se as mulheres estivessem se apropriando de exercícios musculares próprios à atividade masculina (Del Priore, 2006).

Schpun (1999) nos fala sobre a rotina e prática de exercícios indicados às mulheres da burguesia paulistana nas décadas de 1920 e 1930. A ginástica seria a única modalidade esportiva na qual as mulheres deveriam ser incluídas, o que tornava a educação física uma forma de regular o contato físico entre homens e mulheres e disciplinar o corpo na busca da beleza e da forma física. A autora também ressalta o interesse da época em confinar a mulher no lar e não lhe permitir desenvolver características consideradas eminentemente masculinas como a competitividade, a autossuficiência, a agressividade, o espírito de liderança, a força física em excesso e os músculos.

A década de 1920 foi crucial na formulação de um novo ideal físico, a imagem cinematográfica interferiu significativamente nessa construção. Já nessa época, especialmente no final da década, as mulheres encontravam-se sob o impacto das indústrias do cosmético, da moda, da publicidade e de Hollywood, incorporando o uso da maquiagem, principalmente o batom, em seus cotidianos, e passando a valorizar o corpo esbelto e esguio. Como aponta Featherstone (1995), a combinação dessas quatro indústrias foi fundamental para a vitória do corpo magro sobre o gordo, no decorrer do século XX.

Segundo Phillippe Perrot (1984), não era apenas a moda da mulher magra que estava presente, mas também o desabrochar de uma mística da magreza, uma mitologia da linha, uma obsessão pelo emagrecimento. Tudo isso temperado pelo uso de roupas mais próximas do corpo.

A entrada no mundo do exercício físico trouxe também a aprovação de corpos esbeltos, leves e delicados. O estilo tubo é valorizado, e as mulheres modernas devem se ver livre de seus espartilhos e também de seus quilinhos extras. Os cabelos curtos, as pernas finas, os seios pequenos eram percebidos por muitos homens como negação da feminilidade. Os corpos começam a ser

modelados pelos regimes e exercícios. Vimos as pesadas matronas de Renoir serem substituídas pelas sílfides de Dégas. E depois delas, com a maciça entrada da mulher no mercado de trabalho, aparecem as *flappers*, donas de corpos quase masculinos, quadris estreitos e poucos seios (Del Priore, 2006).

Castro (1998) aponta que é possível identificarmos, ainda nesse século, três marcos importantes para o estudo do corpo: os anos 1950, 1960 e 1980. Os anos 1950 e 1960, em razão de dois elementos: a expansão do tempo de lazer e a explosão publicitária no pós-guerra. Ser esportista passa a ser, cada vez mais, um imperativo nas sociedades contemporâneas. E essa tendência de comportamento está, certamente, relacionada à expansão do tempo de lazer. As férias remuneradas e a explosão dos *campings* tornando as praias mais acessíveis são alguns dos elementos que contribuirão, a partir da segunda metade dos anos 1950, para a “revolução de veraneio”. Entra em cena um novo conceito de férias de verão, em que a exposição do corpo ocupa espaço significativo.

Por sua vez, a explosão publicitária no pós-guerra foi, sem dúvida, a grande responsável pela difusão de hábitos relativos aos cuidados com o corpo e às práticas de higiene, beleza e esportivas, preconizadas por médicos e moralistas burgueses desde o início do século. Tais hábitos e práticas referiam-se, na realidade, a todo o ideário da medicina higienista do início do século XX.

O desenvolvimento do cinema e da televisão muito contribuiu para os profissionais dos cuidados com o corpo venderem suas imagens e seus produtos. No entanto, uma mudança de comportamento começa a surgir nesse momento. As imagens de estrelas de cinema com sorriso branco e cabelos brilhantes anunciando creme dental e xampu, começam a colocar em jogo novas práticas sobre como lidar com o próprio corpo.

Já os anos 1960 são palco da difusão da pílula anticoncepcional, da chamada “revolução sexual” e do movimento feminista, que marcam a presença de um corpo como objeto de contestação.

Para Fontes (2006), os anos 1980 assistem a uma nova transformação cultural. Segundo a autora, o desencanto político dos anos 1970, alimentado pelos anos de prevalência da Guerra Fria, parecia ter produzido uma geração apática, vítima dos efeitos do desencantamento do mundo e dos desejos incensados pelos revolucionários anos 1960 e suas promessas e expectativas não cumpridas e não

realizadas de um mundo livre, solidário e pacífico. Ainda conforme Fontes (2006, p.8):

Emerge nos anos 80 o corpo porta voz desse desencantamento e, tal qual um narciso que substituiu o lago pelos espelhos gigantescos das academias e dos shopping centers, surge um indivíduo encantando em profusão consigo mesmo, com o brilho efêmero das tendências da moda, com o volume dos músculos e o vigor físico-corporal potencializado pela maratona de sessões de aeróbicas, pela alimentação saudável ou mesmo pela ingestão de suplementos químico-alimentares.

Dessa forma, a partir da década de 1980, um enorme número de técnicas e mecanismos de aperfeiçoamento da chamada boa forma corporal emergiu com mais vigor com os modismos de atividades físicas regulares como o *jogging* e a aeróbica. Se anteriormente os cuidados com o corpo visavam à sua exposição durante o verão, a partir da década de 1980, as práticas físicas passam a ser mais regulares e cotidianas (Fontes, 2006).

É o tempo das polainas, que saem dos tornozelos das bailarinas para os das mulheres em geral, simbolizando que a moda das ruas se misturava à moda das academias. O projeto de autoconstrução do próprio corpo tem início.

No entanto, a partir de um determinado momento, os resultados antes obtidos apenas com a frequência à academia de ginástica parecem não ser suficientes para atender às necessidades de mudanças imediatas que são desejadas para a remodelagem do próprio corpo. A medicina e os cirurgiões plásticos oferecem transformações mediante uma simples passagem por mesas cirúrgicas, que, nesse contexto, adquirem *status* de cenários mágicos nos quais se entra com um corpo e sai com outro completamente esculpido. Um corpo que, dentro de estantes, é capaz de se adequar aos parâmetros traçados pela cultura vigente (Fontes, 2006).

É importante ressaltar que os anos 1990 nascem sob a marca da velocidade e do automatismo dos fluxos transnacionais de capitais e de informações. É o tempo da consolidação da rede mundial de computadores, a internet. Nesse contexto, as políticas e técnicas corporais também passam por um vertiginoso processo de automatismo quanto às possibilidades de mudanças, que se tornam mais rápidas, até mesmo imediatas, sem necessidade de tempo de espera. O *jogging* dos anos 1980 – uma modalidade de exercício que comparada aos padrões de hoje poderia ser considerada “*light*” – é superado pelo bisturi (*op.cit.*).

Assumindo o corpo o valor de um objeto a ser consumido, entra em cena um número infindável de ofertas que vão desde produtos *light*, *diet*, *shakes*, suplementos alimentares e vitamínicos até as promessas cirúrgicas e procedimentos estéticos. O corpo e a beleza desde então prometem ser infinitamente maleáveis.

Se pudermos sintetizar as recentes décadas e suas atividades físicas predominantes que modelaram os corpos de maneiras muito particulares, nos lembraremos dos anos 1980 como a década do *bodybuilding* – que sai do universo das competições para as academias em geral; os anos 1990 como o tempo da aeróbica – dessa vez reconfigurada em aparelhos ou aulas ainda mais aperfeiçoados; e os anos 2000, quando tem início o *boom* das grandes *performances*, atuadas em vigorosas e elásticas aulas de pilates ou ioga, que difundem a chamada consciência corporal, ou ainda nas maratonas de corrida ou *triatlon*, que prometem aperfeiçoar e extrair o melhor resultado até mesmo daqueles que um dia se consideraram meros corredores de fim de semana ou até sedentários. O discurso dominante incita o sujeito a buscar o atleta que existe dentro de si.

Essa breve exposição dos valores corporais em diferentes tempos exemplifica que o discurso do corpo fala das relações internas às sociedades, conforme nos disse Novaes (2006). Demonstra também que a existência de técnicas de manipulação e cuidados com o corpo não é exclusividade das sociedades contemporâneas. De alguma maneira, elas sempre existiram.

Como nos lembra Castro (1998), Marcel Mauss – autor pioneiro nas ciências sociais a tomar o corpo como objeto de análise – define como técnicas corporais os modos de tratar, usar, lidar com o corpo, e lança a ideia de que essas são descobertas pelas sociedades, transmitidas e modificadas no decorrer do tempo. Partindo dessa definição de Mauss, podemos afirmar que a atual busca de cultivar e modelar o próprio corpo é caracterizada por diversas técnicas corporais legitimadas por nossa sociedade e localiza-se em um movimento social mais amplo, no qual se busca incessantemente o controle da natureza e utiliza-se o consumo como espaço privilegiado de constituição de vínculos identitários e de sociabilidade.

O breve histórico acima demonstra também que, de alguma forma, o corpo feminino sempre esteve referido à ideia da maternidade, mote principal deste

trabalho. Novaes (2005) aponta que historicamente a imagem da mulher se justapõe à da beleza e, como segundo corolário, à da saúde – no que se refere à fertilidade – e à da juventude. A contemporaneidade, contudo, a partir da mudança de estatuto experimentada pelo corpo, parece ter levado tais representações ao extremo, como veremos a seguir.

2.2

Vestindo músculos, que mal tem? – o corpo nos dias atuais

O corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento... alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós-modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais (Fernandes, 2003, p. 13).

Segundo Courtine (1995), os anos 1980 conheceram um considerável desenvolvimento do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo. Aparelhos de musculação, suplementos nutricionais, regimes e revistas especializadas em boa forma assumiram lugar de destaque na cena social. Dessa década até os dias atuais, observamos uma ampliação de tais itens que implicam desdobramentos subjetivos marcantes. A cultura do corpo definitivamente se estabeleceu. Nas palavras de Courtine, o músculo tornou-se um modo de vida.

Assistimos hoje a um crescente número de modalidades de exercícios físicos, especialmente no ambiente das academias. Entre as já quase obsoletas aulas de *spinning* e *running* (práticas que simulam pedaladas ou corridas vigorosas dentro das academias), as aulas de *core* ou *ball training*, *body balance*, *body combat* e *bob box*¹ são apenas alguns exemplos de uma lista de 44 itens que uma academia carioca pode oferecer para seu público em geral.

Os mais desmotivados ao esforço físico intenso podem optar por aulas de pilates realizadas com esforço moderado, pela tradicional hidroginástica ou por diversas modalidades de danças. É possível notar também que as academias

¹ Segundo informações da própria academia citada, tais modalidades referem-se respectivamente a: atividade composta por exercícios que ajudam a fortalecer a coluna; treino com bola que visa melhorar os níveis aeróbios de flexibilidade, força e equilíbrio; aula de condicionamento postural;

contam com atividades específicas para a terceira idade ou aulas destinadas apenas a gestantes ou mães e bebês, sugerindo que, para cada grupo, ou cada “tribo”, há uma forma específica e permitida de se exercitar e manter o corpo em movimento.

Dar-se conta da existência de tantas possibilidades nos lembra os já conhecidos discursos de que, no mundo de hoje, só fica parado quem quer; ou só não modela o próprio corpo ou cuida da própria saúde quem realmente não tem força de vontade para tal.

Professores animados, salas de aulas e halteres coloridos, bolas gigantes e vestuário de última tecnologia nos lembram a passagem citada por Pociello (1995, p. 115) acerca de um respeitado especialista a quem se perguntava o que de fato mudara no registro das práticas culturais entre as atividades físicas e de lazer de caráter esportivo. Sua resposta: “O que muda são as cores!”

As práticas corporais apresentam-se tão diversas e atraentes de forma que vão sendo incorporadas no cotidiano do sujeito, assim como se incorporam técnicas de asseio ou noções de higiene. No entanto, parece ainda existir algo que se reflete nas formas de viver da contemporaneidade. A indústria cultural vende o exercício como algo que deve ser absorvido como uma atividade prazerosa e divertida e, preferencialmente, englobar toda a família cujo protótipo são os comerciais de margarina ou leite desnatado.

Baseia-se aí o novo conceito de clubes e centros de *wellness* nos condomínios da Barra da Tijuca; das academias de ginástica instaladas e/ou improvisadas no *play* dos prédios da Zona Sul; ou das academias como a Estação do Corpo que apresentam como diferencial o fato de aglutinar, num mesmo espaço físico, diversos serviços – estéticos, de relaxamento, gastronômicos – além das aulas que prometem agradar a família inteira, podendo ser praticados em ambientes internos ou mesmo ao ar livre. A tendência parece se reproduzir em ambientes esteticamente belos e seguros, a vida na cidade e o etos do culto ao corpo, por meio de técnicas e práticas de bem-viver associadas a um viver saudável.

Seja por meio do colorido das academias ou das salas de aula de *sppining* que recriam em som e luz o ambiente de lazer da vida noturna, sem dúvida, o que

modalidade baseada nas artes marciais que favorece o condicionamento físico completo; atividade aeróbica de baixo impacto que imita os movimentos do boxe tradicional.

fica claro nessas passagens é o caráter lúdico e alegre (Pociello, 1995, p. 85) que se deseja imprimir a tais atividades. Conforme Courtine (1995): “É preciso sofrer se distraindo!” (p.85)

A sofisticação eletrônica que promete transformar “máquinas de tortura” em aparelhos de ginástica de alta tecnologia quer fornecer novos meios para favorecer a constância exigida pela disciplina. Combatendo a dor do esforço e o tédio da rotina (Courtine, 1995), prometem encorajar os mais preguiçosos a se lançarem em busca de uma “atitude mais saudável” e novos contornos corporais; ou os já adeptos a sustentarem a motivação mesmo após algum tempo de exercícios repetidos à exaustão.

Segundo Courtine, as técnicas de gerenciamento do corpo são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais no que se refere a manter a tensão máxima da pele, amar o liso, polido, fresco, esbelto e jovem. Trata-se de vivenciar uma ansiedade frente a tudo que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, pesado, amolecido ou distendido.

Tais definições referiam-se, no texto original, às marcas do envelhecimento no corpo humano. No entanto, é impossível não associar tais atribuições às formas corporais da gestação. Barriga lisa, polida, tensão máxima da pele durante a gravidez. Aparência franzida, amolecida e distendida tão logo de dentro saem os bebês. Não é de se estranhar então que muitas vezes tal corpo – o corpo resultante do processo gestacional – seja comumente definido como intolerável nos dias de hoje.

A cultura carioca – na qual se inserem nove das dez entrevistadas neste trabalho – é conhecida na atualidade como uma daquelas que possuem modelos rígidos de beleza, corpos esculpidos, bronzeados e pouco cobertos, tendo suas praias como espaço comum de socialização e exposição desses corpos. Em alguns pontos da orla carioca, aqueles que não têm um corpo “sarado” correm o risco de serem encarados como ETs: seres impossibilitados de compartilhar o mesmo espaço terrestre que os demais.

Claro que esta não é uma exclusividade de tal cidade, mas, como nos lembra Mirian Goldenberg (2002, p.8 e 10):

O lugar considerado por muitos um dos mais belos do mundo – devido a sua natureza que combina praias, morros e por suas mulheres esculturais –, (...) contribuem para fazer da cidade um espaço privilegiado para se estudar o atual

culto ao corpo. (...) onde as praias, as áreas de lazer ao ar livre e a temperatura elevada durante quase todo o ano favorecem o desnudamento do corpo.

Segundo Goldenberg e Ramos (2000, p. 29), as praias têm seus códigos de conduta para a exposição dos corpos, porém estes se encontram além das areias. Prega-se mais do que nunca a conformidade a um determinado padrão estético que convencionalmente fora denominado “boa forma”. Os antropólogos nos lembram que, tempos atrás, o que se limitava às regras para a não exposição do corpo nu hoje se encontra submetido às regras para a sua exposição. Em outros termos: vestindo-se músculos, que mal tem!? Afinal, um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejadas e sem excessos de gordura e flacidez, é o único que mesmo sem roupas, está decentemente vestido.

Em nossa sociedade a gordura surge como inimiga número um da boa forma e em casos extremos é encarada como doença. No entanto, nessa cultura que classifica, hierarquiza e julga a partir da forma física, não é tarefa fácil ser gordo. A obesidade e a flacidez são tomadas como símbolo da indisciplina, do desleixo, da preguiça e da falta de investimento do indivíduo em si mesmo (*op. cit.*). Ser gordo é sinônimo de sujeito pouco produtivo, o que certamente não agrega valor; muito pelo contrário, gera tais atribuições depreciativas e avaliações desqualificantes (Brazão *et al.*, 2010).

Se historicamente as deficiências eram ligadas ao crime, ao mal, às aberrações (Foucault, 1999b), nos dias atuais os estereótipos contra os obesos, idosos e outras figuras que fogem do padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito estigmatizador e excludente. Nas palavras de Fontes (2006), trata-se de corpos dissonantes, isto é, todo corpo que não adere aos artifícios de reformulação e adequação da aparência, tendendo a despertar estranhamento e até repulsa. Afinal, na cultura contemporânea, o que não é desejável quase sempre é assustador. A obsessão pelo corpo bronzeado, malhado e “siliconado” faz aumentar o preconceito e dificulta o confronto com o fracasso de não atingir esse ideal. Comumente trata-se de um fracasso vivenciado como pessoal.

2.3

Corpo obeso/corpo grávido – o olho na balança!

Falar a respeito dos estigmas relacionados à obesidade faz-se importante aqui, não apenas pelo fato de que o corpo obeso é o representante ao avesso do corpo sarado, ideal de beleza dos nossos tempos, mas porque o corpo da gestação comumente é associado, mesmo que imaginariamente, ao corpo obeso.

Seja ao longo dos meses da gestação e do ganho de peso adquirido gradualmente, quando muitas mulheres se queixam de uma situação comumente referida pelos obesos: a dificuldade para vestir-se e sentir-se bem, o que por vezes gera uma evitação social por parte da gestante. Seja após o nascimento do bebê e o pavor comumente explicitado por muitas mulheres de não recuperarem suas formas dali em diante. Tal desconforto e pavor vivenciados só podem estar associados à clara noção que tais mulheres têm da dificuldade social que opera ao se ter um corpo fora do padrão de magreza estabelecido.

Calcadas na evitação de um corpo disforme a qualquer custo, inúmeras práticas corporais, reeditadas a cada verão, surgem como facetas do etos do bem-estar e do cuidar de si, aos quais o sujeito contemporâneo deve estar engajado para não ser visto como desleixado ou preguiçoso. A esse fenômeno contemporâneo que associa falta de cuidado à falha de caráter, Novaes (2006), utilizando referências de Baudrillard (1970), denomina moralização da beleza.

No entanto, é interessante notar que, apesar dos padrões estéticos serem impostos para ambos os gêneros, há socialmente certa complacência em relação ao universo masculino. Para os homens, o desvio com relação ao padrão de beleza costuma ser associado à falta de tempo, em função do ritmo acelerado da vida profissional. Para as mulheres, não cultivar a beleza é falta de vaidade, um qualitativo depreciativo moral (Vilhena *et al.*, 2005). Nos dias de hoje, nem mesmo a gestação e as mudanças corporais que esta impõe parecem justificar um corpo esteticamente fora dos padrões.

Essa complacência em relação às exigências corporais masculinas talvez seja resquício da época em que aos homens pertenciam os espaços públicos enquanto as mulheres deveriam permanecer confinadas ao lar, mantendo-se sempre referidas à trinca histórica – corpo, beleza e maternidade – mencionada anteriormente.

Nas palavras de Novaes (2006), algo que parece dizer “só é feio quem quer” demonstra que essa moralização indica a passagem de uma estética para uma ética do corpo feminino. Parte-se da premissa de que os imperativos estéticos são, simultaneamente, produzidos e reforçados por expectativas socialmente instituídas. Em suas palavras:

Se historicamente as mulheres preocupavam-se com sua beleza, hoje elas são responsáveis por essa beleza. A beleza tornou-se um dever moral e o fracasso não se deve mais a uma impossibilidade genética, física ou de qualquer outra ordem (Novaes, 2009, p.2).

E continua:

O que é normativo para a mulher contemporânea, não é o fato dos modelos de beleza serem impostos, uma vez que o discurso sempre foi este, nem mesmo de que seja dito que ela deve ser bela, mas o fato de afirmar-se, sem cessar, que ela pode ser bela, se assim o quiser (Novaes, 2001, p.42).

Perrot (1984) analisa historicamente as conquistas femininas e sugere, de forma irônica, mas categórica, que estamos vivendo uma ditadura bem mais severa do que todas até então vivenciadas pelas mulheres. O autor considera que os diversos procedimentos de produção e manutenção do bom aspecto do corpo feminino atuam como entraves bem maiores na vida das mulheres do que os fardos que deflagraram a queima de sutiãs em praça pública ou mesmo o discurso médico atestando o mal que os espartilhos causavam. Segundo o autor, com a maior exposição do corpo, as atenções sobre a pele intensificam-se, assim como a rotina de cuidados com a aparência física, na qual a reformatação e a adequação das formas correspondem a uma verdadeira ortopedia mental.

Bourdieu (1988) sugere que o corpo hoje, aparentemente mais livre por seu maior desnudamento e exposição pública, é muito mais constrangido por regras sociais que se encontram interiorizadas em cada um.

É importante lembrar que é a partir do olhar do outro que se constrói – ou não – uma avaliação depreciativa a respeito da imagem corporal que se tem de si mesmo (Novaes, 2006). Pensemos a partir daí no grau de importância que provavelmente terá para a mulher o olhar de seu companheiro, de familiares e de amigos sobre seu corpo que se transforma durante e após a gestação.

Nas palavras de Barthes (1982, p.645): “Meu corpo é para mim mesmo a imagem que eu creio que o outro tem desse corpo.” Isso significa que a imagem corporal que temos de nós mesmos deve ser compreendida como resultante da influência que o ambiente exerce sobre o sujeito, num processo em que as representações corporais estão em constante transformação.

Como nos diz Ortega (2004), o olhar censurador leva à introjeção da retórica do risco. O resultado, segundo o autor, é a constituição de um indivíduo responsável por suas escolhas comportamentais e os estilos de vida na busca da saúde, do corpo perfeito e principalmente, do desvio de riscos. Podemos lembrar o sentimento de menos valia e de se estar sempre aquém, proposto por Ehrenberg (1998), no momento em que há sempre uma culpabilização do sujeito pela própria aparência.

Kehl (2004) compreende que nossos corpos não são independentes da rede discursiva em que estamos inseridos, como não são independentes das redes de trocas – trocas de olhares, de toque, de palavras – que estabelecemos. Se a comunidade em que vivemos, e que é a única referência capaz de confirmar nossa existência, nos reconhece como mortos, somos lançados a níveis extremos de uma desorganização subjetiva e também física.

Dessa forma, é interessante pensarmos de que forma o corpo da mulher grávida encontra-se inserido na rede discursiva da qual faz parte, pois se os corpos não são independentes dessas redes, como nos lembra Kehl, corpos grávidos claramente também não são! Barrigas que são tocadas por carinhosas mãos familiares em busca do reconhecimento de um outro que está por vir, ou estranhas mãos invasivas que parecem acreditar que tais barrigas são realmente objetos públicos. Olhares cuidadosos que transmitem zelo e cuidado, vivenciados por essas mulheres na forma dos famosos ganhos secundários, ou que geram incômodo àquelas que não querem ser tratadas como alguém que inspira cuidados excessivos. Palavras que definem de forma positiva ou não as novas formas que se revelam. Trata-se de toda uma trama de significados, reconhecimentos e inserções diversas desse corpo que decerto influenciará a experiência subjetiva dessa mulher.

Para Rodrigues [1979 *apud* Goldenberg e Ramos (2002)], a busca por um corpo sarado – que, segundo o autor, poderia ser entendido também como aquele que está curado, que sarou seus males – funciona para os adeptos do atual culto à

beleza e à boa forma como uma luta contra uma morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos nos padrões exigidos. Rodrigues sugere que as sociedades são capazes de levar seus membros por meios simbólicos à morte, fazendo com que sintam a perda da vontade de viver, deprimindo-os, abalando-os de toda forma, consumindo sua energia física, marginalizando-os socialmente, privando-os de todos os pontos de referência afetivos e desintegrando-os de tal forma que num determinado ponto a morte passa a ser um simples detalhe biológico.

Trata-se de uma realidade socialmente definida, na qual, em alguns casos, negar esses padrões de beleza e consumo é arriscar-se a não fazer parte de determinados grupos sociais, a ter um padrão de identificação substancialmente restringido, a não ser aceito e desejado sexualmente ou até mesmo a não competir igualmente por oportunidades profissionais. Trata-se de um universo de identificações e relações que passam cada vez mais a serem feitas em um nível concreto e superficial.

No entanto, o ideal estético corporal frequentemente apontado como aspecto fundamental para satisfação pessoal encontra-se, na visão de Costa (1985), longe de prometer uma compensação narcísica. Assim como se subentende tudo aquilo que é da ordem do ideal, o corpo perfeito jamais será alcançado e nossos espelhos jamais serão totalmente condescendentes conosco. Tal impossibilidade agudiza a frustração e a impotência em face da potência de uma imagem que se pretende alcançar.

De acordo com Fernandes (2003), as ressonâncias desses processos certamente se fazem ouvir na clínica psicanalítica da atualidade. De veículo ou meio da satisfação pulsional, o corpo passa a ser também veículo ou meio de expressão da dor e do sofrimento. Um sofrimento que parece encontrar dificuldade em se manifestar em termos psíquicos. Assiste-se assim a emergência dos novos sintomas, dentre os quais podemos destacar os transtornos alimentares, as compulsões para fazer exercícios físicos, as incessantes intervenções cirúrgicas de modelagem do corpo, o horror ao envelhecimento, a exigência da ação, o terror da passividade.

Estabelece-se assim uma relação persecutória com o próprio corpo, carregada de desprazer e desilusão. Nas palavras de Vilhena, Medeiros & Novaes (2005, p. 18):

Nada mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometem retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho a procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionava, agora aprisionam-se no corpo, na justeza das próprias medidas.

Uma vez que o ideal de beleza proposto é uma impossibilidade até mesmo econômica para a maioria das mulheres, a insatisfação corporal tem se tornado cada vez mais comum. Muitas vezes, essas queixas baseiam-se em aspectos tão subjetivos que é comum sabermos de pessoas que se submeteram a diversos procedimentos estéticos, incluindo os cirúrgicos, e continuam insatisfeitas, o que nos levaria a indagar, caso a caso, a que insatisfação esse corpo vem responder.

Em recente pesquisa contrastiva sobre os usos do corpo nas camadas médias e populares, Novaes (2010) vai apontar como a estética agencia as subjetividades de formas bastante distintas. Estar fora do peso, ainda que reconhecido pelas mulheres pobres, está longe de impedi-las de usar roupas provocantes, ir à praia ou exercer plenamente suas sexualidades.

No cenário brasileiro, onde todo o tempo se referencia e reverencia-se a sensualidade dos traços corporais da mulher e do homem associando-os à sexualidade dos trópicos, a adesão a um padrão corporal voluntariamente construído assume uma posição de destaque no cenário mundial. O brasileiro é, entre os povos do mundo, em uma perspectiva *per capita*, aquele que mais realiza cirurgias plásticas estéticas (Oyama, 2000 *apud* Fontes, 2006).

O Brasil já é o segundo mercado de cirurgia plástica no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos. Com a facilidade no pagamento, que pode ser feito em parcelas ou até por meio de consórcios, a cirurgia, antes privilégio de poucos, começa a atender grande parte da população, tanto na rede privada como na pública.

Segundo dados obtidos no *site* da Associação Brasileira de Medicina, foram feitas 645.464 cirurgias plásticas no ano de 2009, no Brasil, conforme pesquisa encomendada ao Ibope pelo 11º Simpósio Internacional de Cirurgia Plástica. As mulheres são as que mais se submetem à cirurgia (82%), principalmente de lipoaspiração (29%) e seios (19%). Em comparação com

pesquisa feita pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica em 2008, o aumento no número de procedimentos foi de 2,6%.

Com esses dados verificamos que os resultados anteriormente obtidos apenas com a frequência à academia de ginástica parecem não mais atender às necessidades de mudanças imediatas que se deseja para a remodelagem do próprio corpo. O corpo, tido como capital, pode e deve ser investido com tudo aquilo que um mercado estético em expansão tem a oferecer. E a gravidez não escapa disso.

Fica claro, dessa forma, que os progressos tecnológicos da medicina vêm reformulando de maneira acelerada a relação do sujeito com o próprio corpo, não só no que diz respeito às questões do adoecer, mas também nas questões ligadas à beleza e ao envelhecimento (Fernandes, 2003). O avanço médico-científico contribui assim de maneira decisiva para a exposição do corpo e para a sua transformação em objeto de investimento de técnicas de reformulação (Fontes, 2006). Afinal, a medicina e a cirurgia plástica oferecem a possibilidade de transformações drásticas mediante uma passagem por mesas cirúrgicas, que por vezes são encaradas pelos mais desavisados como um processo rápido e mágico, sem grandes possibilidades de intercorrências, consequências, riscos ou sobressaltos.

É interessante notar como os discursos que normatizam o corpo, sejam eles científicos, tecnológicos, publicitários, médicos, estéticos etc., vão, pouco a pouco, tomando conta da vida simbólica/ subjetiva do sujeito. Corpos medicalizados lutam contra o cansaço, contra o envelhecimento ou mesmo contra a constipação, estando implícita a dinâmica perfeição/imperfeição (Vilhena, Medeiros & Novaes, 2005; Novaes, 2007).

2.4

De olho nas câmeras – um pouco sobre o papel da mídia

Grandes responsáveis pela difusão e manutenção dos discursos estéticos normatizadores e também do discurso médico, programas de televisão, revistas e afins sustentam os ideais de força de vontade e autodisciplina na busca por um corpo a ser exposto sem culpas. Tais veículos estariam propagando e vendendo a todo o tempo o que Bordieu (1989) chamou de “ilusões bem fundamentadas”: aquelas que frequentemente tomam como referência o discurso científico de

especialistas como médicos, psicólogos ou nutricionistas, prometendo a perfeição estética desde que sejam cumpridas rigorosamente as orientações propostas.

A internet, a televisão a cabo e outros veículos de comunicação surgem também como meios de exposição desses padrões de saúde e beleza. Nos dias atuais, com a globalização e a presença de meios de comunicação velozes, a importação e a difusão desses valores atravessam instantaneamente fronteiras geográficas.

Constatamos que o imenso interesse da imprensa pelas questões que envolvem o corpo pode ser verificado pela quantidade de reportagens que invadem o cotidiano tratando da saúde ou da doença e da abordagem estética. O corpo toma a frente da cena social. Sua forma ou seu funcionamento é assunto frequente (Fernandes, 2003).

A mídia condensa uma multiplicidade de imagens em que reinam superfícies lisas, fragmentadas, peles de luz e de papel (Sant'Anna, 1995). O corpo tido e apresentado como desejável nos meios de comunicação de massa é transformado em mero simulacro espetacular da imagem do que seria o tal corpo ideal (Fontes, 2006). Uma avalanche de corpos modelados por técnicas digitais parece tentar nos dizer: nada de corpos verdadeiros por aqui!

Pensando na mulher brasileira e na estrutura corporal da grande maioria delas, não é difícil perceber que esse corpo cheio de formas está distante do modelo feminino excessivamente magro proposto pelas mulheres das passarelas dos desfiles de moda, ou das barrigas tanquinhos e pernas saradas das mulheres dos *reality shows*.

Medeiros e Vilhena (2004) sugerem que, na contemporaneidade, prevalece a lógica de um jornalismo de impacto com apreensão rápida, panorâmica e globalizante do conteúdo transmitido, sobretudo, por meio de imagens – única forma de transmissão de conhecimento que pode se adequar à demanda de rapidez e imediatismo. No entanto, nesse processo, o que se perde é a possibilidade reflexiva do pensamento, ficando-se aprisionado ao fascínio das imagens.

Garcia e Coutinho (1999 *apud* Vilhena, Medeiros & Novaes, 2005) ressaltam que os ideais de prazer e bem-estar imediatos e contínuos são difundidos e apreendidos prioritariamente por meio dessas imagens. A consolidação do imediato como valor é um dos desdobramentos da lógica da sociedade de consumo. Para *ser* alguém, há que se *ter* um corpo bem modelado,

posição, dinheiro, bens. Os bens adquiridos garantem a inserção social do sujeito e são as insígnias de poder que se tornam definidoras de seu ser e de seu valor.

Dessa maneira, na propaganda, cada produto é associado a um estilo de vida, a um *status* social, a um ideal subjetivo, a uma “tribo”, como as mulheres jovens, os adolescentes, as gestantes, entre outros. Em contrapartida, o consumidor espera que, com a aquisição daquele produto, ele adquira também aquele padrão corporal, a filiação àquela tribo, aquele *status* (*id ibid*).

Em face da crescente competitividade de mercado, não basta ao sujeito ser competente ou interessante. É preciso aparentar uma imagem de competência que suscite interesse. Exemplo disso é a exclusão cada vez maior de pessoas gordas nos processos de recrutamento e seleção das grandes empresas, pois, num mundo francamente regido pela lógica mercantilista e no qual tudo parece estar reduzido a uma questão de *marketing* pessoal, ser gordo é sinônimo de ser pouco produtivo ou desleixado, o que certamente não agrega valor (Novaes, 2008).

É interessante pensar que, num primeiro momento, era pelo esforço pessoal que se abria o caminho possível para a aquisição da imagem de competência, sucesso ou boa aparência. Estudo, trabalho e academia eram meios disponíveis para se adequar ao modelo de sucesso, adquirir belas formas ou bens de consumo. Havia, portanto, um reconhecimento e uma validação do processo, de um tempo necessário para se alcançar tal modelo, tempo esse durante o qual era preciso lidar com a frustração de sentir-se, ainda, insuficiente (Vilhena, Medeiros & Novaes, 2005).

Era preciso – e possível –, por exemplo, sentir-se insuficientemente magra ou em forma após o nascimento de um filho. Vestiam-se cintas que contivessem a barriga distendida e roupas largas pelo tempo que fosse necessário. Tal como num ritual (o preto para o luto; o branco para o casamento...) – cujas funções por vezes parecem esquecidas –, as roupas largas de uma mulher recolhida ao lar deixavam claro que ali havia uma nova mãe, ocupada com novas tarefas, “livre” para temporariamente investir em um outro ser e não em si mesma. Tal tempo decorria até que o corpo pudesse voltar a se assemelhar ao que era antes.

Hoje, as cintas e as roupas largas continuam sendo alternativas para as novas mães, no entanto, o que parece estar em jogo é exatamente o quanto e como se suporta esse tempo de espera, de retorno àquele corpo conhecido. Quantas semanas ou meses de espera podem-se suportar nos dias de hoje? Quanto tempo

deve compreender aquilo que se pode chamar de “um tempo de muda”, necessário para a passagem de um corpo indesejável a outro corpo, mais possível ou viável de se encarar no espelho?

Não se pretende, obviamente, encontrar uma resposta única para tais questionamentos. A intenção é sugerir uma reflexão que parece pertinente, tendo em vista que se verifica hoje uma mudança sutil, mas significativa, referida ao tempo do processo. Com essa urgência, qualquer tipo de processo, antes de se constituir uma trajetória para se atingir uma meta, é vivido como obstáculo a ser superado. Experimenta-se, então, como sendo quase da ordem do insuportável, o adiamento da satisfação, que seria alcançada ao se atingir a meta idealizada. Todos os meios para se alcançarem resultados favoráveis imediatos parecem válidos (*id. ibid.*).

No entanto, uma busca desenfreada por rápidos resultados pode ter um custo. Em 2009, o caso de Tameka Foster, esposa do *rapper* americano Usher, teve repercussão mundial. Passados dois meses do nascimento do filho do casal, Tameka veio ao Brasil em segredo para se submeter a uma cirurgia de lipoaspiração. Durante a anestesia, teve uma parada cardíaca, chegando a ficar em coma induzido e hospitalizada por algum tempo. Seria esse um caso isolado, sem precedentes?

Os imperativos corporais dos dias atuais, o corpo grávido imaginariamente associado ao corpo obeso e o papel da mídia na difusão desses ideais podem ser claramente exemplificados pelas falas reproduzidas a seguir.

Tais falas foram proferidas por pessoas do convívio social da autora. Mulheres com idades entre 24 e 29 que ainda não tiveram filhos nem conviveram muito proximamente com mulheres que tenham tido. Seus referenciais a respeito da gestação estão baseados em suas impressões sobre a experiência de conhecidas ou familiares distantes e basicamente no que é difundido pela mídia. O fato de não terem vivenciado ainda uma gestação não impede que haja uma construção imaginária em torno de como será essa experiência um dia. Curioso observar no que se baseia o imaginário dessas mulheres. A entrevistada A., 24 anos, recém-casada, não pretende engravidar tão cedo. Declarou outro dia de maneira irônica:

O problema em pensar em ter filhos é que em algum momento eles precisarão ser feitos por nove meses! A barriga cresce, a gente fica gorda... isso não vai dar

certo! Se eles já viessem prontos, em prateleiras de supermercado... ou se pelo menos não demorasse tanto... seria muito mais fácil! Pra que nove meses?!

B., 29 anos, planeja engravidar dentro de um ou dois anos. Entre os cuidados que ela começa a vislumbrar, o mais presente e fundamental, até o momento, é “começar a malhar o quanto antes”! Afinal ela tem visto em reportagens que mulheres que praticam atividade física habitualmente antes da gestação têm mais facilidade para recuperar as formas em pouco tempo.

C., 28 anos, se casará em alguns meses e gostaria de emagrecer até seu vestido ficar pronto. C. nunca frequentou a academia por mais de dois ou três meses consecutivos, mas diz pretender, em breve, “tomar jeito” e praticar exercícios com maior constância daqui para frente. O motivo disso? Não é apenas o vestido de noiva. Ela diz que grávidas atletas são as únicas que estão permitidas a praticar exercícios físicos durante todo o período gestacional.

Interessante notar que qualquer outra dimensão de um processo gestacional está excluída de tais comentários. A gestação em si como um processo de adaptação psíquica a uma nova condição ou aspectos relacionados à maternidade em si não entram em questão. Não há como inferir que esses demais aspectos não povoem também seus imaginários, mas é indiscutível o valor que a forma física assume para essas mulheres e a associação imediata que ao corpo se faz quando falam sobre gestação.

Uma dessas mulheres é alguém com quem convivo muito, portanto poderíamos pensar, decerto, que estaria influenciada por meus estudos e pelo que venho lhe contando sobre eles. As outras duas, no entanto, são pessoas com quem pouco tenho contato, a última eu não via há alguns anos. Elas nem fazem ideia do tema que venho estudando, sequer do precioso material que estavam me fornecendo.

3

Ligeiramente grávidas – a gestação em tempos de culto ao corpo

3.1

***Fashion mom* – sobre um ideal de corpo grávido**

Castro (1998) ressalta que, no final da década de 1920 e ao longo dos anos 1930, o cinema de Hollywood já ajudava a transmitir novos padrões relacionados à aparência física, levando ao público a importância do *looking good*. Nesse momento, surgia uma novidade para a época: a difusão, para o mundo inteiro, de novos valores da cultura de consumo, por meio de imagens de estilos de vida glamorosos. As estrelas de cinema – que eram as celebridades da época – ajudavam a construir noções de vaidade física, introduzindo novos tipos de maquiagem, cuidados com cabelos e técnicas para corrigir imperfeições. De tal momento até os dias atuais, como vimos anteriormente, a difusão dos modos de consumo associados ao corpo alcançaram proporções que mesmo Greta Garbo, Marlene Dietrich e Bette Davis sequer poderiam imaginar!

Hoje, atuando como referenciais de beleza e representantes de uma estética corporal, celebridades em geral suscitam o interesse do público não só a respeito de seus trabalhos, mas também de seus modos de viver e de sua privacidade. Mais do que nunca se quer saber a respeito de suas intimidades e seus hábitos. Gradativamente, a estrela distante e inatingível de outros tempos torna-se a pessoa cuja vida podemos partilhar, mesmo que de maneira desinteressada, enquanto folheamos revistas no cabelereiro.

Se informações sobre a vida pessoal de mulheres famosas vendem revistas e jornais e atingem números altíssimos de cliques em reportagens virtuais, obviamente com suas gestações não seria diferente. Porém, é possível perceber que algo muito particular se impõe nas reportagens sobre tais gestações. Algo que parece chamar a atenção da mídia em geral, abrindo espaço para especulações diversas. Não estamos falando de aspectos relacionados à gestação em si, ao bebê, ou mesmo ao relacionamento da celebridade com seu companheiro. Claro que

qualquer um desses assuntos renderia um alto número de cliques na seção de entretenimento do *site* Ego da Globo.com. Mas nada parece suscitar mais interesse e render mais reportagens do que as informações e especulações sobre os corpos das celebridades nesse momento de suas vidas. Fato que levaria as mulheres de hoje frequentemente a reportarem-se a tais celebridades como representantes de uma estética da perfeição (Vilhena *et al.*, 2006) mesmo durante ou após suas gestações.

Afinal, quem não se impressionou com a forma física impecável da famosa cantora baiana, Claudia Leitte, logo após o nascimento de seu bebê? E quem não notou, em contrapartida, que a outra cantora baiana, Ivete Sangalo, se recusa a fazer o mesmo? Parece impossível, nos dias de hoje, manter-se alheio à sensação de que alguma coisa diferente vem acontecendo com a forma dos corpos maternos logo depois da chegada de seus bebês. Não que antes as mulheres não se importassem com a ideia de voltar a vestir aquela calça *jeans* aposentada por muitos meses. Mas de alguma forma, ao menos aos olhares mais atentos, isso tudo parece estar tomando outras proporções (Brazão *et al.*, 2010).

É interessante notar que, em novelas ou filmes, a gestação costuma ser retratada por “barrigas de grávida” que desaparecem por completo tão logo nascem os bebês. Instantaneamente, lá estão as novas mães da ficção, lindas e magras novamente (*op. cit.*).

Ideal de corpo que nos lembra das “Barbies grávidas” da década de 1990: essas bonecas podiam ter a barriga virada para fora enquanto gestavam e em seguida tê-la encaixada ao contrário, tão logo saísse de dentro um pequeno bebê. Em poucos segundos, a boneca de justas medidas retornava às suas formas originais.

Representações como essas nos fazem refletir. Seria esse um ideal de gestação da contemporaneidade? Gestantes magras que “só têm barriga” – como se costuma dizer popularmente – e formas prontamente restabelecidas tão logo nascem os bebês. Estariam as mulheres de hoje, no que se refere aos aspectos de seus corpos, desejando estar apenas “ligeiramente grávidas”?

Indagamos, simultaneamente, de que maneira o corpo feminino – historicamente associado aos seus conteúdos e formas (maternidade, gestação, mundo interno) – vem gradativamente assumindo a forma de um corpo liso, gelado e bidimensional das telas de computador e das capas de revistas (Novaes,

2006). O culto ao corpo ao qual nos habituamos a refletir na atualidade de fato parece estar ressoando nos corpos da gestação.

Deparamo-nos hoje com fotos de gestantes nuas, em poses extremamente sensualizadas. A constatação desse modelo de gestação e maternidade exposto na mídia nos leva a pensar: em que momento os longos vestidos soltinhos foram substituídos por seios cobertos pelas mãos e olhares capturantes (Brazão *et al.*, 2010)?

É interessante notar que a atual moda em relação ao vestuário para gestantes assemelha-se e se confunde com a moda proposta para as mulheres em geral, e já se foi o tempo em que era moralmente sugerido que cobrissem a barriga e vivessem tal período da vida de forma discreta, reservada e muito pouco sexualizada (*op.cit.*).

Presenciamos uma mudança cultural em relação ao corpo da gestação e notamos cada vez mais a difusão da imagem do corpo materno diferente de outros tempos. Se até algumas décadas atrás a imagem da mulher grávida e da maternidade estava relacionada à ideia da mulher interdita, hoje presencia-se um corpo erotizado (*op.cit.*).

Em outros tempos, esse modelo não era comumente veiculado ou socialmente aceito e quem tentou transpor esses limites e expor sua gestação foi fortemente rechaçada e causou estranheza.

Quem estava grávida era Leila Diniz, mas quem quase teve um filho foi o resto do país ao vê-la numa foto, de biquíni, na praia, com uma barriga de seis meses. Era agosto de 1971 e as grandes massas nunca tinham visto aquilo. A moda praia para grávidas era uma batinha costurada à parte de cima do biquíni ou o velho maiô (...). Hoje pode soar absurdo, mas choveram protestos, indignação e repulsa contra o gesto de Leila. Falou-se em deboche contra a maternidade, em afronta à Virgem Maria... (Castro, 1999, p.209).

Mirian Goldenberg, antropóloga que estudou a trajetória de Leila Diniz, entende que ela scandalizou quando exibiu sua barriga de grávida na Praia de Ipanema. Lançando uma imagem concorrente da grávida tradicional, que escondia sua barriga e suas formas em roupas soltas e escuras, a barriga de Leila materializou, objetivou e corporificou seus comportamentos transgressores, “tornando-se símbolo da mulher carioca, encarnando o espírito da cidade: corpo seminu, praia, sol, carnaval, festa, juventude, liberdade, sexualidade, alegria, irreverência, descontração...” (Goldenberg, 2002, p. 8).

Outro símbolo de rompimento no que diz respeito ao corpo grávido é a capa da revista *Vanity Fair* norte-americana, que, em agosto de 1991, trazia a atriz Demi Moore nua e grávida, tapando os seios com um dos braços. A publicação causou imediata polêmica na época. Porém, a partir daí, muitas foram as gestantes famosas que reproduziram esse feito: Britney Spears, Gabriela Duarte, Cristina Aguilera, entre tantas outras.

Atualmente expor a barriga grávida, na praia, como Leila, ou nas revistas, nua, como Demi, não é nenhum tabu. Contudo, como nos lembra Norbert Elias (1990), os momentos de relaxamento moral aparecem em contextos nos quais um alto grau de controle é esperado. Corpos mais expostos exigem maior autocontrole e cuidado com as formas, ao passo que, antes cobertos e escondidos – mesmo que espremidos por espartilhos –, os corpos em suas formas reais podiam estar liberados.

Notamos assim que o que está em cena hoje é o imperativo de um controle corporal extremo com uma finalidade primordialmente estética. Nunca antes o corpo esteve tão visado, medido, observado e controlado a fim de se adequar às medidas consideradas belas em nossos dias. O corpo nos dias de hoje não deve apenas parecer belo, quando coberto por roupas. Ele deve, quando desnudo, ser verdadeiramente belo. Parece-nos então que mesmo o corpo da gestação – seja durante os meses de gravidez ou no período que sucede o parto – não escapa disto.

Como grandes representantes dessa gestação em tempos de culto ao corpo, vimos quase que diariamente imagens de celebridades diversas orgulhosas com seus bebês recém-nascidos.

Sabemos que o corpo da mulher após o nascimento de seu bebê traz marcas dos meses de gestação e da experiência que vivenciou. Para que seu corpo volte a se assemelhar ao que era antes, precisará de tempo, algo que talvez se reflita em um incômodo nos dias atuais (Brazão *et al.*, 2010).

Como vimos anteriormente, na época da velocidade e da instantaneidade, a espera para alcançar um objetivo configura algo desprazível. Afinal, na cultura do prazer imediato e contínuo, e da felicidade a qualquer custo, o desprazer e a espera constituem algo difícil de ser mediado (Maia e Albuquerque, 2000).

Portanto, é interessante notar que, salvo algumas exceções, as *fashion mom* exibem corpos resultantes desse processo que, ao menos de roupa, parecem

permanecer intactos. Contribuem assim para um ideal de modelo corporal pós-gestação, mesmo negando ou relutando assumirem esse lugar.

“As pessoas acham que a gente dá à luz dois filhos e fica diante do espelho fazendo levantamento de peso. Faço levantamento de peso com criança”, disse Fernanda Lima em 2009, e Mel Lisboa, no mesmo ano: “Imagina ir para a academia num momento desses? Nem pensar! Não está na hora de ficar gostosa, mas de sossegar.”

O fato é que pouco saberemos sobre a realidade das gestações e da maternidade das mulheres famosas, pois, a isso não teremos acesso. Todavia, temos acesso às imagens veiculadas e aos discursos que as descrevem, comumente muito parecidos e normalizadores.

Entre os anos de 2007 e 2008, foi possível contabilizar aproximadamente 40 reportagens *on-line*, (a maioria no *site* Globo.com) com imagens e textos que fazem referência a gravidez de mulheres famosas. Como dissemos anteriormente, tais reportagens geralmente referem-se à estética feminina e às formas corporais dessas mulheres.

Razoável acervo para reflexão, acrescido de tantas outras reportagens até o início de 2011, leva-nos a pensar sobre a veiculação da estética, dos modelos ideais e dos padrões identificatórios na gestação que estão em jogo na contemporaneidade. Seria impossível, no presente trabalho, analisar a totalidade desse material, embora os aspectos fundamentais e recorrentes desses discursos possam ser expostos a seguir.

Nas reportagens pesquisadas, o discurso mais recorrente e que mais chama a atenção é a valorização da volta ao corpo pré-gestação em pouco tempo. São expostas como verdadeiras heroínas aquelas que parecem não se deixar marcar de forma indelével pelos excessos deixados pela gestação (Brazão *et al.*, 2010). As reportagens costumam contabilizar sempre o tempo decorrido do parto até o momento da foto ou da matéria em questão, para em seguida tecer algum comentário sobre a forma física da celebridade, como a seguir:

Com um belo vestido branco, Vanessa Giácomo reapareceu linda e em ótima forma depois do nascimento de seu filho Raul, de apenas um mês, fruto de seu casamento com o ator Daniel Oliveira. (...) “Dá um aperto deixar ele em casa, mas vale a pena para assistir a um *show* como esse”, disse a atriz que contou que está retornando à sua rotina aos poucos e que está fazendo natação para voltar à forma (*site* Ego, 2008). (Ver Figura 1 – Anexo 8.3.)

Poucos dias depois do nascimento de Sunday Rose, 7 de julho, Nicole Kidman já aparecia com barriguinha no lugar, com roupa de ginástica colada no corpo (*site Ego*, 2008). (Ver Figura 2 – Anexo 8.3.)

Mãe há dois meses, Camila Pitanga voltou à rotina de caminhadas, e o resultado já é visível na silhueta da atriz, que, antes de engravidar, arrasava como a poderosa Bebel de Paraíso Tropical (*site Ego*, 2008). (Ver Figura 3 – Anexo 8.3.)

Os trechos ora transcritos são alguns exemplos de uma série de reportagens que sempre reproduz esse mesmo discurso. Interessante notar que, nessas passagens, qualquer aspecto do que poderia ser dito sobre a maternidade em si dessas mulheres encontra-se, se não excluído, ao menos em segundo plano. A prioridade parece ser sempre o interesse em seus corpos. Notamos também que signos demonstrativos da sensualidade feminina são exaltados. O “belo vestido branco”, a “roupa colada ao corpo” ou mesmo o sensual papel outrora desempenhado pela atriz parecem demonstrar que as novas mães dos dias de hoje não devem, em hipótese nenhuma, deixar de ser mulheres desejáveis.

Boa parte das celebridades não poupa esforços procurando encarnar esses ideais. Moldando seus corpos, buscam enquadrá-los nos padrões difundidos, relatando práticas e cuidados adotados. Carolina Dieckmann, atriz carioca, revelou em entrevista como perdeu os 28 kg ganhos durante sua segunda gestação:

Eu passo fome. Agora, por exemplo, minha barriga está roncando, mas ok. Aí, tem uma barrinha de gergelim que é ótima e tem só 20 notas. Ela é docinha, dá até uma animada (Carolina Dieckmann, 2008). (Ver Figura 4 – Anexo 8.3)

Celebridades costumam até mesmo relatar que se acham, após a gestação, com peso menor do que costumavam ter antes de engravidar, sentindo-se até melhores com as novas formas, como revela o trecho a seguir:

De biquíni ou vestido solto, Isabeli (Isabeli Fontana – modelo) exhibe um corpo lindo. Ela recuperou a forma em pouquíssimo tempo após o nascimento de Lucas. “Estou melhor do que antes da gravidez”, diz, ressaltando que está malhando sem parar – até quatro vezes no mesmo dia. Isabeli engordou 15 quilos, emagreceu 17 e quer perder mais 1. Para retocar a imagem – que voltará às passarelas internacionais a partir de 27 de abril em Nova York (...) – Isabeli submeteu-se a uma cirurgia nos seios. “Dei uma levantada, eles estavam caídos”, revela (Contigo, 2007). (Ver Figura 5 – Anexo 8.3.)

Isabeli é uma das celebridades que declara sentir-se melhor do que antes de engravidar. Embora nesse caso seja fácil compreender o motivo de sua sensação, tendo em vista que a modelo não só encarou um processo árduo de malhação como recorreu a uma cirurgia nos seios.

Outro discurso que comumente é veiculado às imagens dessas mulheres após a gestação é a valorização do termo “sarada”, afinal, em uma cultura lipofóbica tal qual vimos anteriormente, não basta ser magra, é preciso ser sarada. Como nos lembra Rodrigues (1979), o termo sarado originalmente estava referido àquele que sarou seu males, como exemplifica a notícia sobre a *socialite* Nicole Richie publicada no *site* Ego em 2008: “Nicole Richie parou de amamentar a filha, Harlow Winter, de seis meses, a conselho do médico, e apareceu de shortinho, com perna sarada, na quarta, 23.” Talvez possamos inferir que Nicole esteja sarada dos males e prejuízos relacionados a ter uma perna e um corpo supostamente “deformados” pela gestação.

Mulheres que mantêm a silhueta esbelta apesar da gestação, expondo apenas uma pequena barriga de grávida, parecem ser extremamente valorizadas. Emblemática a foto de Gisele Bündchen – que procurou ao máximo preservar sua gestação da mídia mundial – escondendo sua barriga de aproximadamente cinco meses por detrás de um casquinho preto e sua pequena cadela da raça *yorkshire*. Devemos convir que ocultar uma barriga de quase cinco meses com um dos menores cachorros do mundo e um pequeno casaco não é um feito viável para qualquer mulher!

Valoriza-se também a rotina de exercícios que aparentemente são realizados em nome da saúde da gestante e do bebê. É inegável a importância, em termos de saúde, de se exercitar fisicamente, sobretudo na gestação. Contudo, o que parece estar em jogo em tais reportagens, como nos lembra Novaes (2006), é o discurso da beleza forjado pelo discurso da saúde.

Feitos atléticos e *performances* espetaculares, como as de Cynthia Howlett, reforçam ainda mais o imaginário social de se tratar, na realidade, de supermulheres. Elas seriam capazes de feitos incríveis, como ficar de cabeça para baixo mesmo com enormes barrigas, demonstrando assim que têm o próprio corpo – e suas formas – sob seu absoluto domínio e controle. Os trechos a seguir são exemplos desse discurso.

Todo mundo sabe que Cynthia Howlett é atleta, preocupada com a saúde e a boa forma física. Mesmo assim é impressionante ver a apresentadora fazendo exercícios de cabeça para baixo, sem mostrar nenhum desconforto com a barriga de 8 meses. (...) faz atividades desse tipo como rotina. Cynthia fica duas horas na academia praticando ioga, transport, natação e alongamento. O único exercício que aboliu foram as corridas. Nem as pedaladas foram suspensas. Agora dá pra entender como a futura mamãe permanece com o visual enxuto, a ponto de não parecer que está grávida ao ser vista de costas (*site Ego*, 2007). (Ver Figura 6 – Anexo 8.3.)

No quarto mês de gestação a atriz Lavínia Vlasak fez neste domingo o que uma grávida pode fazer para ter uma gravidez e um parto saudáveis: caminhou pela orla de Ipanema. (...) a atriz mostrou que o corpo continua esbelto apesar da barriguinha (*site Ego*, 2008).

É comum notarmos também que boa parte das reportagens refere-se a tais mulheres como detentoras de algum bem cobiçado pelo universo feminino. A expressão inveja é largamente utilizada, afinal, o que se inveja é o que se deseja para si. Pela lógica do consumo, e do corpo como mais um objeto na trama desses bens, aquilo que se deseja pode e deve ser adquirido, como vemos nos trechos a seguir: “Com uma disposição invejável, Cynthia correu ao lado de Du pela orla de Ipanema. Acha que foi pelo calçadão? Não! Pela areia da praia!” (*site Ego*, 2007) e “Sete meses depois de dar à luz Noah, Danielle Winitts apareceu assim, em ótima forma, numa gravação de ‘Guerra e Paz’, no Rio. Causou inveja” (*site Ego*, 2008). (Ver Figura 7 – Anexo 8.3.)

A aparente negação de um grande dispêndio de energia, tempo e dinheiro envolvidos no processo de aquisição de um corpo prontamente restabelecido é comumente relatada pelas celebridades. Muitas contam ter recuperado as medidas sem grandes esforços, apenas com o enorme gasto calórico proporcionado pela amamentação. Ou atribuem a boa forma física à suas tendências genéticas ou ao porte atlético. No entanto, há quem reconheça o enorme esforço para recuperar as medidas desejadas.

Até as mais fascinantes beldades passam por seus momentos de desespero por causa da aparência. Jessica Alba, a musa do Quarteto Fantástico, confessou para a revista britânica *InStyle* que teve momentos de desespero após dar à luz Honor Marie, em junho de 2008. “Doeu e eu chorei muito! Eu trabalhei com meu *personal trainer* três meses e meio antes de eu começar a filmar de novo, para perder os quase 25 kg que eu tinha ganhado”, afirmou a bela atriz (*site Mundo Pop*, 2010). (Ver Figura 8 – Anexo 8.3)

O que é interessante notar sobre o discurso do corpo da gestação em relação às celebridades é que aquelas que parecem resistir e recusam-se a encarnar o ideal de corpo proposto costumam ser duramente criticadas ou ironizadas, como na notícia a seguir:

Minnie Driver está mesmo levando a sério a declaração que deu durante a *première* da nova temporada da série “The Riches”, que dizia que ela estava só esperando o verão para ser gorda e feliz. A atriz de “Fantasma da Ópera” e “007 GoldenEye”, e que está no sétimo mês de gravidez, foi flagrada em uma praia em Malibu exibindo o seu barrigão feliz da vida. Sem se importar com as formas (ou ausência delas). Mas o que importa é: mamãe feliz, bebê feliz! (*site Ego*, 2008). (Ver Figura 9 – Anexo 8.3.)

E nesta, a respeito da cantora pop Britney Spears:

Nesta terça-feira, 12, ao chegar ao hotel Four Seasons, em Los Angeles, na Califórnia, a cantora mostrou que vai ter que malhar bastante para voltar a ter a silhueta sarada de princesa do pop. Com um short bem curtinho, Britney mostrou que a malhação não anda tão em dia assim: a cantora está cheia de celulite nas pernas (*site Ego*, 2007). (Ver Figura 10 – Anexo 8.3.)

Reportagens como essas e suas imagens associadas chegam a nós constantemente. Contudo, ao longo do percurso e interesse no tema, ficou claro que o imaginário social a respeito das grávidas famosas e do rápido retorno às suas formas anteriores à gestação é composto não apenas por corpos repletos de boa genética, disciplina ou que amamentam sem parar, como muitas costumam alegar. Boa parte das vezes as imagens que se acredita reproduzirem fielmente os corpos das celebridades após a gestação são retocadas no aplicativo de edição de imagens Photoshop. Imagens que nem mesmo são reais misturam-se a discursos proferidos em tom de verdade.

Importante ressaltar que apenas recentemente passou-se a exigir das campanhas publicitárias que informassem a respeito a utilização de imagens manipuladas. Essa medida teve como objetivo minimizar o impacto subjetivo que tais imagens provocam no consumidor, tendo como moto propulsor os casos de anorexia em adolescentes que buscam freneticamente o *look* vendido pelas revistas de moda (Brazão *et al.*, 2010).

Em incursões pelos campos que pesquisou, Novaes (2006) demonstrou ser recorrente o fato de as marcas deixadas pela gestação serem apontadas, pelas mulheres, como as grandes vilãs da forma física. O temor que essa “vilã” pode provocar pode ser exemplificado na fala de Adriane Galisteu, modelo e

apresentadora, que disse em uma entrevista que suas amigas atrizes, Claudia Leite e Daniele Winnits, foram fundamentais para que ela ficasse grávida. Um dos motivos: viu o quanto elas se mantiveram em forma durante e após a gravidez (Contigo, 2010).

Sabemos que a imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza, e difunde-se a ideia de que, caso ela não seja bonita, não será totalmente mulher (Vilhena *et al.*, 2006). Dessa forma, vemos aos poucos se desenhar aquilo que nas palavras de Nunes (2003) seria um modelo de identidade feminina condicionado não por suas conquistas no mundo privado ou público, mas por mecanismos de ajuste obrigatório à tríade beleza-juventude-saúde. Esse ajuste claramente pressupõe um apagamento de seus “excessos” de singularidade.

Como exemplo fundamental desses excessos de singularidade, que devem ser apagados, estão as marcas do envelhecimento e também aquelas deixadas no corpo pela gestação. Marcas que denotam uma história que já se desenrolou devem ser suavizadas ou até extirpadas, se possível for. Baseadas e dependentes dessa lógica, mensagens publicitárias de produtos femininos se utilizam desse discurso. Pode-se notar esse fato na propaganda veiculada pela marca de cosméticos Helena Rubinstein:

Nos tempos atuais é imperdoável que a gravidez faça com que a mulher perca a silhueta... A mulher deve ter um belo corpo para mostrar após os filhos estarem criados (Rubinstein, *apud* Novaes *et al.*, 2008).

Diana Zuckerman (2008), do Centro Nacional de Pesquisa de Mulheres e Famílias dos EUA, acredita que os reflexos da preocupação com o corpo no período gestacional surgem no momento em que esta fase deixa de ser vivida apenas como um processo que leva a transformações físicas naturais para ser encarada de forma indesejada. Para essa autora, pode-se pensar que socialmente há um *marketing* para conseguir tornar repugnante e inaceitável a imagem do corpo feminino após o parto, pois se trata de um grande mercado no qual cirurgias e intervenções diversas poderão ser comercializadas (Brazão *et al.*, 2010).

Conhecidas como “*mommy makeover*” ou “*mommy job*”, as cirurgias plásticas pós-parto vêm sendo difundidas nos EUA e Inglaterra e vendidas em pacotes. Estas prometem levantar os seios, definir o abdômen e acabar com as gordurinhas. Esse conjunto de cirurgias que prometem apagar as marcas

esteticamente inaceitáveis deixadas pela gestação já é bastante difundido no Brasil (Iwasso, 2008).

Importante dizer que o termo *mommy makeover* refere-se a um “pacote” de cirurgias que promete eliminar as marcas deixadas pela gestação, não importando em que momento tenha ocorrido essa gestação. Há um consenso médico que diz que nenhuma cirurgia plástica deve ser realizada em um período menor do que seis meses após o término do aleitamento materno. Dessa forma, as cirurgias incluídas no pacote podem referir-se tanto a plásticas realizadas em mulheres que tiveram filhos há pouco tempo, como naquelas que estiveram grávidas há 10, 20 ou 30 anos, por exemplo. Posto isso, evidenciam-se ainda mais o aspecto mercadológico desse termo e a forma como o corpo resultante da gestação vem sendo encarado como algo esteticamente inaceitável em nossos tempos. Afinal, plástica de seios ou de abdômen – que poderiam ser realizadas em qualquer momento da vida feminina e por qualquer outro motivo – são automaticamente relacionadas ao corpo que foi marcado pela gestação.

Segundo a Sociedade Americana de Cirurgia Plástica, em 2009, mais de uma em cada quatro mulheres (29%) disse que se submeteria às chamadas *mommy makeover*, caso o aspecto financeiro para a realização de tais cirurgias não fosse um fator impeditivo. No Brasil, não há dados sobre essa procura específica, embora no *site* da Associação Brasileira de Cirurgia Plástica conste que, em 2009, (segundo a pesquisa encomendada ao Datafolha citada anteriormente), 402 mil mulheres se submeteram a cirurgias plásticas. Desse total, 96 mil foram para implantes de silicone e 91 mil foram para lipoaspirações. Apesar de não termos dados exatos, podemos imaginar quantas dessas mulheres podem ter se referido às marcas deixadas pela gestação como fator motivador para a escolha de tais procedimentos.

Seja de maneira radical (no caso das cirurgias) ou por meio de procedimentos menos invasivos (como a procura por cosméticos, massagens ou atividades físicas), o culto ao corpo após a gestação parece estar encontrando inúmeras adeptas.

3.2

Também quero ser capa de revista: ressonâncias de um ideal

O processo de autoconstrução do corpo arrebanha fiéis que encarnam a crença de que, com disciplina, determinação e uma grande dose de abnegação, a boa forma é possível e traz uma incrível melhoria de vida e felicidade. A promessa do encontro com o corpo ideal tem um apelo mercadológico fortíssimo e assume posição de destaque na mídia, como vimos anteriormente.

É interessante notar, pelos discursos de “mulheres comuns” no mundo virtual, a forma como tais ideais ressoam e parecem ocupar a rotina de boa parte da população feminina.

Uma rápida busca sobre o tema do culto ao corpo e gestação pelo mundo virtual nos coloca diante de dois *blogs* que nos parecem emblemáticos no que se refere ao tema em questão. São eles: *Recuperando a Silhueta – Yes I can!* e *Grávida e Gata: o blog da grávida que não queria barangar*. Nesses *blogs* encontramos relatos minuciosos de dietas alimentares, fotos de celebridades que funcionam como inspiração e registro de metas a serem alcançadas (Brazão *et al.*, 2010).

Talvez em busca de visibilidade, de regulação e de olhares externos, as autoras de tais *blogs* parecem querer reproduzir o feito que conhecem tão bem: o resultado dos corpos das celebridades sobre os quais todos podem observar e opinar. Tais *blogs* assemelham-se aos vídeos postados no *Youtube*, nos quais a protagonista relata uma espécie de diário alimentar, rotina corporal ou até mesmo nos conta sobre sua recuperação após cirurgias plásticas de *mommy makeover*.

Estão convidados a segui-las aqueles que quiserem acompanhar de perto a evolução de seus corpos até que sejam alcançadas as metas de emagrecimento e transformação corporal. Também estão convidados a segui-las aqueles que quiserem ouvir as constatações de que as dores após os procedimentos cirúrgicos foram muito mais intensas do que haviam imaginado. Mas isso parece ter pouca importância durante a narrativa, na totalidade do relato em si, que discorre em seguida, por exemplo, sobre a compra das novas roupas que já foi possível realizar.

Fica claro que, para todas essas mulheres, o restabelecimento da forma física desejada é uma tarefa árdua e muito valorizada. Isto contradiz o discurso

comumente veiculado na mídia de que a volta ao corpo pode e deve ser algo rápido. De fato, para algumas mulheres pode ser assim, mas não para todas, pois irá depender de fatores como o biótipo de cada uma e os hábitos alimentares e de exercícios físicos até mesmo anteriores ao período gestacional.

A rede virtual funciona então, como forma de dividir anseios e conquistas, obter apoio de mulheres identificadas com a questão e mostrar os resultados corporais obtidos.

Hoje, o mundo virtual favorece encontros de tal ordem que no mundo real jamais seriam possíveis. Redes sociais em expansão e milhares de pessoas conectadas – em sua maioria mulheres – trocam fórmulas, dietas, rotinas de exercícios, dicas preciosas. Métodos compensatórios para quem comeu em excesso são detalhados com riqueza (*op. cit.*).

Sabemos que, na rede mundial de computadores, há formas de encomendar remédios que prometem milagres e não poderiam ser comercializados livremente. Notamos que as mais variadas formas de apropriação e modelagem do corpo – que antes estariam localizadas na intimidade dos lares femininos ou no máximo partilhadas com as pessoas mais próximas – hoje podem ser rapidamente difundidas como prescrições infalíveis em busca de um corpo perfeito. Na maioria das vezes ocorrem sem qualquer espécie de filtragem.

Na comunidade virtual da revista *Boa Forma*, encontrada no *site* de relacionamentos Orkut, é possível ler as falas das usuárias a respeito da forma física das celebridades grávidas ou das que tiveram bebês.

Essas usuárias parecem reproduzir os discursos da mídia, enaltecendo aquelas que se encontram em ótima forma física e criticando aquelas que ganharam muito peso. Chama a atenção o fato de que elas parecem estar em busca de segredos ou mágicas para lidar com seus corpos e demandam fortemente que as celebridades dividam com elas suas práticas, hábitos e dietas.

Trata-se de um pedido de ajuda para que algo que lhes é externo venha ensinar alguma prática eficaz para aplacar a angústia existente por sentirem-se incapazes de gerenciar seus próprios corpos.

Algumas usuárias se inquietam. Dizem não acreditar mais nos “segredos das celebridades” e exigem que estas “contem a verdade”. Na fala de uma das entrevistadas de Novaes (2006, p.77), podemos ver claramente esse tipo de inquietação:

Acho o fim da picada quando vejo uma daquelas globais que malham dezessete horas por dia, vivem à base de alface e dedo na goela e dizem que o segredo da boa forma é um copo d'água e uma caminhada leve.

Resultado de tudo isso são as informações incompletas e mensagens truncadas atreladas a imagens fictícias. Certas vezes a curiosidade acerca desses corpos é tamanha que, a fim de dar algum sentido ao que se vê nas formas físicas das celebridades, especula-se sobre lipoaspiração na hora do parto, plásticas posteriores a gestação, dietas ou tratamentos estéticos que não são divulgados por completos.

Questionada sobre as práticas corporais que adotou após o nascimento de seu filho Marcelo, a cantora baiana Ivete Sangalo declarou recentemente numa entrevista para a televisão, em seu típico tom jocoso: “Disseram por aí que eu estava tomando um chá. Chá coisa nenhuma! Eu tenho que tomar é vergonha na cara!”

Apesar de criticar ao longo dessa e de outras entrevistas o rígido padrão corporal imposto às *fashion moms* nos dias atuais, deixando claro que seu corpo não é uma prioridade no momento, Ivete demonstra ter internalizado a noção de moralização do corpo feminino proposta anteriormente. Manter-se magra e em forma nos dias de hoje é um dever moral, denotativo de caráter, e não simplesmente uma escolha pessoal. “Tomar vergonha na cara” (*sic*) ou chá emagrecedor teria a mesma finalidade.

Há décadas as revistas especializadas no público feminino encontram mercado ao tecerem promessas de respostas definitivas para as mais diversas aflições. Como nos lembra Featherstone (1995), as revistas publicavam o segredo das estrelas e ofereciam às leitoras a chance de se autoajudarem, com anúncios chamando a atenção para providências de remédios contra acne, seios grandes ou pequenos, pele oleosa ou ressecada. Agora mais do que nunca, as revistas femininas parecem estar sendo cobradas por essas respostas. Os veículos digitais permitem que um número incontável de leitoras e usuárias se exponha e se queixe do conteúdo das informações que para elas não é mais satisfatório... e provavelmente nunca será (Brazão *et al.*, 2010)!

Apesar do bombardeio de ideais de beleza, saúde, juventude e consumo, não há como pensar, como nos diz Novaes (2006) que o sujeito viva todas essas

experiências de forma passiva e acrítica. É preciso saber um pouco mais sobre a vivência das mulheres de hoje diante de tais questões.

Foi a partir dessa cena social analisada até o momento que se realizou uma pesquisa qualitativa, buscando compreender um pouco mais sobre como é, nos dias de hoje, lidar com o próprio corpo depois da gestação. No entanto, não seria possível analisar de maneira satisfatória as falas das entrevistadas sem o respaldo de algumas considerações a respeito do que entendemos por maternidade na contemporaneidade. Ou sem considerações a respeito do psiquismo feminino da mulher grávida e das novas mães, pontuando a função que o papel materno exerce aos bebês e à sua constituição psíquica.

Idealmente, seria interessante que tais aspectos pudessem ser mais amplamente abordados nessa pesquisa, mas essa ampliação precisou ser descartada do recorte desse trabalho. Fica para uma outra ocasião discorrer ou pesquisar mais profundamente sobre o que poderia ser pensado num âmbito de intervenção precoce em bebês de mulheres demasiadamente investidas em seus corpos.

4

Que corpo é esse que não conheço? Considerações sobre a maternidade

Diversos autores como Brazelton e Cramer (1992), Stern (1997), Winnicott (1956), Szejer e Stewart (1997), entre outros, já concordaram que o processo de constituição da maternidade inicia-se muito antes da concepção. É possível pensar que, desde muito cedo, uma mulher comece a se preparar para o papel de mãe que um dia poderá vir a desempenhar.

Seja a partir das primeiras relações de identificações com sua própria mãe e com as mães de sua família ou em suas brincadeiras de faz-de-conta de menina. Seja quando se dá conta de que deseja, mesmo que no futuro, ter um filho. Ou quando de fato engravida e espera seu bebê.

Piccinini *et al.* (2008) lembram-nos de que aspectos transgeracionais e culturais, associados ao que se espera de uma menina e de uma mulher, tanto na família como numa determinada sociedade, também contribuem fortemente para esse processo.

Já a gravidez em si é um momento de importantes reestruturações na vida da mulher e nos papéis que ela exerce. Primíparas (“mães de primeira viagem”, como se diz popularmente) precisarão fazer uma passagem de sua condição de filha para a de também mãe. Casais precisarão renegociar aspectos de seu relacionamento conjugal e de sua situação socioeconômica. Mulheres muitas vezes irão sentir necessidade de repensar e adequar suas atividades profissionais. Piccinini *et al.* (2008) entendem que todas essas mudanças são mais impactantes nas gestantes primíparas apesar de as multíparas também as viverem com intensidade.

Quando vemos em revistas celebridades sorridentes nos apresentando seu novo bebê em meio a quartos coloridos e tranquilos, até esquecemos o que de fato costuma ser esse momento inicial de adaptação à chegada de um bebê. Cuidar de um recém-nascido comumente envolve noites sem dormir, dias longos, tensão, cansaço e talvez problemas com a amamentação. Ter um recém-nascido em casa é, não só fisicamente, mas também emocionalmente, um trabalho árduo.

Não apenas o bebê com suas demandas próprias, mas também a sociedade estabelece inúmeras exigências a serem atendidas pela mãe, sem necessariamente proporcionar-lhe a adequada preparação e os meios para fazê-la.

Stern (1997) afirma que o relativo desaparecimento da família ampliada para ajudar a mãe não foi adequadamente substituído por nenhuma outra forma de rede social e por nenhuma estrutura médica ou de saúde satisfatória. Sozinho, o casal deve dar conta de proporcionar o apoio necessário para seu bebê, o que ele define como uma tarefa quase impossível.

Muitas vezes, sem qualquer apoio ou treinamento, exige-se que a mulher desempenhe sozinha seu papel de mãe. Ainda hoje a maternidade é considerada instintiva. Essas exigências se refletem na insegurança da mulher por vezes desde a gestação e se traduzem em conflitos, medo e sensação de incapacidade para cuidar de seu bebê (Pirim, 2002).

Antigamente as mulheres casavam-se jovens, não trabalhavam fora e depois do casamento esperava-se que os filhos viessem depressa. Pirim (2002) aponta que, por meio de um processo lento, as mulheres foram conquistando novos espaços além do ambiente doméstico. O trabalho, além de prover sustento, também é fonte de prazer. Hoje, vemos mulheres priorizando suas carreiras, investindo em si mesmas, adiando o projeto de ter um filho. Atualmente, mulheres de todas as classes sociais estão fortemente inseridas no mercado de trabalho.

No entanto, Pirim (2002) acredita que, ao contrário das mulheres cujo papel estava definido e restrito à maternidade, a mulher atual é preparada para liderar e muitas vezes não se sente preparada para nutrir e dar conta de um filho. Dessa forma, a gravidez passa a ser, mesmo que desejada, também temida pelas mulheres, pois adquire para elas significado de frustração e de medo da impossibilidade de um bom desempenho.

Stern (1997) declara que, em nossa cultura, atribui-se um grande valor ao papel maternal. Comumente as mulheres são avaliadas como pessoas por sua participação e sucesso no desempenho desse papel. Além disso, é dela a responsabilidade pelos cuidados com seu bebê, em prover suas necessidades e mantê-lo vivo, mesmo que tais cuidados sejam delegados a outras pessoas.

Entre as exigências culturais com que as mulheres se defrontam quando se tornam mães, uma delas talvez seja a mais emblemática: espera-se

fundamentalmente que toda mulher ame de maneira incondicional seu bebê (*op.cit.*).

Em outros tempos não era assim. Badinter (1985) aponta que, no século XVIII, em alguns países da Europa, por exemplo, os sentimentos e cuidados que as mães dispensavam a seus filhos eram decerto diferentes. É até possível dizer que muitas vezes pareciam inexistentes. Ao nascer, as crianças normalmente eram entregues muito cedo às amas-de-leite, que as amamentavam e as criavam, e só retornavam para a casa dos pais depois dos cinco anos aproximadamente. Na maioria das vezes morriam e inúmeras vezes voltavam “estropiadas, enfermas e agonizantes” (Badinter, 1985, p. 68).

Damas da nobreza recusavam-se a perder seu tempo cuidando ou amamentando seus bebês. Ocupar-se de uma criança não era elegante nem divertido. Uma mulher que tinha vida social, jogava e dançava todas as noites até as primeiras horas da manhã não tinha nenhuma disponibilidade para dedicar-se aos cuidados de que crianças pequenas necessitam.

Dessa forma, amamentar o próprio filho, por exemplo, tornou-se rapidamente marca de distinção entre a nobreza e as demais e equivalia a confessar que não se pertencia à melhor sociedade. Era preciso contratar uma ama de leite.

Mas não somente as mulheres de famílias mais abastadas delegavam a outras os cuidados de seus filhos. Se estas se viam impossibilitadas de abrir mão de uma vida social, mulheres de classes mais baixas viam-se diante de outra impossibilidade. Precisavam trabalhar, até mesmo como amas-de-leite, e entregavam seus bebês para serem cuidados em asilos. O número de mortalidade nesses asilos era enorme.

Badinter (1985) acredita que, para muitas dessas crianças, os pais tiveram uma escolha a fazer entre seus interesses pessoais e a vida dos filhos. Mesmo no caso das famílias mais ignorantes ou necessitadas, é curioso notar a falta de interesse que tinham em procurar saber o que se passava com seus bebês enquanto eram cuidados pelas amas. Por vezes, uma mesma mãe perdia vários filhos e diante de tais acontecimentos respondia com certa resignação.

Ainda segundo Badinter, nos séculos XVII e XVIII, a sociedade não atribuía à criança o lugar que atualmente lhe conferimos. Se hoje temos a

convicção profunda de que a morte de um filho deixa marca indelével no coração de seus pais, no passado esse fato era tratado com certa indiferença.

Essas são algumas das reflexões que servem para exemplificar o que Badinter constatou em sua pesquisa sobre o amor materno ao longo dos tempos. O sentimento que se espera que seja universal em nossa cultura – o amor incondicional das mães por seus filhos – não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, mas algo que se adquire.

As manifestações desse amor ou de qualquer outro sentimento encontram-se de acordo com o contexto cultural no qual estão inseridas. Tendo em vista que o amor materno seria apenas um sentimento humano como outro qualquer, pode ser variável ao longo dos tempos e por vezes frágil, incerto e imperfeito. Badinter compreende que esse amor pode aparecer ou desaparecer, mostrar-se frágil ou forte, preferir um filho ou ser de todos.

Tão importante quanto compreendermos os ideais aos quais a maternidade está associada em nossa cultura é buscarmos compreender os processos psíquicos femininos referentes ao tornar-se mãe.

Aragão (2007) sugere que as experiências corporais da mãe e as mudanças físicas que ocorrem durante a gestação sejam indissociáveis de suas experiências psíquicas, assim como ocorre no modelo dos bebês. A psicanalista entende que há na gravidez uma alteração fundamental da referência de si mesma, e a alteração corporal induz necessariamente a uma mudança na imagem do corpo, afetando a representação narcísica da mulher conforme seus limites corporais se modificam.

Sentimentos de estranheza diante das alterações corporais são comumente manifestados pelas gestantes. O próprio corpo, que antes era familiar, torna-se estranho. O estranhamento referido pode ser justificado como uma percepção das gestantes sobre a entrada numa nova etapa, sobre a qual elas não têm controle. O corpo vai se transformando num ritmo autônomo, diferente do tempo da fantasia. Podemos entender que as transformações físicas da gestação são capazes de despertar diversos sentimentos de naturezas variadas, mas que sempre repercutem de alguma forma na vivência da gravidez (Piccinini *et al.*, 2008).

Myrian Szejer, psicanalista francesa, tece uma abordagem psicanalítica em torno da gravidez e do nascimento em diversos de seus trabalhos, considerando aspectos relativos à mulher, ao casal e ao bebê. Segundo a autora, as modificações

corporais femininas na gravidez exercem impactos subjetivos e valem a pena ser abordados.

Szejer (2003) lembra-nos que, no momento em que há a confirmação de uma gestação e ela pode ser anunciada e reconhecida por terceiros, um período de incertezas e ambivalências tem início. A forma como cada mulher administrará as questões referentes a essa nova experiência predeterminará o sentido que a gestação terá, inscrevendo-a em um contexto específico que o torna único.

A história da gravidez aborda o modo como cada mulher suporta as modificações físicas inerentes à gestação e também as mudanças que devem ser feitas em seu meio social e familiar em virtude de seu estado.

Szejer & Stewart (1997) apontam que durante o primeiro trimestre de gestação surgem as primeiras modificações da percepção e da imagem do corpo. Essas mudanças referem-se tanto ao corpo em si, quanto a percepções mais sutis e particulares referentes a cheiros e gostos que podem vir a ser percebidos de maneiras diferentes. Szejer (2003) cita que, em algumas mulheres, as primeiras modificações físicas ocasionadas pela gestação podem ser observadas muito rapidamente, enquanto outras permanecem com um corpo idêntico durante muitos meses antes que possam elas mesmas ver ou perceber algo, tomando assim consciência de sua gestação. A psicanalista entende esse fenômeno como uma forma de negação, que pode ser mais ou menos inconsciente, de se conformar à imagem da mulher maternal, fecunda e generosa. Pode também estar relacionado à imagem que a mulher tem de sua própria mãe – afinal, foi ela quem a marcou inicialmente com os significados do que vem a ser mãe – ou então pode estar referida à relação do casal, com relação à capacidade feminina de sedução e à sexualidade.

Passado o primeiro trimestre da gestação, o corpo da mulher já se encontra bastante modificado e essas mudanças visíveis podem ter consequências para o casal. Às vezes alguns pais passam a não desejar mais esse corpo em processo de mudança, deixando de se interessar por sua companheira. O homem poderá reagir às modificações corporais encarando-as como algo repulsivo ou erotizante. De fato, dificilmente ficará indiferente.

Um homem que vive as modificações corporais da mulher como algo repugnante talvez só seja capaz de se sentir atraído por mulheres jovens, e, diante da imagem do corpo da mulher fecunda e mãe, passe a vê-la como interdita. Pode

também já perceber no filho um rival e se sentir excluído da relação fusional entre mãe e bebê. A mulher, por sua vez, pode vivenciar o recuo do homem como uma recusa a ela e ao seu filho. É comum vermos casamentos desfeitos ou homens que não conseguem mais cortejar suas mulheres. Mulheres que se fecham em sua gravidez e se deixam engordar em excesso, passando assim a ocupar apenas o lugar de grávida, futura mãe. Porém, é possível que também esses casais retomem a relação encontrando uma saída, seja através de um movimento das partes durante a gestação, seja após o nascimento, com as modificações corporais e subjetivas que se seguem (*op. cit.*). Szejer & Stewart (1997, p. 121) sugerem que “o que nesse momento é renegociado nas relações do casal e na sua sexualidade pode ser entendido como um modo de construir, já, um lugar para seu filho que está por vir”.

Os primeiros movimentos fetais vêm mostrar à mulher que o período de simbiose do primeiro trimestre acabou e que o seu corpo está ocupado por um pequeno ser diferente dela, do qual em algum tempo ela terá que se separar. Gradativamente seu corpo vai mudando, o bebê crescendo, tomando seu espaço no corpo materno até que possa estar pronto para nascer e de fato assumir seu espaço no mundo.

A ideia de que, com o nascimento, a mulher “perdeu” seu bebê como algo que era só dela e que agora seu filho faz parte do mundo real é vivida por algumas gestantes como uma espécie de luto. Trata-se de uma separação e nesse momento separações não elaboradas de sua história podem vir a ser reeditadas (Szejer, 2002).

Além do luto pela separação, a nova mãe precisará se deparar com um bebê real. Este, conforme chega, vai deixando claro para a mãe que o bebê imaginário que vinha sendo construído desde suas brincadeiras de menina precisará, ao menos em parte, se despedir. Ele possivelmente não se assemelhará em muitos aspectos ao bebê real à sua frente, que chora e parece por vezes impossível de ser decifrado.

Golse (2002) nos lembra que para os pais existem quatro tipos de bebês que estes têm em mente antes da chegada do bebê real. Trata-se de representações paternas que teriam influência na relação que estabelecerão esses pais com o bebê que acaba de chegar e conseqüentemente influenciarão o desenvolvimento desse

novo ser. Seriam estas as representações: a criança imaginada ou fantasmática, a criança imaginária, a criança mítica e a criança narcísica.

A criança imaginada ou fantasmática seria aquela que os pais têm em mente a partir de sua própria história. Desde o início da vida, cada um dos pais tem uma série de representações inconscientes que se organizam e formam a criança imaginada.

A criança imaginária, por sua vez, seria uma representação bem menos inconsciente e pertencente ao casal, uma construção do casal, que cria representações e atribui qualidades ao bebê antes mesmo de ele nascer.

A criança mítica ou cultural refere-se a um grupo de representações coletivas de determinada sociedade em um determinado momento histórico, social e cultural. Sendo assim, a criança mítica é diferente em cada um desses contextos.

Já a criança narcísica representa para os adultos a sucessora de seus ideais. Para os pais, elas serão mais fortes, mais bonitas, mais ricas. Cada um tem em si a sua criança narcísica, que estaria relacionada ao que Freud (1914) denominou “sua majestade o bebê”. O fantástico bebê que nada mais é do que o narcisismo dos pais renascido e transformado em amor objetal.

Além de ter que se despedir do bebê de suas fantasias e lidar com uma série de renegociações, podemos pensar que uma das primeiras decepções da mulher após o parto é a constatação de que seu corpo não voltará instantaneamente ao que era antes. É possível que nunca volte a ser exatamente igual (Szejer, 2002).

Cada uma negociará essa decepção de maneira particular, e algumas podem encontrar nas modificações corporais um motivo para a depressão, enquanto outras descobrem compensações nas suas novas formas que marcam o seu novo *status*. Algumas se desesperam ao ver sua sedução comprometida e tentam remediar os mínimos detalhes, as imperfeições, enquanto outras estão tão ocupadas com sua função materna que levam meses para voltar a pensar nessas questões.

Não é incomum percebermos mulheres descuidadas, negligentes com sua própria aparência e asseio, enquanto seus bebês estão sempre impecáveis, arrumados e cheirosos. Ocorreria assim uma descentralização da mulher. Seu centro passa a ser o bebê e não mais ela mesma. Aos poucos, a mulher retomará a posse do seu corpo, que mudou profundamente, e não raro têm vontade de

reencontrar seu corpo anterior, como se quisesse cancelar sua gestação e reconhecer-se em meio a um corpo diferente do que reconhecia como seu. A necessidade de reencontrar o equilíbrio perdido em meio a tantas mudanças é também uma forma de compreender essa decepção com seu novo corpo (Szejer & Stewart, 1997).

Szejer (2002) nos lembra que mesmo aquelas mulheres em quem pouco se notam mudanças têm suas próprias queixas acerca de detalhes que para muitos poderiam parecer imperceptíveis ou sem grande importância. Ela pode decepcionar-se com as transformações, e precisará fazer o luto do seu corpo de antes. E cada mulher irá gerenciar essa decepção ao seu modo. Algumas têm muita pressa em reencontrar a sedução que acreditam ter ficado comprometida e só pensam em emagrecer, fazer esportes, malhar e remediar as imperfeições do corpo. Outras pensam apenas na função materna. Tudo depende da maneira como cada uma concebe os vários aspectos da feminilidade, do filho, da maternidade, de ser mulher. A relação da mulher com suas formas pós-gestação também irá depender do olhar do marido ou companheiro, que pode sentir-se atraído ou fugir desse novo corpo.

Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês que contribuiu significativamente para a compreensão das relações precoces do bebê com sua mãe, compreendeu que o descentramento ocorrido com as mulheres na ocasião do nascimento de seus bebês está relacionado a um estado que ele denominou Preocupação Materna Primária (1956).

Típico do final da gravidez e pós-parto, este estado é caracterizado por uma regressão emocional da mãe à sua infância, que propicia a identificação com o bebê, tornando-a mais apta a compreender e atender às suas necessidades. A mulher grávida iria sendo tomada, cada vez mais, por um estado de extrema sensibilidade, que atinge seu ápice no momento que se segue imediatamente ao parto e pode durar algumas semanas. Essa sensibilidade é dirigida às necessidades do bebê e trata-se de um estado de verdadeira fusão emocional.

Este estado organizado (que, se não fosse pela gravidez, seria uma doença) poderia ser comparado a um estado retraído, ou a um estado dissociado ou uma fuga, ou mesmo a uma perturbação a um nível mais profundo, tal como um episódio esquizóide, no qual algum aspecto da personalidade assume temporariamente o controle (Winnicott, 1956, p. 494).

Para Winnicott, um bebê não existe sozinho, ou seja, ele é sempre parte de uma relação. Isso quer dizer que, ao tentar descrever um bebê, logo se percebe estar descrevendo um bebê e alguém. Segundo o autor, não se pode pensar o estudo dos processos psíquicos da criança em separado do estudo da função materna e do ambiente adequado.

Winnicott afirma que é ao longo do tempo da gravidez que a mãe desenvolve progressivamente sua capacidade de identificação com seu bebê. Tanto quanto seu bebê, a mãe também precisa do tempo da gestação para, no seu tempo psíquico, constituir-se como mãe.

Como nos lembra Aragão (2007), o tempo da gestação é um tempo de elaboração necessário para a construção da representação do bebê no imaginário da mãe. A duração da gravidez vai marcando para ela o processo do crescimento de seu bebê dentro de si e é como se esse tempo de desenvolvimento do feto favorecesse concomitantemente a criação do bebê imaginário no psiquismo da mãe.

Esse período seria necessário para possibilitar o esboço da criação de um espaço psíquico materno constitutivo de um suporte no qual o bebê possa advir como um ser subjetivado, e não mais como um ser biológico somente (*op. cit.*).

Com a grande parte das mulheres vai acontecer o que Winnicott (1949) chamou de mãe “normalmente devotada”. A mãe “normalmente devotada” define-se por sua capacidade de se preocupar com o filho, excluindo qualquer outro interesse. É exatamente porque ela pode se colocar no lugar de seu bebê que este se desenvolve harmoniosamente, sem ser excessivamente perturbado por qualquer tipo de privação, sem interrupções bruscas no que ele chamou de linha de continuidade do ser. Se ela não consegue fazê-lo, suas carências provocam fases de reações aos choques que interrompem essa continuidade e conseqüentemente o bom desenvolvimento da criança.

Essa mãe devotada ou “suficientemente boa” (Winnicott, 1956) não somente cria um ambiente facilitador, como ela é esse ambiente. Entretanto, para que ela possa exercer a contento sua função, precisa sentir-se protegida e inserida em um ambiente facilitador para ela mesma. Para poder exercer sua função e entrar nesse estado, a mulher precisa também encontrar em seu meio o respaldo e a segurança necessária que a permitirá ser capaz de cuidar de seu bebê a partir do momento em que também se sente cuidada. A presença do companheiro e de uma

rede social acolhedora constitui-se em grande facilitador e é de extrema importância nesse processo.

Importante ressaltar que, para Winnicott (1956), a facilitação de um ambiente que favoreça o desenvolvimento do bebê provém da sensibilidade de uma mãe suficientemente boa para um dado bebê e não de aprendizado. No entanto, pode-se dizer que não existe ambiente totalmente bom e nem mãe totalmente boa em si.

A qualidade de adaptação da mãe ao bebê lhe é transmitida pela sua própria mãe, quando ainda bebê. Há fatores que podem impedir uma mãe de exercer de forma suficientemente boa a sua função. As falhas da mãe suficientemente boa serão sempre traumáticas para o bebê, mas há gradação na intensidade com que o atingem. Algumas mulheres serão capazes de perceber suas insuficiências de exercerem sua função e providenciarão “substitutos”, em parte, para o seu papel. Outras, por dificuldades internas, não serão capazes de perceber suas limitações.

Golse (2002) nos lembra que Winnicott chamava algumas mães de “perigosas feiticeiras”, porque eram perfeitas demais e conseguiam responder quase ao mesmo tempo em que a criança estava fazendo o seu sinal. Quase sem prazo, a criança nunca tinha tempo de esperar, e Winnicott dizia que as necessidades da criança nunca tinham um tempo de transformar-se em desejo. As rápidas respostas afetivas em excesso podiam atrapalhar os processos de simbolização da criança e, portanto, às vezes, era preciso deixá-la esperar um pouco para ter a resposta.

Winnicott (1975) defende a tese de que somente o acolhimento sustentador (*holding*) e os cuidados cotidianos dispensados no manejo dessa mãe suficientemente boa (*handling*) garantem o sentimento de continuidade do ser do bebê. No início da vida, o bebê encontra-se em um estado de dependência absoluta com a mãe. Isso envolve uma adaptação máxima à criança, o que significa que, além da satisfação das necessidades físicas reais, o ego imaturo do bebê é fortalecido pelo apoio egoico que a mãe é capaz de dar porque reconhece a criança como um todo (Davis & Wallbridge, 1982).

Ainda segundo Winnicott (1975), a mãe suficientemente boa seria então capaz de propiciar ao seu bebê momentos de ilusão e experiências de onipotência.

Esses momentos referem-se à ilusão que ao bebê é permitido ter de que suas necessidades podem ser satisfeitas por ele mesmo, de uma forma onipotente.

Um bebê muito pequeno, que não sofre demasiadamente falhas ambientais, ou seja, que tem suas necessidades básicas atendidas dentro de um prazo de espera suportável, desenvolve a partir dessa ilusão os aparatos necessários para a sensação futura de confiança em si mesmo e no mundo, a sensação de que a vida vale a pena ser vivida.

É a partir desses momentos, descreve Winnicott (*apud* Davis & Wallbridge, 1982, p. 59), que “se desenvolve uma crença de que o mundo pode conter o que é desejado e necessitado, com o resultado de que o bebê possui esperança de que há uma relação viva entre a realidade interna e externa”.

Em algum momento a mãe suficientemente boa cometerá falhas. Não sendo excessivas, essas falhas serão positivas, pois permitirão ao bebê desenvolver-se para dar conta das imposições e invasões do ambiente, um treinamento para a vida que se inicia (Winnicott, 1975).

Gondar (2006) nos lembra que é em torno da relação de dependência do ambiente que Winnicott vai propor três estágios sucessivos de desenvolvimento: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. A passagem de um estágio para o outro não depende de rupturas, momentos críticos, acontecimentos súbitos, mas se dá numa relação de continuidade, capaz de fornecer sustentação a um processo natural de desenvolvimento. Em Winnicott a subjetividade, isto é, a individualidade (ou a independência) comporta uma infinidade de graus, de matizes, e em nenhum homem ela se encontra completamente realizada. Podemos estar rumo à independência, mas jamais instalados na independência, como essa fosse um estado, um lugar, uma posição definida. A individualidade jamais está realizada por inteiro, mas encontra-se sempre em vias de realização.

Outro psicanalista fundamental na compreensão de uma nova organização psíquica a que novas mães estariam submetidas a fim de se adequarem às necessidades de seu bebê é Daniel Stern. Ele sugere que, com o nascimento de um bebê, a mãe entra em uma nova e única organização psíquica que determinará uma série de tendências de ação, sensibilidades, fantasias, medos e desejos. Nesse período, a mãe vivencia um realinhamento em sua estrutura psíquica. Seus interesses e preocupações, segundo Stern, passam a se relacionar mais à sua mãe e

menos ao seu pai, mais à sua mãe como mãe e menos à sua mãe como mulher ou esposa, mais às mulheres e menos aos homens, mais ao seu marido como pai e contexto para ela e o bebê e menos ao marido como homem e parceiro sexual, mais ao bebê e menos a quase tudo o mais. Essa exclusão de interesses é normal e temporária.

Essa nova e única constelação psíquica, que ele denominou de constelação da maternidade, não é inata nem universal, segundo o psicanalista.

Para Stern (1997), a constelação da maternidade refere-se a três preocupações e discursos diferentes mas relacionados, que acontecem interna e externamente: o discurso da mãe com sua própria mãe, seu discurso consigo mesma e seu discurso com o bebê. Essa trilogia da maternidade passa a ser a sua principal preocupação, visto que requer maior quantidade de trabalho mental e reelaborações.

Essa tríade psíquica da mãe com sua própria mãe, consigo mesma e com o filho passa a ser um eixo organizador central da mulher, durante o período de pós-nascimento. As trilógias da mulher com seu pai e sua mãe e dela como mãe com o pai e o bebê vão para segundo plano. Em todo caso, não podem ser consideradas menos importantes.

Junto a essa nova organização surgem as questões: será a mãe capaz de envolver-se emocionalmente com o bebê de maneira autêntica? E será que esse envolvimento garantirá o desenvolvimento psíquico que ela quer para seu bebê? Conseguirá entrar naquele estado de “preocupação materna primária”, descrito por Donald Winnicott (1956), em que ela desenvolve uma sensibilidade aumentada e se identifica intensamente com o bebê, a fim de responder melhor às suas necessidades? Será capaz de ler seu bebê e se relacionar com ele de maneira não verbal, pré-simbólica e espontânea? Conseguirá brincar livremente com ele? Será ela uma mãe natural e inata?

Todas essas perguntas são questões do relacionar-se primário, descrito por Stern como um dos temas que compõem a constelação da maternidade e que se dá até o primeiro ano de vida do bebê, no período em que antecede a fala. Trata-se de aspectos a serem transmitidos pré-verbalmente e que seriam fundamentais para o estabelecimento de laços humanos de apego, segurança e afeição, regulação dos ritmos e *holding* do bebê, inserção nas regras básicas do relacionamento humano, como a produção e recepção dos sinais de afeto e sinais sociais.

Stern acredita que as mães costumam ser conscientes e também temerosas dos fracassos nas tarefas anteriormente enumeradas, como se pudessem deixar a desejar em algum aspecto, ser incapaz de amar, de ser generosa, de sentir-se natural ou de estar apta a se colocar para seu bebê de maneira não egoísta. As exigências destinadas ao que se espera do desempenho das mães com seus filhos tendem a ser altamente estabelecidas pela cultura e podem ser definidas de maneiras que não são congruentes com as inclinações privadas das mães, com o que estas se considerariam aptas ou disponíveis para tal.

Outro importante tema componente da constelação da maternidade é o que Stern definiu como matriz de apoio. A função principal da matriz de apoio é proteger a mãe fisicamente, prover suas necessidades vitais e por algum tempo afastá-la das exigências da realidade externa para que ela possa dedicar-se às tarefas de cuidar e manter a “vida e o crescimento do bebê” (Stern, 1997, p.162) promovendo um desenvolvimento psíquico afetivo saudável.

Ao longo do trabalho mental exigido por essa nova organização psíquica, o relacionamento da nova mãe com sua própria mãe ou com as figuras maternas de sua vida sofre uma reativação e reorganização em seu mundo interno. Atuando “para o bem ou para o mal” (Stern, 1997, p.167), formam modelos positivos ou negativos de maternagem. Clinicamente, sempre percebemos como a maternidade exige um novo engajamento da mulher com a experiência daquilo que vem a ser sua mãe para ela.

A nova identidade como mãe exige um novo trabalho mental. A necessidade de modelos é evidente, e ela vai reviver a longa história de suas identificações com a própria mãe e com outras figuras parentais/maternais em busca dos modelos necessários. Alguns poderão tornar-se modelos negativos, mas serão modelos mesmo assim. E, novamente, o foco e a preocupação com outras figuras maternas em sua vida provavelmente serão intensos (Stern, 1997, p. 169).

Enquanto cuida, interage e se relaciona com seu bebê, fragmentos da memória materna referentes à experiência que um dia teve como bebê de sua mãe, podem encontrar uma saída e serem evocados. Stern imagina que nenhuma memória seja perdida após seu armazenamento e, em um contexto evocativo facilitador, ela pode vir a ser recuperada. Essas evocações contribuem, segundo o psicanalista, para a mãe elaborar seu relacionamento com sua própria mãe do

passado e do presente e é parte importante da reorganização da mãe e de sua identidade como filha e como mãe.

Stern não considera um ato regressivo a mãe recordar experiências iniciais do momento de sua vida no qual ela mesma foi maternada. Este seria simplesmente o resultado de encontrar-se num contexto evocativo presente, poderoso e difuso, que não era experienciado desde os primeiros anos de vida. Esse autor considera a possibilidade de uma regressão apenas no sentido patológico, o que claramente não é o que vem sendo abordado aqui.

Para finalizar, é importante ressaltar que, na origem de toda experiência humana, se encontra o outro. Desde a sua chegada ao mundo, o bebê, por causa de sua prematuridade, tem necessidade do outro. A mãe ou seu substituto, pela mediação que promove, fornece ao bebê modos de leitura do mundo que lhe chegam por meio de sons, de odores, de toques, do paladar e por último das imagens. O estado de desamparo original do bebê o coloca desde o primeiro momento de vida em um estado de dependência absoluta desse outro maternal: aquele que garante a satisfação de suas necessidades e sem o qual ele seria impotente para fazer cessar a tensão interna que sente.

Sua existência intrauterina parece ser curta em comparação com a da maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado. Como resultado, a influência do mundo externo real sobre ele é intensificada e uma diferenciação inicial entre o ego e o id é promovida. Além disso, os perigos do mundo externo têm maior importância para ele, de modo que o valor do objeto que pode somente protegê-lo contra eles e tomar o lugar da sua antiga vida intrauterina é enormemente aumentado. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida (Freud, 1926 [1925], p. 151).

Se no início da vida do bebê são as sensações corporais que estão em primeiro plano, aquelas que causam desprazer vão constituir uma demanda, pelo choro, por exemplo, formando uma queixa. A mãe responde a esse apelo apaziguando as sensações corporais desagradáveis. Para que ela possa responder ao seu bebê, interpretando os sinais de um corpo que não faz mais parte do seu, ela precisa dar provas de uma capacidade de investir libidinalmente esse corpo. Afinal, o trabalho da maternagem só poderá ser feito a partir desse investimento da mãe no corpo da criança, e do seu prazer em entrar em contato com o corpo de

seu bebê, e transformar, a partir de suas interpretações sensíveis, um “corpo de sensações” em um “corpo falado”, como sugere Fernandes (2003, p. 80):

Então, pode-se afirmar que o outro é o pólo investidor que vai transformar o corpo biológico em um corpo erógeno. Esse outro seria a condição para que o corpo se torne um corpo próprio, habitado pela linguagem e permitindo o acesso à simbolização.

Tendo em vista as considerações tecidas a respeito do psiquismo feminino, durante e após a gestação, e da importância que a entrada em uma nova organização psíquica exerce na constituição de um novo bebê, convém indagar, nos dias atuais, como se encontra o investimento libidinal materno no início da vida de seus filhos?

Não se trata claramente de possibilidades excludentes: ou investe-se no corpo ou investe-se em seu bebê. Todavia, é interessante observar como as mulheres de hoje agenciam as tarefas e atribuições que lhes são direcionadas. No momento em que se espera que toda mulher seja fundamentalmente uma boa mãe devotada, parece haver uma enorme mobilização social a fim de que a mulher vivencie as modificações corporais ocasionadas pela gestação não como algo natural e esperado, mas como algo contra o que se deve lutar de toda maneira.

Os cuidados que um bebê pequeno demanda exigem uma rotina árdua de trabalho e dedicação daquelas mães que se dispõem a cuidar deles. Contudo, também se exige um enorme grau de trabalho, dedicação e adaptação a uma rotina específica à aquisição de um corpo desejável para os padrões atuais. Essas duas tarefas por si só já seriam consideradas exaustivas para muitas mulheres, se elas não devessem ainda gerenciar seus lares, sua vida conjugal e profissional. Ser mulher nos dias de hoje não é tarefa fácil.

Veremos a seguir o que dez mulheres nos dizem sobre a relação com seus corpos durante e após a gestação, e como se situam em meio às demandas e tarefas que a contemporaneidade lhes impõe.

5

Nós, simples mortais... visitando o campo

5.1

Pesquisa de campo: considerações iniciais

Expostos tais percursos teóricos, entendemos que uma investigação ao tema proposto se tornaria mais completa por meio de uma pesquisa de campo. Mulheres identificadas com a cultura do culto ao corpo provavelmente vivenciam de maneira muito particular um dos momentos mais radicais (se não o mais significativo) de transformações corporais, que é o momento após a chegada do primeiro filho. A fim de compreendermos um pouco mais sobre como se dá esse processo, uma pesquisa qualitativa foi realizada. Dez mulheres foram entrevistadas a fim de tentar apreender o máximo possível de suas experiências com seus corpos modificados pela primeira gestação.

O trabalho aqui apresentado constitui-se como uma ampliação de um trabalho anterior descritas brevemente a seguir.

O interesse pela gestação em tempos de culto ao corpo teve início durante a especialização em Saúde Materno-Infantil na Maternidade-Escola do Rio de Janeiro. Em meio às questões práticas e muitas vezes urgentes que surgem nas maternidades, e na maternidade de uma forma geral, um aspecto específico sobre as gestantes me chamava a atenção naquele ambiente: aqueles corpos estavam mudando, e muito!

Poucos meses antes, eu havia entrado em contato com bibliografias acerca do culto ao corpo na contemporaneidade que discorriam a respeito do valor que um corpo enxuto e sem marcas indesejáveis assume em nossos dias. Tal contato se deu pelo fato de minha monografia de conclusão do curso de psicologia na PUC-Rio ter sido a respeito dos transtornos alimentares e suas manifestações em comunidades de Orkut e grupos virtuais.

Intrigada com o corpo da gestação – corpo este que por vezes parecia se modificar radicalmente – realizei uma pesquisa inicial sobre o tema como parte da minha monografia de conclusão dessa pós-graduação.

Tal pesquisa não foi realizada com as pacientes da Maternidade-Escola da UFRJ, mas, sim, com pacientes particulares do professor Marcus Renato de Carvalho, pediatra atuante na promoção, no incentivo e apoio ao aleitamento materno.

O interesse em investigar a vivência feminina sobre transformação de seus corpos pela gravidez tinha se iniciado.

O resultado obtido por tal pesquisa apontou caminhos interessantes. Para todas as entrevistadas, a preocupação com o corpo em meio ao momento que vivenciavam era secundário. O maior interesse dessas mulheres era com os cuidados, o bem-estar e a saúde de seus bebês. Na ocasião desta pesquisa, esses bebês eram muito pequenos e tinham de dois a seis meses de idade no máximo. Segundo Stern, nesse período, as mulheres encontram-se em uma nova organização psíquica, interessando-se mais “por seu bebê e menos a quase tudo o mais” (Stern (1997, p.162).

Todavia era possível notar que algum interesse sobre seus corpos era referido por elas. Apesar de algumas entrevistadas relatarem a não preocupação com a forma física naquele momento de suas vidas, em outro momento da entrevista diziam ter feito ou ainda fazer uso de algum cosmético ou óleo para prevenção de estrias, ou fazer algum tipo de controle alimentar. Houve quem relatasse prejuízo social relacionado a ganho de peso excessivo durante a gestação, queixando-se de insatisfações diversas. Algumas ainda questionaram – e uma delas revelou desejar para si – os corpos das mulheres famosas que surgem na mídia com seus bebês pequenos e a forma física aparentemente intocada.

Foi possível perceber que a intenção deste trabalho de investigação acerca dos padrões estéticos atuais e sua relação com a gestação estava apenas em seu início. Resultados mais ricos e amplos poderiam ser encontrados ainda, especialmente se novas mães pudessem ser entrevistadas em um período um pouco mais distante do término da gestação, em momento mais propício para falarem de si mesmas e de seus corpos.

5.2

Aspectos metodológicos

O recrutamento das participantes da pesquisa ora apresentada seguiu o seguinte critério de elegibilidade. Foram escolhidas mulheres que se considerassem “vaidosas” e tivessem como hábito, anterior à gestação, os cuidados do próprio corpo e da forma física. Não precisaria ser essa vaidade nada radical, obviamente. O fato do crivo “vaidade” vir de uma confirmação delas próprias já era suficiente. Tal escolha, que podemos considerar enviesada, objetivava o contato com mulheres identificadas com os padrões estéticos corporais vigentes. Saber sobre os corpos modificados pela gestação só interessaria nesse momento se tais corpos fossem de fato objetos de investimento narcísico dessas mulheres.

Definiu-se então que deveriam ter passado pela experiência da gestação uma única vez e não poderiam estar grávidas no momento da entrevista. Entende-se que as mudanças decorrentes da primeira gestação sejam as mais impactantes.

Não foi estipulada uma faixa etária para as entrevistadas, tendo em vista que a idade fértil feminina já era uma forma de restringir os sujeitos da pesquisa. A única exigência em termos de idade seria não entrevistar adolescentes (menores de 20 anos), pois a gravidez na adolescência encontra-se em meio a tramas muito específicas, as quais não conviria abordar neste trabalho.

Contudo estipulou-se uma faixa de idade para os bebês. Estes deveriam ter no mínimo seis meses de idade e no máximo três anos. Com esse critério, ficou estabelecido que seria interessante que a gestação não tivesse sido extremamente recente – para que não ocorresse o mesmo da pesquisa anterior – nem que as lembranças desse período pudessem estar muito distantes. No entanto, uma entrevista com uma mãe de um bebê de cinco meses foi realizada, pois esta mulher encontrava-se disposta a participar e a busca pelas entrevistadas não se foi tarefa simples, como veremos mais adiante.

Mulheres pertencentes às camadas médias foram escolhidas como forma de restringir um padrão social e determinar o corte necessário de sujeitos para a realização de uma pesquisa. Sabemos que, independentemente de suas classes sociais, as mulheres encontram-se afetadas pelos discursos estéticos. O que muda entre mulheres de classes sociais distintas é a maneira como se apropriam daquilo

que é difundido, o que as leva a respondê-los a seu modo e a partir dos recursos de que dispõem (Novaes, 2010). Foram escolhidas mulheres pertencentes às camadas médias por tratar-se de sujeitos com maiores possibilidades de investimento financeiro a fim de adquirir e se adequar às novidades oferecidas pelo mercado estético.

Inicialmente, estabeleceu-se que as entrevistadas deveriam ser moradoras da cidade do Rio de Janeiro, pelo fato de a cidade ser notadamente reconhecida como palco da exposição e culto ao corpo. Todavia, seguindo os caminhos oferecidos pelo campo, uma vaidosa e bela mãe niteroiense prontificou-se a responder esta pesquisa, e essa oferta, obviamente, não poderia ser recusada.

A proposta inicial para a seleção das entrevistadas era por meio de indicações profissionais. Cirurgiões plásticos, professores de educação física e esteticistas sugeririam o contato de mulheres que preenchessem os critérios de elegibilidade aqui descritos. Tal tarefa, porém, mostrou-se bastante complicada.

Tendo sido procurados um cirurgião plástico, uma clínica de estética, e uma *personal trainer*, num primeiro contato os profissionais contactados demonstraram grande interesse no tema. Chegando a refletir sobre ele, davam opiniões a respeito do que acreditavam estar se passando com o corpo resultante da gravidez e as práticas corporais femininas nos dias de hoje. Exemplos de celebridades eram invocados e, dessa forma, Giseles, Isabelas, Cláudias e Ivetes eram lembradas, criticadas, enaltecidas e questionadas.

O cirurgião plástico que procurei percorreu longamente sobre o assunto e confirmou que as marcas da gestação são queixas constantes de mulheres de todas as idades que o procuram em busca de correções estéticas. Entretanto me disse que lhe parecia sem fundamento a especulação que comumente vem sendo feita sobre o procedimento de lipoaspiração na hora do parto das celebridades. Um procedimento possível, segundo ele, seria a retirada de uma faixa de tecido no momento de fechar a cesariana, o que ele denominou “minidermolipectomia”. Tal procedimento, realizado com cautela, evitaria o excesso de pele na barriga de que muitas mulheres se queixam mesmo depois que emagrecem.

Em uma ida à clínica de estética citada, uma paciente que estava na sala de espera, ao ouvir minha conversa com a esteticista do lugar, contou sobre sua própria experiência. Declarou ter desistido de um segundo filho por temer ver seu corpo novamente transformado. Seu filho único já era um adolescente de 17 anos

e, mesmo passados todos esses anos, a intensidade dessa experiência não diminuíra, comprovando que o corpo marcado pela gestação se reflete em uma experiência subjetiva.

Passado esse primeiro contato e o entusiasmo inicial dos profissionais, uma situação interessante aconteceu. As indicações de mulheres a serem entrevistadas jamais chegaram, e uma ou duas tentativas em insistir por tais indicações, por *e-mail* ou telefonema, não foram respondidas. Avaliando o ocorrido posteriormente, chegamos a uma explicação para tal insucesso.

Em certos casos, pesquisadores precisam ser mais insistentes! Uma ou duas tentativas podem ser critérios socialmente adequados, quando nos damos conta de que insistir em algo pode ser indelicado. Não queremos correr o risco de sermos inoportunos com aqueles que nos cercam. No entanto, quando se trata de viabilizar uma pesquisa, tais parâmetros de polidez definitivamente não nos ajudam.

Posto isso, o encontro com essas mulheres precisaria ser feito por outro caminho. Eu chegaria a essas mulheres por meio de meus círculos sociais. Mas outro obstáculo se apresentava.

No meio em que estou inserida, a gestação e o corpo modificado por esse processo ainda não é uma experiência dos meus pares. Diferentemente das mulheres de camadas populares que, em geral, com menos de trinta anos já têm filhos até mesmo crescidos, as mulheres pertencentes às camadas médias e altas estão adiando os planos da maternidade e investindo seu tempo (e seus corpos) em outros objetivos.

Restava buscar o círculo social mais estendido. Importante lembrar que não era toda “nova mãe” que poderia ser entrevistada. Havia um tempo estipulado após o parto, e a mulher em questão não poderia ter mais do que um filho nem estar grávida do segundo no momento da entrevista. Tais critérios não facilitavam a busca, e o trabalho de campo que se pretendia realizar em um mês levou aproximadamente três meses para ser concluído. Mas foi satisfatoriamente concluído.

Alguns pontos a respeito da metodologia escolhida ainda precisam ser esclarecidos. As entrevistas não foram presenciais. Optou-se por realizá-las virtualmente, utilizando programas de bate-papo digitado, como o *chat* do Skype e

o Windows Live Messenger, programas *on-line* e em tempo real, bastante difundidos e utilizados, com os quais estávamos familiarizadas.

Optou-se pela metodologia *on-line* para facilitar o contato com as mulheres escolhidas. Por estarem envolvidas com seus filhos pequenos e com os demais afazeres de suas rotinas, possivelmente disporiam de pouco tempo para uma entrevista presencial.

Uma das facilidades das entrevistas *on-line* é que podem ser interrompidas, se preciso for, e retomadas do mesmo ponto em um outro momento mais oportuno, sem que isso seja um transtorno para as partes envolvidas. Em se tratando de mulheres com filhos pequenos, tais interrupções já eram esperadas e obviamente aconteceram. Bebês e crianças muito pequenas precisam de ajuda para suas necessidades básicas, demandam atenção e ainda não suportam esperar muito tempo. Cabe à entrevistadora esperar que as mães estejam disponíveis novamente ou, se preciso for, remarcar o bate-papo para outra ocasião.

É inegável que o encontro real com as entrevistadas nos dá mais possibilidade de interpretações, pois entram em jogo gestos, pausas e expressões faciais que o contato virtual via *chat* não nos permite visualizar.

Contudo, há maneira de interpretar as pausas e hesitações, por exemplo, ao longo de uma entrevista virtual. Os veículos utilizados nos avisam quando seu interlocutor está digitando uma mensagem, e nos avisam também quando este parou de digitar, mesmo que a resposta ainda não lhe tenha sido enviada.

Respostas curtas após longos períodos de digitação, por exemplo, demonstram hesitação. Excessos de exclamações ou “*emoticons*” (pequenos rostos em animação que demonstram emoções diversas) nos transmitem ânimo, alegria, susto, tristeza, constrangimento e assim por diante. Trata-se de um repertório limitado de emoções, claro, mas que, aliado ao discurso como um todo, nos transmite as informações necessárias.

Outro aspecto impossível de visualizar pela entrevista virtual e que poderia ser considerado um problema é exatamente o que diz respeito aos corpos das entrevistadas! No entanto, sabemos que a experiência com nossos corpos está muito mais referida a critérios subjetivos do que à realidade das formas de nossos corpos em si. Em outras palavras: cada um vê em seu espelho aquilo que pode, ou quer ver. Quantas pessoas que julgamos ter belos corpos se queixam destes e quantas outras nem tão belas nos mostram estar em paz com suas formas.

Tendo em vista que meu interesse era saber da experiência dessas mulheres com seus corpos e não da realidade destes – prova disso é não haver no roteiro perguntas sobre quilos ganhados ou perdidos, por exemplo –, parti do princípio de que o que me dissessem sobre eles era a verdade que eu precisava. Para tanto, não eram necessárias confirmações visuais. Embora eu tenha recebido posteriormente convites de algumas para adicioná-las no Facebook e, dessa forma, tenha podido vê-las em fotos.

As entrevistas foram realizadas por mim, com cada participante por vez. Antes de iniciar a entrevista, um *e-mail* era-lhes enviado, perguntando se concordavam em participar da pesquisa. Essa mensagem era respondida antes do início de nossa conversa e continha em seu texto as informações referentes a um termo de consentimento livre e esclarecido, como o objetivo da pesquisa, a questão do sigilo, a possibilidade de interrupção caso precisasse se ausentar ou desistisse de participar.

Uma exigência de qualquer entrevista é manter, sem nenhuma alteração, as falas dos entrevistados. Na metodologia *on-line* não é diferente. Dessa forma, a linguagem comumente utilizada na internet não é modificada, e a entrevistadora se adéqua a essa linguagem também. Afinal, a intenção de uma entrevista é manter uma conversa o mais natural e informal possível.

Ao iniciar o contato com a entrevistada, uma ficha biográfica era respondida. Eram perguntados itens como a idade da mulher, do bebê, classe social, escolaridade, profissão e se estava atuando em sua profissão naquele momento de sua vida.

Importante ressaltar que todas as mulheres entrevistadas trabalhavam fora e apenas uma ainda se encontrava em período de licença maternidade. Dedicadas também às suas profissões - médicas, dentistas, professoras, arquiteta, gerente de marketing e chefe de cozinha -, comumente relatavam que seus dias começavam às seis horas da manhã e só terminavam quando seus filhos iam dormir, até o momento em que estes acordassem durante a noite e precisassem de sua assistência. Sendo assim, 90% das entrevistas foi realizada à noite. Cabe salientar, também, que todas as entrevistadas eram casadas mesmo que não legalmente com o pai de seus filhos.

Com o objetivo de se obter uma conversa natural, elaborou-se um roteiro, com itens a partir dos quais eram geradas as perguntas durante a entrevista. A

construção desse roteiro teve início durante a apresentação do projeto em aula da disciplina “Análise de Discurso”, da professora Ana Maria Nicolaci, e com base em conversas informais com mulheres identificadas com a cultura do culto ao corpo e demais mulheres que já tivessem vivido a experiência de terem seus corpos modificados por uma gestação. Posteriormente, tal roteiro foi repensado durante encontros com a orientadora desse trabalho até chegar ao seu formato final.

Os itens investigados foram: o sentimento atual em relação ao corpo; o quanto de investimento fazia no corpo antes e depois da gestação; o que dizer sobre as evoluções que o corpo sofre ao longo da vida; o que acha do que está veiculado a respeito de grávidas famosas; o que diria sobre a maternidade dessas mulheres famosas; o que diria que tem de você nessas mulheres e dessas mulheres em você.

Agrupando os discursos obtidos em categorias, buscando pontos de contatos e possíveis dissonâncias e, posteriormente, selecionando as falas que se mostraram mais relevantes, pretende-se analisá-las e entremeá-las a considerações teóricas, recorrendo dessa forma à literatura utilizada anteriormente como ponto de apoio. A fim de manter o sigilo de nossas entrevistadas, seus nomes reais, bem como o de seus bebês serão trocados por nomes fictícios.

5.3

Um corpo novo: o sentimento atual sobre o corpo

A conversa com as entrevistadas começava com um questionamento. Era pedido que me dissessem sobre o sentimento que tinham atualmente a respeito de seus corpos. Como era naquele momento de suas vidas olharem-se no espelho e como era para elas a imagem que viam ali refletida?

Analisando as respostas obtidas foi possível notar que sete mulheres disseram sentir-se bem com seus corpos no momento de nossa entrevista. Estas não relataram suas mudanças corporais como algo negativo. Há até quem relate sentir-se melhor com o corpo atual, de uma maneira geral, do que com o corpo anterior à gestação. Podemos destacar as seguintes falas como exemplos mais significativos:

Me sinto bem porque estou mais magra de quando engravidei. Acho que está melhor porque estou até cabendo em calças que não cabia (Mariana, 31 anos).

Estou tranquila... Não tive nenhum problema com a gravidez, logo depois que o Marcos nasceu meu corpo voltou ao que era antes. Não ganhei peso, não fiquei com estrias, meus seios não ficaram enormes... (Maria, 27 anos).

Olha... sinceramente, por incrível que pareça... hoje eu me sinto melhor do que antes da gravidez. Eu até falei sobre isso com o meu marido outro dia. Confesso que fiquei surpresa com meu corpo, achei que ficaria pior, que demoraria pra emagrecer... O ritmo foi tão doido que já perdi os 20 quilos adquiridos... rs (Ângela, 31 anos).

Eu tinha muito medo de ficar com estrias e de não conseguir voltar ao meu peso de antes da gravidez... eu engordei 14 quilos, por isso pensava que seria muito difícil recuperar a minha forma... mas acabou que não foi nem um pouco difícil... o médico achou incrível... eu me pesei quando fui tirar os pontos da cesárea... (Raquel, 29 anos).

No entanto, o curioso das respostas obtidas é que, para algumas, a constatação de estarem vivenciando de maneira positiva o corpo pós-gestação vem acompanhado de um certo tom de surpresa. Parece que nos habituamos, nos dias de hoje, a considerar o corpo resultante do processo gestacional como algo de fato repugnante conforme nos disse Zuckerman (2008). Portanto, qualquer vivência diferente dessa que seria pavorosa é relatada em tom de surpresa.

É possível notar em uma das entrevistadas, Paula, uma ambivalência em seu relato. Ao mesmo tempo em que parece nos dizer de maneira hiperbólica estar se sentindo muito bem com seu corpo, em seguida diz haver duas coisas que a incomodam. O incômodo relatado por Paula refere-se a mudanças comuns ao corpo da gestação. Essas mudanças geram sim um incômodo, mas não se referem a uma experiência drástica, que as remeteria a um não reconhecimento de si nas formas desse novo corpo, como nos disse Szejer (1997), e que talvez algumas mulheres pudessem imaginar que sentiriam.

Apesar do corpo após a gestação não ser algo completamente diferente para essas mulheres, fica claro que ele sofre mudanças. Mesmo que o peso posterior seja igual ou menor ao anterior à gestação, as formas do corpo dificilmente serão iguais, ao menos durante um bom tempo. Essa constatação é vivida de maneira muito particular por cada uma, portanto nossas entrevistadas nos revelam a necessidade em se adequar, cada uma à sua maneira, às tais mudanças.

Me vejo SUUUUUUUUPER bem. Acho que consegui atingir um equilíbrio entre corpo e mente e isso faz toda a diferença. Estou magra como gostaria. Mas tem duas coisas que me incomodam e que estou ainda pensando em como mudar: o

bumbum está meio flácido, pois não pratico exercício nenhum, e o peito menor e um pouco murcho, fruto da amamentação. Como falei, essas coisas estão sendo trabalhadas pra serem mudadas (Paula, 27 anos).

Como eu tenho tendência a ter culote, acho que o meu culote aumentou e eu até penso em fazer uma lipo para reduzir medidas, mas como quero ter outro filho, vou esperar.... (Raquel, 29 anos).

Em relação a peso é tranquilo voltar, mas a silhueta é que muda mesmo... o quadril, bumbum, as coxas e a barriga aumentam... você pode estar com o mesmo peso de antes e vai achar que uma calça está pegando mais na cintura e no bumbum... (Cíntia, 34 anos).

Fica claro em nossas entrevistas que as regras referentes a cuidar do corpo e da boa forma preconizadas em nossa sociedade encontram-se internalizadas na mulheres que tivemos acesso. Por essa lógica, há quem se defina preguiçosa por não estar adotando e exercendo tais práticas. Como nos lembra Ehremberg (1998), o sujeito parece sentir-se sempre aquém em meio às atribuições que lhe são conferidas.

Em parte me sinto satisfeita, mas acho que poderia me cuidar mais... poderia ter malhado mais enquanto fiquei em casa (fiquei um ano sem trabalhar), mas sou preguiçosa mesmo. E no dia a dia não me cuido muito em relação a maquiagem e proteção do sol, apesar de não ter maiores problemas de pele. (...) O corpo muda, mas não tanto assim (Cíntia, 34 anos).

Perdi todo peso que ganhei... mas poderia estar me sentindo melhor, claro, poderia estar malhando bastante, indo à academia, mas tá bom como está, não está ruim não (Ângela, 31 anos).

Hoje vejo flacidez e barriga saliente, mas isso não tem me incomodado, o que mais me incomoda é o fato de eu não estar conseguindo malhar e ter uma alimentação regrada, o que pode prejudicar minha saúde (Fabiana, 33 anos).

Novaes (2006) nos lembra que o discurso da beleza, tão presente em nossos tempos, parece por vezes estar camuflado pelo discurso da saúde. Para Vilhena *et al.* (2005), o binômio saúde-beleza tem o segundo termo como determinante, uma vez que, ao que tudo nos indica, a saúde também tem um padrão estético estabelecido.

É inegável a importância de uma vida ativa e de uma alimentação adequada para termos uma boa saúde. Mas convém nos perguntar se todo o incômodo de Fabiana estaria referido apenas a essa questão. Estando nossa entrevistada imersa no contexto cultural que abordamos até aqui, podemos pensar:

estaria de fato totalmente excluída desse incômodo de Fabiana qualquer preocupação estética, como nos diz?

Podemos também buscar nas entrelinhas de seu discurso mais uma possibilidade de interpretação. A barriga saliente e flácida denota uma barriga vazia, de um bebê que não está mais ali. Sabemos que, como qualquer outro luto, o luto pela barriga de grávida – que confere socialmente um *status* especial: abriga um bebê que de certa forma era só de sua mãe e magicamente providencia todos os cuidados ao filho – também precisa ser elaborado.

Foi interessante notar que apenas três de dez entrevistadas relatam vivenciar as novas formas de seu corpo de maneira não muito positiva. Essa queixa pode ser notada nas seguintes falas:

Sinto que depois da gestação mudou bastante... tudo ficou mais flácido. A gordura da barriga ainda não voltou e estou mais flácida. Me sinto mal pq sempre tive um corpo legal (Clara, 33 anos).

Não muito feliz. Tem dia que me sinto feia. Eu gostaria de perder mais uns 6 quilos, eu engordei 17 na gravidez, mas não tenho tempo de me exercitar e não posso fazer dieta porque tenho que me alimentar bem para ter energia o dia todo, não posso comer uma saladinha só como antigamente (Ana, 30 anos).

Nessas duas entrevistadas, podemos notar que a insatisfação está basicamente dirigida às formas do corpo em si e à aquisição de atributos considerados negativos em nossa sociedade: ganho de gordura, peso ou flacidez.

Uma terceira entrevistada, porém, relata prejuízos que não se referem exclusivamente às suas novas formas. Ela lamenta não se sentir mais atraente para seu marido. Fabiana atribui a esse fato seu cansaço, queixa comum e absolutamente compreensível nessa fase da vida. Mas nos diz também acreditar ter deixado de “ser um mulherão” para ser mãe.

Depois da gravidez aceitei bem meu corpo, apesar de não ter mudado tanto assim (não ganhei nenhum percentual de gordura na gestação) e depois do nascimento emagreci horrores por causa da amamentação. Talvez só uma coisa me incomode em relação ao meu novo “formato” (rs), não me sinto mais atraente para o meu marido. Isso reduziu minha libido ao chão (além do cansaço tb contribuir). Acho que o parâmetro que mudou foi de “deixar de ser um mulherão e passar a ser mãe”. Até o tipo de roupa mudou um pouco, tenho evitado roupas justas e curtas! Rrsrs Até porque não estou assim com “tudo em cima” (Fabiana, 33 anos) !

Podemos perceber que para Fabiana, ao menos nesse momento, as categorias “mãe” e “mulherão” parecem ser excludentes. Esse relato nos leva a pensar que ser uma mulher atraente e sensual nos dias de hoje está relacionado a uma série de atribuições, práticas e cuidados corporais em nome de um investimento na aparência. A associação entre beleza e feminino é histórica. Contudo, o que historicamente seria maior representação do feminino do que ser mãe?

As palavras de Fabiana nos remetem à proposição freudiana que indica a maternidade como saída única para o alcance da feminilidade quando Freud (1933, p. 119) nos diz que “a condição feminina se estabelece somente quando o desejo do pênis é substituído pelo de se ter um filho”. Indo além, Fabiana nos diz de sua dificuldade em sentir-se atraente para o marido, de sentir-se “um mulherão”. Não conhecemos Fabiana, nem seu marido, nem aspectos da relação conjugal deles, mas poderíamos inferir que talvez seu marido também estivesse vivenciando uma dificuldade em vê-la dessa forma.

Se pontuamos nossas escolhas amorosas em nossa vida adulta por referenciais edípicos, o fato de uma esposa dar à luz o filho do casal – tornando-se mãe de um bebê e não apenas a mulher de seu marido – poderia reeditar para o homem situações conflituosas antigas do triângulo edípico. Esse conflito por vezes resulta em um recuo ou numa dificuldade desse homem em se relacionar sexualmente com sua mulher por algum tempo. Não é incomum sabermos de homens que se sentem excluídos e ameaçados pela presença de um novo filho que, ao formar com a mãe uma relação dual, o remete à exclusão que outrora vivenciara em sua relação com seus pais. Por vezes, até que cada um encontre simbolicamente seu lugar nessa nova família, algum tempo é necessário para que certos rearranjos possam ser feitos. Não pretendemos aprofundar as inúmeras questões de tal conflito, contudo, neste momento, faz-se importante apenas pontuar, com base na teoria clássica da psicanálise, um aspecto importante na reestruturação psíquica da família que recebe um novo bebê.

5.4

Grávidas “monstros” x barrigas orgulhosas: o corpo durante a gestação

Enquanto me contavam a respeito do sentimento atual sobre seus corpos, algumas mulheres remeteram ao corpo da gestação a fim de relatar suas sensações com as formas que se modificavam durante esse processo.

O aspecto mais relevante dessas respostas foi notar que parece haver uma clara dicotomia a respeito da forma de se encarar e vivenciar o corpo grávido. Tal dicotomia, que deu nome a essa categoria, pode ser percebida não só através das falas de mulheres distintas como também encontra-se presente no relato de uma mesma mulher, que parece alternar as duas possibilidades de sensações: sentir-se “monstro” e orgulhosa com sua barriga. Como dissemos anteriormente, a gestação e a maternidade remete as mulheres àquilo que há de mais ambivalente.

Notamos então que o corpo grávido pode ser encarado como algo sublime, uma dádiva, motivo de orgulho. Como pode também ser associado ao corpo obeso – como dissemos anteriormente – e encarado de forma desagradável. Nessa associação com o corpo obeso, talvez seja impossível notar a beleza tal como a conhecemos hoje em dia: na forma de um corpo sarado, magro, hiperinvestido e capaz de *performances* físicas mirabolantes.

No final da gravidez, joguei fora as calças que vinha usando. Fiquei tão traumatizada de não caber em nenhuma roupa que pensei em só voltar a usar calça *jeans* se coubesse nas calças de quando estava mais magra (Mariana, 31 anos).

Achei o corpo durante a gravidez o Ó DO BOROGODÓ! Rsrssrs Horrível! Acho grávidas monstros!!! Eu acho que o corpo fica feio, inchado, deformado. É uma bênção estar carregando uma vida dentro de você, mas essa é a única parte boa. Nada mais! Você perde a cintura, nada cabe, até o sapato tem que ser maior, enfim, fica algo “horrorendo”! Rsrssrs E olha que eu só engordei (segundo as pessoas) na barriga, mas eu não achava não! Achava aquilo tudo um horror (Paula, 27 anos).

É possível notar uma semelhança dessa fala às queixas proferidas por pacientes obesos: dificuldades em vestir esse corpo que “não tem cintura, nada cabe e até o sapato deve ser maior”, ou “traumatizada de não caber em roupa

nenhuma (...) só voltar a usar calça *jeans* se coubesse nas calças de quando estava mais magra”.

O horror relatado por Paula e Mariana só pode ser sentido por quem conhece bem a dificuldade que significa ser obeso nos dias de hoje. O corpo grávido dessas mulheres vaidosas (que não costumam ter grandes problemas com peso) as remete à vivência de ter um corpo obeso, ou um corpo dissonante, como nos propôs Fontes (2006).

Essa associação, mesmo que imaginária, só pode ser feita em uma sociedade que claramente atribui significações depreciativas à obesidade e a grávidas que engordam demais. Embora seja preciso ressaltar que essa interpretação não exclua uma outra, complementar, que seria a estranheza sentida por algumas mulheres em estar gerando e carregando dentro de si um novo ser. Deparar-se com novas formas significa também constatar o crescimento e desenvolvimento de um outro, que em breve se separará de seu corpo, lançando-a à nova realidade de tornar-se mãe.

Mas, como nos lembra uma entrevistada, esse corpo grávido não ocorre de um dia para o outro. As “mudanças são graduais”, o que lhes dá a possibilidade de se adequarem a elas.

Para Fátima, o fato de se adequar ao que fora proposto pelo seu médico e sua nutricionista, resultando num ganho ponderal adequado – nem muito, nem pouco peso – gerou conforto e para ela contribuiu para uma sensação de bem-estar. Dessa forma, notamos que médicos e afins, ao prescreverem modos de lidar com a gestação, a saúde e a alimentação, atuam como mediadores na relação da mulher com seus corpos – e suas vidas – em transformação.

As mudanças são graduais e aí você vai se acostumando durante os nove meses... Não ocorre de repente. Fiquei muito feliz e satisfeita com as mudanças, porque procurei engordar de acordo com o que o médico e a nutricionista recomendaram e me senti bem e bonita até o final... felizmente! Senti um orgulho por estar grávida e isso supera o fato de não estar com o corpo dentro dos padrões nesse momento específico q é a gestação (Fátima, 30 anos).

“Surto de acne” que comumente ocorrem com algumas gestantes por causa das alterações hormonais decorrentes da gestação foram relatados como algo que propiciou uma experiência negativa no que se refere à estética em geral.

Na minha gravidez eu tive um surto de acne então, além da gordura, também fiquei com a pele feia e aí eu me sentia mais feia ainda! (Ana, 30 anos).

O olhar das pessoas com quem convivem, indicando a barriga grávida como algo positivo, bem como o olhar do marido, aparece como fundamentais mediadores da relação da mulher com o próprio corpo e aparência.

Nas palavras de Roland Barthes (1982): “Meu corpo é para mim mesmo a imagem que eu creio que o outro tem desse corpo”. Mesmo “o rosto cheio de espinhas” de que tanto se queixou a outra entrevistada, parece, para esta, relativizado.

Confesso que fiquei meio grilada com meu corpo mudando, principalmente a barriga crescendo. Eu sempre tive neurose com barriga, minha barriga era lisinha, não tinha uma gordurinha, e ver logo a barriga crescendo foi duro!!! Não cheguei a entrar em crise, mas não me achava nada sensual durante a gravidez. Nunca coloquei a barriga de fora, sempre usava batas e vestidos de grávida. Aliás, eu sempre disse, mesmo antes de engravidar, que não acho mulher grávida bonito. Resumindo, me senti feia na gravidez. Meu marido, como sempre, foi um anjo, sempre me elogiando (Fabiana, 33 anos).

A barriga foi ficando tão bonita, e os elogios foram tantos, que só curtia o momento. Me senti muito bonita, só me incomodava ver o rosto cheio de espinhas (Ângela, 31 anos).

Impossível não pensar, por meio desses relatos, que tais mulheres encontram-se submetidas e por vezes divididas entre dois discursos que conhecemos tão bem. Por um lado, o discurso da beleza, sobre o qual discorreremos até agora, que nos aponta um padrão específico a ser valorizado em nossos tempos e, ao que tudo indica, o corpo grávido parece não escapar disso. Por outro, o antigo discurso referente à maternidade – ao qual as mulheres tradicionalmente deveriam estar sempre referidas e situadas – nos fala de uma maternidade a ser vivida primordialmente como algo sublime, e como uma experiência quase santificada.

Talvez, em tempos de culto ao corpo, de valorização excessiva da magreza e de justas medidas, o orgulho da barriga encarado como algo sublime, se configure em forte aliado das mulheres ditas “vaidosas” a fim de suportar as transformações corporais provocadas pela gestação. Evocar esse orgulho tão antigo talvez as ajude a lidar com suas novas formas e com uma barriga de grávida, numa condição que é temporária e que em algum tempo vai passar.

Podemos então pensar que essas mulheres, que se habituaram a ir em busca de outras compensações narcísicas além da maternidade, investindo em outros objetos como seus corpos, sua beleza ou suas vidas profissionais, encontram nesse momento a possibilidade de retornarem a esse ideal antigo, de uma maternidade sagrada e que socialmente ainda é capaz de pôr a mulher em um lugar especial e de destaque.

5.5

Quando era apenas eu: práticas corporais anteriores à gestação

Para participar dessa pesquisa, conforme foi dito anteriormente, era necessário que as mulheres entrevistadas se considerassem vaidosas e tivessem seus corpos como objeto de investimento ao longo de suas vidas. Buscavam-se sujeitos que tivessem incorporado as regras de uma cultura que prega os cuidados corporais como um valor necessário, associado a diversos significados como bem-estar, saúde e felicidade.

Amava malhar, e malhava muito, qualquer barriguinha me incomodava, era um tanquinho e meu corpo era todo torneado... queria me achar bonita, e ficar bonita para o meu marido, para todos em geral, além de manter boa saúde, colesterol legal, etc. (Fabiana, 33 anos).

Dessa forma, procurou-se saber que tipo de investimento e cuidados elas dispensavam a seus corpos antes da gestação a fim de tecer um paralelo com o que me relatavam no atual momento.

Sempre fiz muito exercício, ginástica, vôlei... mas agora não tenho mais tempo para nada (Maria, 27 anos).

As falas de nossas entrevistadas evidenciam aspectos importantes, como a rotina imposta no cuidado com o corpo, tal qual aponta Courtine (1995). Cuidar da boa forma é uma tarefa que requer constância.

Antes de engravidar, eu malhava na academia praticamente todos os dias da semana, após o trabalho (Ângela, 31 anos).

Não tinha o corpo perfeito, mas não tinha barriga, menos celulite e mais durinha... não era rata de academia, mas sempre dava uma corrida na praia e ia à academia, pelo menos 4 vezes na semana, durante 1 hora. Lá eu corria na esteira

e fazia musculação. De correr eu gostava sim... musculação, não, fazia pq sabia q era importante (Clara, 33 anos).

Eu malhava de manhã e comia bem, tinha uma dieta equilibrada. Algumas vezes, eu jantava só uma saladinha sem problema (Ana, 30 anos).

A busca por um corpo ideal implica não só uma rotina que por vezes pode ser entediante, mas também em demais sacrifícios. Esses sacrifícios são tolerados em nome de um bem maior, como podemos inferir no caso da musculação adotada por Clara – que a praticava mesmo sem gostar – ou no jantar composto apenas por “uma saladinha”, após um dia de trabalho e de malhação, relatado por Ana.

A constância e a rotina exigida pela malhação em academias pode ser suportada caso haja uma distração (*op cit*). Pertencer a uma tribo – como nos disse Vilhena, Medeiros e Novaes (2005) – encontrando possibilidades de identificações com os demais sujeitos é decerto uma maneira de se distrair. Em contrapartida, a impossibilidade dessa identificação parece tornar a malhação uma tarefa muito mais árdua.

Já fui do tipo viciada em academia, não podia ter uma celulitezinha... apesar de ter o biotipo cheinha, era sarada... depois peguei horror! Pois tive que mudar pra uma academia na Barra, mas nunca me identifiquei com as academias e as pessoas de lá... (Cíntia, 34 anos).

As práticas relatadas pelas mulheres demonstram que, conforme nos disse Bordieu (1987), o corpo na contemporaneidade é um capital, um bem, uma riqueza. Trata-se de ser o corpo – a beleza e os investimentos que se podem fazer nele – um distintivo de uma classe social ou até mesmo uma via de ascensão. Sobre essa segunda possibilidade, podemos nos remeter ao exemplo paradigmático dos contos de fadas (Novaes e Vilhena, 2006). Quem não se lembra da Gata Borralheira, que, por ser bela e dotada de atributos tão femininos e delicados, arrebatou o coração de um príncipe rico que lhe oferece uma vida feliz e definitivamente mais confortável?

Por meio de representações que atravessam gerações, nos habituamos a creditar à beleza um enorme valor de moeda e de troca. Como nos lembra Malysse (2002), o corpo torna-se um capital a ser investido e a dar retorno por meio de um projeto a longo prazo.

Como exemplo máximo dessa representação, temos a seguinte frase de nossa entrevistada, que nos exemplifica o custo desse investimento:

Antes de engravidar eu malhava na A!Bodytech (mensalidade de uns 200 e poucos reais) e passava cremes de redução de celulite (Cellu Reverse). (Raquel, 29 anos).

Portanto, é possível notar nessas falas que a construção de uma bela imagem feminina inclui dois aspectos, a saber: o esforço inerente à sua modelagem e o dispêndio financeiro e de tempo em busca dessa modelagem. Nas mulheres, a beleza é alcançada como forma de trabalho sobre o corpo. Dessa forma, ser bela cansa e dói. A velha frase que ouvíamos de nossas avós “para ser bonita é preciso sofrer” parece mais do que nunca fazer sentido.

5.6

Um novo corpo dividido entre muitas tarefas: práticas corporais durante e após a gestação

Quanto às práticas adotadas durante a gestação, a mais significativa delas é a adotadas com a finalidade de evitar estrias: indesejáveis e temidas marcas da gestação que se mantêm para sempre.

Se marcas corporais indesejáveis são signos de uma história que já se desenrolou e devem ser apagadas (*op cit.*) em nome de uma eterna busca por um corpo jovem e belo, as temidas linhas brancas, quando instaladas, tornam-se quase impossíveis de serem remediadas. Para uma delas, uma sugestão caseira aliada a uma espécie de terrorismo feito pela mãe e a irmã, foi determinante para adotar esse tipo de prevenção. A realização de alguma atividade física e de uma alimentação criteriosa também foram relatadas pelas mulheres entrevistadas.

A única coisa que fiz durante a gravidez (além de rezar pra passar mais rápido) foi passar na barriga e no peito uma pomada (feita em casa com Hipoglós, hormônio de crescimento e óleo de amêndoas) para não ter estrias. E isso, porque minha mãe e irmã ficaram colocando terror em mim. Coisas do tipo: você vai ficar com estas marcas que NUNCA mais vão sair da sua barriga, hein! Agora, já tenho um pacote de drenagem linfática, já passo um corretor antes de sair de casa, enfim, me cuido mais, porque o tempo realmente é ingrato! Ainda mais quando você trabalha, tem casa, marido, filhos pra cuidar!!! Rsrtrs Ser mulher é difícil!! Tentar ser bonita, então! UFA! Rsrtr (Paula, 27 anos).

Grávida, fiz hidroginástica até o oitavo mês. Também passava óleo de amêndoas pra evitar as estrias (Ângela, 31 anos).

Eu estava muito empolgada com a minha gravidez... mas eu tentava cuidar do meu corpo o máximo possível... mas era meio chato passar cremes antiestrias três vezes por dia... mas era preciso fazer (Raquel, 29 anos).

Em relação ao corpo, eu procurei me cuidar bastante, desde o início praticava exercícios e minha primeira providência, quando soube que estava grávida, foi marcar a nutricionista (antes mesmo do obstetra!!). Eu sempre me preocupei muito com a minha imagem e saúde, e sempre me alimentei muito rigorosamente saudável (Fabiana, 33 anos).

Após o nascimento do primeiro filho, o corpo que até então podia ser um grande objeto de investimento, como vimos anteriormente, precisa, segundo nossas entrevistadas, ser colocado em segundo plano. Um corpo dividido entre muitas tarefas parece não ser fácil de administrar, como ficou claro na fala de Paula e de outras entrevistadas.

Bia está com oito meses e até agora não consegui voltar a fazer nada. Sei q preciso e fico com isso na cabeça todos os dias, mas ainda n consegui voltar. Porque é uma preocupação... Mas depois do parto ando muito cansada... sem disposição. Eu não cuido mais só de mim. Agora tem alguém pra cuidar também e isso me deixa mais cansada. A vida muda radicalmente (Clara, 33 anos).

Depois que o José chegou... Aí muda tudo!!! No início mal dá tempo de pensar em vc... Qd vai crescendo, melhora, e gradualmente fui tendo um pouco mais de tempo pra mim e às vezes dá para passar cremes e etc. e às vezes não... Agora, ele com três anos, consigo ir ao salão, fazer drenagem, academia... mas, nunca dá para tudo na mesma semana... tenho que revezar e escolher a prioridade. Conseguir fazer de tudo isso sempre que tenho vontade faz parte de outra época da minha vida, mas, acho que daqui a alguns anos será possível outra vez. Penso que gosto de me cuidar e me cuido, mas, dentro do possível para esse momento (Fátima, 30 anos)!

Atualmente não tenho malhado, mas voltei a passar creme anticelulite, o que mudou agora é a falta de tempo para me cuidar do jeito que eu gostaria (Raquel, 29 anos).

Depois que o filho nasce, isso fica impossível. Primeiro, você tem que comer correndo e algo que seja rápido e fácil de fazer. E exercício é difícil porque eu não tenho babá e meu filho fica na creche enquanto estou no trabalho. Se não estou trabalhando, estou com ele. Prefiro ficar eu. Hoje em dia vejo em mim uma pessoa que não pode mais pensar em si mesma e tem que pensar sempre no filho antes de qualquer coisa. Não me sinto mais tão “independente”. Daí eu tenho que consumir alimentos que me deem energia para encarar a rotina das 5h30 até 19h, sem parar. Se eu pudesse eu teria um cozinheiro que fizesse apenas comida saudável, um *personal trainer* para malhar comigo e uma empregada todos os dias pra cuidar da casa! Tudo isso pra cuidar do corpo, de mim (Ana, 30 anos).

Tendo em vista que administrar várias tarefas demanda muito tempo, cada qual encontra uma solução para mediar e dar conta de todos esses afazeres. Maria, por exemplo deseja incluir seu filho nas atividades que costumava fazer, levando-o junto na cadeirinha da bicicleta e assim inseri-lo nas atividades da família.

O período em que mais senti falta de exercício foi logo depois que ele nasceu. Logo que o médico me liberou fui dar uma volta correndo na Lagoa! Estava tão feliz por estar correndo que só quando estava chegando no finalzinho me dei conta do quanto eu estava cansada... porque sempre fui acostumada a fazer muita coisa, e por não poder fazer nada eu ficava muito elétrica em casa! Como eu trabalho todos os dias durante a semana, todo o meu tempo livre é do Marcos! De vez em nunca, jogo um voleizinho... Mas quando o Marcos começar a andar, eu vou voltar a fazer tudo! :) Com certeza ele vai para a praia comigo. Vou colocar ele na cadeirinha da bicicleta (Maria, 27 anos).

Notamos então que cuidar do corpo é apenas uma das tarefas, ou um dos desejos, que nossas entrevistadas gostariam de realizar. Contudo, parece que estamos aqui diante de uma constatação fundamental desse trabalho. Apesar de terem dito o quanto seus corpos eram para elas objeto de investimento narcísico, essas mulheres encontraram na maternidade uma outra possibilidade de investimento e recompensa, como dissemos anteriormente.

Mas, além disso, notamos nas falas dessas mulheres que, com o nascimento de seus filhos, não foi mais possível pensar apenas em si mesma, “se sentir tão independente”, ou cuidar apenas de si. Essas mulheres estão nos dizendo que, apesar do interesse em seus corpos ao longo de suas vidas, a maternidade as lança numa condição descrita pela psicanálise à qual fizemos referência por meio dos autores selecionados para pontuar essa questão. Preocupar-se mais com seu bebê e menos com tudo o mais (Stern, 1997) ou identificar-se com seu bebê a ponto de ser capaz de fornecer-lhe a resposta adequada para suas necessidades (Winnicott, 1956) põe essas mulheres diante de uma nova configuração psíquica. Claramente, nossas entrevistadas encontram-se extremamente identificadas às necessidades de seus bebês e de alguma forma menos investidas em qualquer outra atividade. Em termos de desenvolvimento psíquico infantil, essa é uma importante constatação.

5.7

Uma história que se escreve: sentimentos sobre a evolução pela qual o corpo passa ao longo da vida

Comumente a gestação é referida por mulheres de diversas idades como a responsável por marcas corporais indesejáveis que deveriam ser apagadas, bem como qualquer outra marca que denote envelhecimento e uma história que já se desenrolou (Novaes, 2006). Sendo o ideal de juventude e saúde pautado em construções específicas presentes e associadas à beleza, como vimos anteriormente, conhecer os sentimentos de nossas entrevistadas a respeito do processo de envelhecimento também nos interessava. Seguindo esse raciocínio, foi perguntado às mulheres o que sentiam a respeito da evolução que seus corpos percorreriam ao longo da vida.

Três disseram não se importar hoje em dia com questões do envelhecimento: uma disse não pensar no assunto, outra considera tais evoluções parte de um processo natural. A terceira disse ter como referencial sua avó, que se manteve vaidosa, se cuidando até muito idosa. Isso lhe permite hoje encarar o processo de envelhecimento como algo natural, embora confesse não saber como será quando de fato se deparar com “muitas rugas e bumbum caído”.

Tranquilo, não tenho problemas com o envelhecimento... pra falar a verdade nem penso nisso (Cíntia, 34 anos).

Até agora não senti evoluções no meu corpo... Sinto muito mais mudança de cabeça, pensamento. Eu acho que a evolução do corpo é uma coisa natural... Não me preocupo com isso. Me preocupo com a minha alimentação, em gastar minha energia (fazer exercício)... Se o meu corpo mudar vai ser pela idade, que acho que é uma coisa natural... (Maria, 27 anos).

Via minha avó já idosa e vaidosa, sempre bonita, chique, se cuidando... O padrão muda, mas penso que não quero sofrer com isso. Hoje vejo isso como uma coisa natural, só não sei depois... Quando me deparar com as mudanças mais evidentes e marcantes. Tipo... muitas rugas, bumbum caído, etc. (Fátima, 30 anos).

As demais mulheres nos confessaram um claro desconforto quando pensam nesse assunto, apesar de ainda serem jovens.

É triste, viu?! A mulher é muito sobrecarregada em todos os sentidos, e isso reflete no corpo, nas mãos, nos olhos, nas rugas. Eu só tenho percebido essas mudanças de uns anos (dois, três anos) pra cá, pois sempre achei que nunca engordaria, nunca teria nenhuma dor e nunca sentiria o impacto de ter 27, 30, 40

anos. Já estou me preocupando mais com tudo. Quero estar bem, saudável, bonita com 30, 40, 50, mas já entendi que só conseguirei isso fazendo muito exercício, cuidando da pele, do cabelo, enfim, investindo mesmo tempo e dinheiro em mim (Paula, 27 anos).

Essa semana, por coincidência, fui à dermatologista... ela me passou dois cremes *antiage*... eu levei um susto, pois eu não usava até então, mas como estou chegando aos 30 anos isso passou a ser uma realidade para mim... é claro que é chato ter que se preocupar com rugas, mas prefiro me prevenir e demorar a ter rugas, do que fingir que não estou nem aí... (Raquel, 29 anos).

Por um lado é triste, por outro faz parte do envelhecimento... É triste porque você um dia tinha um “corpícho” em cima, tudo durinho, no lugar... e ver ele despencando não é nada agradável pra mim. (Clara, 33 anos)

Acho que o corpo vai murchando e, se a gente não cuidar, não exercitá-lo, ele só pode murchar mesmo, não tem jeito, cai tudo! (Ana, 30 anos).

Interessante notar que tais mulheres internalizaram a promessa de que, com ajuda profissional, o investimento certo e esforços, as marcas do envelhecimento podem ser, de algum modo, mediadas, amenizadas ou apagadas.

Sobre o incômodo por algo que estaria fadado a acontecer, relacionado ao processo natural de envelhecimento, uma delas lamenta não poder se prevenir para que seu corpo não “murche” e outra relata que não é agradável a ideia de um dia ter tido “um ‘corpícho’ durinho, no lugar” e constatar que esse corpo pode “despencar”. Essas falas demonstram um padrão de beleza relacionado exclusivamente a uma estética corporal vinculada à juventude e à vivacidade. O processo de envelhecimento remete a “murchar” e “despencar”, ou seja: perecer, ser finito, desaparecer. Constatações de uma história que se desenrola e chega ao fim. Essa constatação de finitude, associada à perda dos atributos valorizados em nossa sociedade, gera tristeza e precisaria ser mediada. Dessa forma, mais do que nunca lutamos contra esse processo. Se antes deveríamos lidar e aceitar nossas limitações estéticas ou de saúde, hoje a evolução da medicina e da genética vem nos dizer que aos poucos qualquer barreira poderá ser transposta.

5.8

Fashion mom – o corpo das celebridades

Após entrar em contato com as experiências de nossas entrevistadas com seus corpos modificados pela gestação, nos interessava procurar compreender

como se posicionavam em meio aos ideais de corpo da gestação propostos pela cultura.

Como representantes máximas desse ideal propagado, celebridades diversas aparecem constantemente com seus bebês recém-nascidos e seus corpos aparentemente intactos. Dessa forma, nada melhor do que saber sobre a relação de nossas entrevistadas com um padrão corporal proposto e veiculado do que invocando em nosso bate-papo tais celebridades e suas gestações.

Quando foi pedido que dessem sua opinião sobre o que vinha sendo veiculado na mídia a respeito do corpo da gestação das celebridades, duas entrevistadas responderam imediatamente que acreditavam haver coisas mais importantes a se pensar.

Foi possível notar nessa categoria que as celebridades e suas imagens suscitam afetos diversos no que se refere às suas gestações. Se regularmente grávidas “comuns” provocam afetos diversos nas pessoas com as quais se relacionam, com as celebridades com as quais “nos relacionamos virtualmente” não poderia ser diferente.

O desdém e o descaso inicialmente expostos pelas duas entrevistadas citadas foram logo complementados por observações sobre uma determinada celebridade que não havia conseguido emagrecer após o nascimento de seu filho ou por críticas pertinentes aos ideais forjados que tais mulheres transmitem. Curioso notar que, apesar do referido desinteresse em relação ao tema, tais críticas proferidas de maneira tão adequada só poderiam ser tecidas por quem entende do assunto corpo/celebridade.

Isso faz parte da profissão delas! Elas trabalham com o corpo!... Vi que a Ivete Sangalo demorou muito para emagrecer! :) Ela ficou bastante tempo gordinha!!! Mas eu não vejo essas reportagens... O que vejo são só as capas das revistas... Tem coisa mais interessante para se pensar!... (Maria, 27 anos).

Eu acho um absurdo a maneira como isso é valorizado em nossa sociedade. Poderíamos estar nos preocupando com coisas tão mais importantes. Aliás, acho pior ainda porque mostra para os homens que é moleza engravidar, voltar a ficar *sexy* e pronta pra ser a melhor parceira na cama. E isso não é totalmente verdade. Não acho justo com as mulheres o que a mídia faz – valorizar a magra, a que voltou ao peso, mostrar que isso é normal e “condenar” o excesso de peso de uma Ivete da vida. E, claro, não acho justo porque a mulher acaba sendo cobrada pelo parceiro indiretamente, ou até mesmo subliminarmente, que aquilo que é divulgado na mídia é o que deveria acontecer... Injusto, né?! (Paula, 27 anos).

O aspecto mais importante que podemos ressaltar nessa categoria é a clara distinção marcada por nossas entrevistadas entre o lugar que ocupam socialmente e o ocupado pelas celebridades no que se refere à exigência de uma determinada forma física. Essas últimas destacam-se exatamente pela beleza e por atributos físicos exigidos por seus ofícios de atrizes, modelos ou cantoras em nossa sociedade. Fica claro para nossas entrevistadas que nesses ofícios a estética adequada e o rápido retorno corporal lhes garantem ou contribuem essencialmente para o sustento delas e de suas famílias. Portanto, o retorno à forma física de uma celebridade deve ser algo arduamente desejado.

Tenho quase certeza de que ficam desesperadas com o corpo deformado e se submetem a qualquer tratamento pra voltar à forma. Até porque, como na nossa sociedade isso é supervalorizado e elas vivem de suas imagens, imagino que façam loucuras!! (Paula, 27 anos).

Entendo que as famosas devam sim se preocupar com o corpo, a imagem, pois é o ganha-pão delas... (Cíntia, 34 anos).

Noto o que tem saído, sim. Realmente impressiona a capacidade de recuperação dessas mulheres, mas elas dependem disso, vivem da imagem, então é esperado esse padrão de comportamento pra retornar à boa forma. Imagino que elas passam por todo o tipo de restrição alimentar e recorrem a diversos tratamentos estéticos, academias, devem fazer cirurgia plástica logo (Mariana, 31 anos).

Fico impressionada em como conseguem sair da maternidade com o corpo sarado. Fernanda Lima... surreal... gêmeos... e nem parece que teve filhos. A Claudia Leite... as modelos, então, nem se fala, Alessandra Ambrosio, Isabela Fontana... etc. Alguma coisa elas fazem... ficam sem comer, plástica, *personal* etc. Queria descobrir! (Clara, 33 anos).

Em geral eu fico impressionada em como elas perdem peso rápido. Entendo que precisam cuidar da imagem e têm dinheiro para fazer tratamentos estéticos para perder peso rápido. Só não sei se a perda de peso delas é saudável. Elas devem fazer drenagem linfática, dieta, exercícios com *personal trainers*. E com certeza elas têm uma babá para cuidar do bebê enquanto fazem tudo isso! Algumas devem fazer uma lipo básica. Assim, até eu! (Ana, 30 anos).

Observa-se que – assim como nas falas das usuárias do *Orkut* pertencentes à comunidade da revista *Boa Forma* descritas anteriormente – nossas entrevistadas também parecem procurar compreender as práticas adotadas pelas *fashion moms* a fim de restabelecerem rapidamente as formas de seus corpos após a gestação. Há quem diga que desejaria saber o “segredo” dessas mulheres.

A possibilidade de uma pronta recuperação das medidas é claramente atribuída a uma equipe de profissionais, composta por *personal trainer*,

cozinheiro, nutricionista e babá. O fato de se referirem a tantos “ajudantes” nos leva à conclusão de que tais tarefas (maternidade e culto ao corpo) seriam demasiadamente exaustivas e dispendiosas no que se refere a tempo e investimento. Portanto seria impossível ou arduamente trabalhoso para apenas uma pessoa – especialmente para aquela que não dispõe de recurso financeiro suficiente para tal – realizá-las sozinha. Tal dificuldade sentida por nossas “simples mortais” são em alguns momentos atribuídas por elas também às celebridades, conferindo um toque de humanidade àquelas mulheres portadoras de um corpo liso e sem grandes dimensões que nos habituamos a ver nas capas de revistas.

Outra coisa que eu acho que ajuda é você ter alguém (uma babá ou enfermeira) pra ajudar a cuidar do seu filho enquanto você dedica tempo a você mesma, e isso elas têm com certeza. E nós, meras mortais, às vezes não temos!! Com isso, elas conseguem dormir melhor, comer melhor, fazer um exercício, enfim, têm mais tempo e dinheiro pra se preocupar com esse tipo de coisa. Agora, também acho que tem algumas que conseguem mesmo voltar ao peso sem nenhum grande esforço como o meu, pois os metabolismos são realmente diferentes! (Paula, 27 anos).

Parece que fizeram uma cirurgia e outra pessoa cuida desse neném... Entregaram para alguém. Elas devem ter babás, folguistas e todas as mordomias estéticas. Só pode ser... (Fátima, 30 anos).

Eu acho que elas têm é muita disposição, isso sim!!! Porque não é mole, não, elas devem ter babá para ficar com o filho durante a madrugada para elas poderem acordar lindas e maravilhosas e super bem-dispostas para malhar bastante!! Rsrtrs Além do mais, o trabalho delas depende da imagem, então, elas são meio que obrigadas a trabalhar essa imagem. Eu acho que é malhação aliada à alimentação, mas duvido que elas não sofram com isso, pois a ansiedade e o cansaço doem de vez em qdo (Fabiana, 33 anos).

Quando dissemos que celebridades suscitam afetos diversos, referimo-nos, por exemplo, ao desconforto claramente notado nas críticas que foram deferidas às mulheres que podemos considerar ícones do culto ao corpo e gestação. Cláudia Leitte, cantora, foi a mais citada. Além dela, houve quem citasse Adriane Galisteu, apresentadora que disse claramente em entrevista ter se inspirado no corpo pós-gestação da amiga baiana quando soube que estava grávida.

A Claudia Leitte, achei ela meio desnaturada... Não tem como não ficar ausente para ficar rapidinho tão sarada. Pode ser preconceito, mas, nos primeiros meses, a gente fica com muita cara de mãe, cheiro de neném... e essas mulheres não aparentam nada disso (Fátima, 30 anos).

Achei a Claudia Leite ridícula. A atitude dela de querer participar do carnaval um mês depois do nascimento do filho, ridícula. Leva o menino pra tudo o que é lugar e depois a criança tem meningite, é falta de cuidado. (Ana, 30 anos).

A Adriane Galisteu foi quem mais me chamou a atenção. A incoerência nas atitudes e falas dela numa entrevista. Exemplo: ficou com pânico de amamentação (dói MUITO mesmo), voltou a fumar para perder peso e controlar a ansiedade com o aval do médico. Faz mil abdominais por dia. Ao mesmo tempo, diz que a maternidade foi uma transformação na vida dela, que ela nasceu pra ser mãe, e tal... é óbvio que ser mãe é muito mais do que isso, é muito amor... mas quem já passou pela experiência de ter um bebezinho sabe que é por esse amor que vc dá conta de encarar o lado pesado da maternidade (Cíntia, 34 anos).

As entrevistadas definem como pouco cuidadosas e egoístas tais celebridades que investem em seus corpos no início da vida de seus bebês. Investir no corpo parece significar não ser capaz de estar disponível para fazer um investimento no bebê “por completo”, da maneira como consideram adequada a seus próprios filhos. Nossas entrevistadas baseiam-se no mito do amor materno proposto por Badinter (1985) como uma construção presente em nossa sociedade.

Essa autora nos lembra de que nem sempre as mães foram totalmente devotadas ou amaram incondicionalmente seus filhos da maneira como se espera que façam hoje. O amor materno seria uma construção social e, como qualquer outra, estaria submetido a variações ao longo dos tempos, de diferentes culturas, sociedades, ou mesmo de um filho para outro.

Contudo, nossas entrevistadas parecem acreditar e basear suas reflexões nesse mito do amor incondicional, sendo assim, primordialmente as mulheres devem amar seus filhos, antes de qualquer coisa, e este deve ser sua máxima prioridade. E como Stern (1997) nos diz, às mães será atribuído tudo o que aconteça a seus filhos e é delas essa responsabilidade. Mesmo que seus filhos sejam cuidados por outras pessoas.

Impossível, ao entrar em contato com as falas de nossas entrevistadas, não suspeitar que de alguma forma uma rivalidade feminina parece perpassar seus discursos. Dispor de tempo para cuidar de si mesma e para isso contar com um dispendioso aparato e suporte não é a realidade de muitas mulheres de camadas médias que entrevistamos. Mães famosas parecem poder não apenas investir em seus corpos, mas em um tipo de trabalho que lhes oferece um retorno narcísico imediato, mediante olhares de admiração, curiosidade, interesse em suas vidas. Por mais gratificante que seja cuidar de seu próprio bebê e dedicar-se a ele, será

que em alguns momentos nossas entrevistadas, em meio a fraldas, choros, exigências e noites mal dormidas, não invejariam uma noite de sono em um hotel longe de casa ou o apoio de todo o *staff* a que se referiram?

5.9

Mães de *Caras* – sobre a maternidade das mulheres famosas

O fato mais curioso que pode ser notado nessa categoria foi a imediata associação que nossas entrevistadas fizeram ao corpo quando lhes foi pedido que falassem o que imaginavam da maternidade das mulheres famosas. Peço que me falem sobre maternidade e novamente elas falam sobre corpo, imagem, práticas corporais. É interessante notar que tal associação imediata nada mais é do que uma constatação do que dissemos anteriormente: a gestação e a maternidade das mulheres famosas costumam ser primordialmente retratadas na mídia pelas formas de seus corpos. Qualquer outra dimensão de suas experiências parece ficar, se não esquecida, relegada a segundo plano.

Nossas entrevistadas parecem oscilar quanto à maneira como enxergam as celebridades. Em um momento entendem que um excesso de tarefas seria inviável para qualquer mulher – como vimos anteriormente – situando assim as famosas no mesmo universo que elas. Em seguida, parecem compreender que, às celebridades, apenas sobra da maternidade aquilo que podemos ver nas capas de revistas ou na televisão: a exposição de seus corpos, de suas práticas de exercícios e de seus bebês como continuação de suas fantásticas imagens.

Bom, acho que elas devem ser pessoas que ultra mega valorizam o magro, o belo (imposto pela sociedade) e isso não deve fazer bem pra nenhuma criança. Elas (a maioria) devem ser mães que rezam para que o filho tenha saúde, mas pedem que tenham o olho de uma cor, o cabelo de outra, enfim, devem ser muito preocupadas com isso. Até porque envolve o que o outro vai dizer, o que o jornalista vai escrever. Acho que mãe tem que se preocupar com o interior do seu filho. Devem ser mães presentes desde que não interfira na aula de ginástica, musculação, massagem, depilação, cabeleireiro etc. (Paula, 27 anos).

Imagino que elas tenham um bom *staff*: babá, enfermeira, folguista, motorista... um arsenal completo! Pra elas sobra acompanhar, passear, levar ao pediatra, exibir :), mas sempre o trabalho duro com o *staff* (Cíntia, 34 anos).

Essa pergunta é muito complicada de responder. Imagino que toda mãe queira o melhor para o seu filho... não sei como responder a isso. Mas acho que elas são mais egoístas... como estão sempre na mídia, e no trabalho precisam estar lindas,

maravilhosas, às vezes param de amamentar mais cedo para poderem ficar com o corpo em cima (Clara, 33 anos).

É complicado porque cada caso é um caso. Prefiro acreditar que algumas conseguem conciliar as tarefas com o ser boa mãe, mesmo sabendo que não é a maioria. Os filhos de muitas devem ser criados por babás, muitas devem deixar de amamentar ou até não amamentam pelas preocupações com o corpo e falta de tempo. Tipo se o peito vai cair, etc. Não devem participar efetivamente do desenvolvimento dos filhos (Ângela, 31 anos).

Olha, do jeito que elas falam dos filhos e as fotos que a gente vê nas *Caras* da vida, acredito que elas sejam mães presentes. Nenhuma me passou a imagem de ser ausente. Exceto a Claudia Leitte. Acho que ela põe a carreira acima do filho. Acho que elas perdem o melhor momento da vida dos filhos. A criança se desenvolve muito no primeiro ano, cada dia ela aprende algo novo e, se não tiver por perto, você não vê esse crescimento, e a sua ligação com seu filho não é muito forte (Ana, 30 anos).

Difícil julgar, mas acho que são diferentes do meu padrão. Eu sou mais presente! Gosto de fazer tudo para o José... Só delego qdo não dá mesmo... Não digo que seja certo ou errado, mas, é como sou. Elas não devem ser tão presentes, né? Se cuidar assim como elas se cuidam, não tem como... O foco é outro... só se forem de outro planeta (Fátima, 30 anos).

Bem, não sei o tipo de vida que essas mulheres levam, mas acho que deve ser difícil, pois o trabalho artístico (cantoras, Gisele Bündchen, etc.) deve consumir muito, elas devem sofrer separadas do filho, pois acho que toda mãe, se não a grande maioria, pensa muito sério em largar tudo para ficar com o bebê. Mas elas não podem deixar isso transparecer na mídia, né, têm que estar sempre de ótimo humor (Fabiana, 33 anos)!

Difícil escolher, entre essas falas, qual exemplifica o que estamos pontuando nessa categoria. Cada uma nos pareceu tão paradigmática que se optou por dispor todas, mesmo que isso seja um excesso para os termos acadêmicos.

“Mães que devem ser presentes desde que isso não interfira em suas aulas de ginástica”. Mulheres que se negariam a ter um “trabalho duro” com seus filhos. “Mulheres egoístas”, más mães, “seres de outro planeta”. “Mulheres que não participam da vida dos filhos e, portanto, não teriam com eles uma ligação tão forte”. Estamos diante de frases de impacto que nos falam de construções muito claras que são proferidas por nossas entrevistadas.

Como dissemos anteriormente, nossas entrevistadas baseiam-se no mito do amor materno e entendem que a tarefa referente aos cuidados de um filho pequeno deve ser primordialmente da mãe. Esta seria a mais adequada para tais tarefas por amá-lo incondicionalmente e talvez ser a que melhor possa se adaptar aos cuidados de seu bebê. Winnicott (1956) e Stern (1997) nos lembram que, de fato,

as mulheres desenvolvem uma nova organização psíquica a fim de se identificar e adequar às demandas de seus bebês. Mas isso não quer dizer que nenhuma outra pessoa possa apoiá-la e dividir com ela tal tarefa.

Podemos inferir que nossas entrevistadas seriam mulheres dotadas de visões muito tradicionais. A passagem sobre a mãe que não está constantemente perto de seu filho a fim de acompanhar qualquer mudança ou aquisição dele, de não perder a chance de estabelecer com ele uma forte ligação nos parece emblemática. No entanto, é curioso constatar que esses relatos vêm de mulheres que se encontram também inseridas no mercado de trabalho e, como qualquer outra nos dias de hoje, também estão destinadas a administrar múltiplas tarefas. Todas as nossas entrevistadas trabalham fora, mas talvez tenham se habituado a perpetuar as tradicionais cobranças das funções ideais que só remetem as mulheres à sensação de serem sempre insuficientes ou culpadas. Talvez nossas entrevistadas disponham de mais tempo para seus filhos do que uma cantora que viaja muito ou uma atriz que, por vezes, esteja envolvida em ritmos intensos de gravação ou apresentações de espetáculos. Contudo, nossas mulheres também não dispõem diariamente de todo o tempo que gostariam para seus filhos.

A partir dessa constatação nos resta inferir que o que parece definir um possível “descaso” ou falta de cuidado das celebridades com seus bebês não é necessariamente o ritmo de trabalho delas, mas, sim o tempo que nossas entrevistadas acreditam que essas mulheres gastam com seus corpos e imagem nos horários em que estão livres de seus afazeres profissionais. Como se, no universo feminino, uma boa mãe só pudesse existir se todo o tempo que não é destinado ao trabalho – tarefa obrigatória – fosse destinado exclusivamente aos seus filhos.

Isto fica mais claramente evidenciado quando notamos que a única famosa citada como mãe zelosa foi Ivete Sangalo, que demorou um bom tempo a recuperar suas formas após o nascimento de seu primeiro filho.

A Ivete Sangalo... ela parece ser muito preocupada com o seu bebê e ficou acima do peso vários meses após o parto... mas dava para perceber que o importante para ela era a maternidade... e foi bonito ver esse exemplo de uma famosa voltada para o filho e nem tanto para a sua imagem... (Raquel, 29 anos).

Parece que as marcas no corpo, nesse momento da vida feminina, mesmo que não desejáveis em termos estéticos, são representativas de um investimento

que é deslocado de si mesma para um outro. Dessa forma, Ivete Sangalo, que ficou acima do peso durante vários meses após o nascimento de seu filho, pôde receber o aval de ser uma boa mãe, enquanto à Claudia Leitte – que rapidamente retornou às suas formas anteriores – é atribuída a responsabilidade pela meningite de seu filho recém-nascido.

Como dissemos antes, jamais teremos acesso ao que de fato se passa na realidade das maternidades dessas mulheres, pois, como expectadores, só acessamos suas imagens e informações recortadas. Mas é curioso notar, com base nesses dois exemplos de suposto investimento em seus corpos e seus filhos, como definitivamente aprendemos em nossa sociedade a fazer julgamentos morais e de condutas pelas aparências e pelos cuidados (ou descuidos) que cada qual tem com o próprio corpo.

5.10

Mãe é mãe: possibilidades de identificações

Por fim, foi pedido às entrevistadas que relatassem o que acreditavam haver delas nas mulheres famosas e das mulheres famosas nelas.

Em busca de possibilidades de identificação entre as “simples mortais” e as *fashion moms* foi possível constatar que qualquer identificação em relação à preocupação com a aparência veio seguida da ressalva de que, para elas, entrevistadas, a aparência não tinha nesse momento de suas vidas o valor que acreditavam ter para as celebridades.

Eu acho que toda mulher se preocupa com as mesmas coisas, mas em graus diferentes. Todas querem estar bonitas pra si mesmas, pra sociedade, pra seus maridos, mas algumas fazem qualquer coisa pra obter isso e outras acabam atingindo isso por estarem bem consigo mesmas (meu caso). O que eu tenho dessas mulheres, neste momento de vida, é buscar sim melhorar meu corpo a cada dia, pois comecei a sentir o peso do tempo e da idade. E o que eu NÃO tenho delas é a obsessão para fazê-lo, esta não é a minha prioridade. Isso quer dizer que naturalmente chegarei ao corpo que estou almejando, à saúde que tanto quero, mas a minha motivação é provavelmente diferente da delas! Eu ficarei mais bonita – por dentro e por fora – sem ter que me matar em uma academia, adiar compromissos com a família e sem me privar das coisas boas da vida (doces, bolos, massas, etc.) (Paula, 27 anos).

Pelo fato de serem as entrevistadas inseridas no mercado de trabalho, foi possível haver uma identificação com as celebridades como trabalhadoras. A

identificação com essas mulheres é feita então, primordialmente, pela via do trabalho e por tudo aquilo que é possível buscar e conquistar a fim de proporcionar aos filhos os recursos financeiros necessários para a sua criação e seu desenvolvimento. Apenas secundariamente a identificação com essas mulheres passaria pelo corpo, pela aparência, pela estética ou por atributos historicamente delegados ao universo feminino.

Aliado à identificação pela via do trabalho e ao fato de precisarem ser “mulheres equilibristas” – na fala de uma de nossas entrevistadas – o gerenciamento multitarefa comum ao universo feminino é citado também nesse momento como algo comum a todas as mulheres, independentemente de suas profissões.

Nessa última pergunta foi possível perceber que as mulheres, anteriormente distantes e criticadas quanto à relação que estariam construindo com seus filhos, puderam ser nesse momento mais aproximadas das realidades de nossas entrevistadas. Dessa forma, aquelas que antes foram colocadas à prova no que se referia ao amor ou aos cuidados dispensados a seus filhos, tiveram aqui finalmente esse amor relativizado.

Acho que o amor que sentimos pelos nossos filhos... não existe nada mais mágico. A garra, tivemos filhos e continuamos trabalhando, somos mulheres equilibristas... (Clara, 33 anos).

No fundo, somos todas mulheres querendo aceitar e ser aceitas pela sociedade, os maridos, os patrões, as amigas, as fãs... e, principalmente, apaixonadas pelos nossos filhos. Cada uma com um nível de exigência maior ou menor em determinado ponto, como a vaidade, ou o sucesso profissional... (Cíntia, 34 anos).

Nossa, que pergunta difícil. Não sei. Em relação à obsessão com o corpo não temos nada em comum. Talvez tenhamos em comum a necessidade de trabalhar e sacrificar o que eu chamaria de relação ideal com os filhos por conta disso, é obvio que elas sacrificam muito mais cedo que eu (Ângela, 31 anos).

Acredito que todas as mães, independente de classe social, tem um amor infinito pelo filho e quer dar tudo do bom e do melhor para ele, então trabalhamos muito por isso. As mulheres trabalham muito para poder dar as coisas para os filhos e não para elas mesmas. Como diz no comercial de uma companhia de telefone celular. Essa vontade de dar tudo do bem e do melhor para nossos filhos. Todas nós trabalhamos muito para isso (Ana, 30 anos).

O que se assemelha é o fato de elas e eu termos que lidar com a maternidade, o trabalho e a vida pessoal ao mesmo tempo... temos que ser boas em tudo o que fazemos, mas cuidar de um filho exige muito tempo e dedicação... às vezes acabamos nos deixando de lado... por isso é preciso ser muito organizada com o tempo. Eu gosto de ficar bonita... não tem a ver com a minha profissão... sou

vaidosa... e elas têm que ficar bonitas... devido à profissão (também). De diferente, posso dizer que eu sou menos cobrada a ficar em forma... a cobrança vem de mim mesma... elas são fotografadas a todo momento... isso deve ser muito chato, pois a vida pessoal não se separa da profissional... as revistas, os fãs... todos esperam que elas estejam sempre lindas... (Raquel, 29 anos).

Considerações finais

Escrever um trabalho composto por uma pesquisa de campo sempre nos põe diante de questões que consideramos inacabadas. A sensação de que haverá algo mais para ler, refletir e pontuar em determinado momento é seguida de um sentido de realidade e delimitação de tempo – externo e também interno – que nos obriga a definir um ponto de chegada.

Estabelecer o ponto final de um trabalho é tarefa árdua e talvez impossível, na medida em que um tema poderá sempre ser explorado de várias e novas maneiras, a partir de ampliações que nos levarão constantemente a compreender algo mais, algo de novo. E com os aspectos referentes ao culto ao corpo e à gestação em nossa sociedade não poderia ser diferente. Portanto, o termo considerações finais nos parece mais adequado aqui.

Tomando a psicanálise como pano de fundo, este trabalho teve como objetivo tecer uma articulação entre sujeito e cultura, no que se refere aos valores veiculados na contemporaneidade sobre um ideal de corpo, beleza, saúde e juventude. Na busca desse ideal, às vezes é preciso adequar-se a prescrições diversas, e por vezes severas, aliando boas doses de abnegação, disciplina e investimento em si mesmo. Trata-se de um corpo que promete ser infinitamente maleável e em nossos tempos adquire o *status* de um grande e recompensador projeto pessoal.

Notamos então que nem mesmo o corpo da gestação escapa de construções específicas baseadas nesses valores contemporâneos, especialmente no que se refere a um modelo de estética corporal. Não apenas porque as marcas do processo gestacional são apontadas constantemente como grandes vilãs da forma física feminina, mas porque se veicula uma ideia de que o tempo de tolerância para essas marcas pode e deve ser cada vez menor. O ideal de instantaneidade e a impossibilidade de suportar qualquer espera tão comuns em nossos tempos parecem sustentar tal afirmação.

Estamos diante de um crescente mercado estético e até cirúrgico voltado para o corpo marcado pela gravidez. Estamos diante também de um grande

número de reportagens sobre a maternidade de mulheres famosas que parece sempre reduzir suas experiências à forma física de seus corpos, apresentando-nos uma maternidade destituída de qualquer outra dimensão além da estética.

A pesquisa realizada a fim de compreender como dez mulheres pertencentes às camadas médias do Rio de Janeiro lidam com seus corpos modificados pela gestação e como articulam o ideal de corpo veiculado pela cultura nos levou a caminhos interessantes.

Algo curioso aconteceu em nossas entrevistas. Duas mulheres perguntaram se também poderiam contar detalhes sobre as dificuldades de seu processo de amamentação, sobre o parto de seus filhos ou sobre suas relações com familiares. Essas mulheres estavam indicando algo que, por mais óbvio que pudesse ser, não deveríamos perder de vista. Elas queriam relatar suas “experiências completas”.

Na contramão da maternidade sem grandes dimensões das capas de revistas, nossas entrevistadas estavam nos dizendo que na vida real é muito diferente. A maternidade delas é um processo repleto de *nuances*, desafios, questionamentos, dores e dificuldades, culpas e alegrias diversas. Nesse processo, seus corpos, sim, tinham um lugar em meio a tudo isso, mas eram apenas parte de toda a dimensão daquilo que estavam vivenciando.

Esses relatos foram muito importantes para nos lembrar de que, apesar de nossos trabalhos terem seus recortes e prioridades, e nossa entrevista ter um foco, suas vidas e suas experiências não têm. Essas falas demonstravam que era preciso ter cuidado para não adotar uma postura reducionista, localizando suas respostas apenas às suas experiências com a estética de seus corpos.

Por vezes, nossas entrevistadas nos disseram que “tinham coisas mais importantes para pensar do que nos corpos das celebridades”. E no momento em que este trabalho estava em processo de construção, ouvir tais constatações taxativas por vezes nos levava, inicialmente, a questionar a validade e relevância deste objeto de estudo. Em que poderia ser importante para as mães de hoje um trabalho como este?

Era preciso, então, reler reportagens, buscar compreender cada vez mais os agenciamentos do corpo e da beleza em nossa sociedade. Porém, como dissemos anteriormente, não se tratava somente de compreender aspectos referentes a um ideal de corpo. Era preciso compreender também o ideal de maternidade veiculado e perpetuado ao longo de décadas em nossa cultura. Desde os tempos

em que as mulheres ocupavam primordialmente o ambiente doméstico, quando se esperava que as maiores contribuições sociais femininas fossem a procriação, os cuidados com a família e com o lar. Algo que nos remeteria à “santa mãezinha” proposta pela historiadora Mary Del Priore (1993), quando coube à Igreja construir um modelo ascético, maternal, assexuado e subordinado da mulher.

Partimos então para tentar compreender aspectos da construção da maternidade em nossa cultura, da construção de um mito do amor materno, que se supõe incondicional. Ou nos lembrar da “boa mãe” proposta pela psicanálise. Aquela que é responsável pelo equilíbrio psíquico de seu bebê, desde que seja capaz de identificar-se com ele e entrar em uma nova e única organização psíquica que lhe permita exercer sua função materna de forma positiva.

O que podemos considerar de mais rico no resultado da análise dessas entrevistas é o fato de nossas entrevistadas se encontrarem divididas entre dois discursos: o discurso da maternidade ideal e o do corpo ideal. É possível, portanto, notar a ambivalência dessas mulheres em diversos momentos de nossas entrevistas, embora estejam tendendo mais a um ideal de maternidade, o que em termos de constituição psíquica de seus filhos, podemos considerar ser uma importante constatação.

Foi possível constatar o fato de apenas três mulheres revelarem estar insatisfeitas com seus corpos no momento da entrevista. As demais relataram estar precisando lidar com um corpo de novas formas, mas de acordo com seus relatos, nada que se refira a uma experiência angustiante ou a um corpo repugnante, como nos diz Zuckerman.

Podemos notar que nossas entrevistadas conhecem bem as regras da cultura no que se refere aos ideais de beleza, saúde, juventude, bem-viver e felicidade veiculados em nossos tempos. No entanto, não se submetem acriticamente às regras excessivas de uma tirania da beleza. Embora em alguns momentos desejassem descobrir os segredos das celebridades e de seus corpos, são capazes de pontuar, refletir, estabelecer parâmetros que podemos considerar por vezes mais realistas e até mesmo mais protetivos, no que se refere a resguardar-se de exigências culturais desmedidas.

Para tanto, talvez às vezes pareçam defender-se das imagens de corpos intactos de mães recentes, evocando, por exemplo, o que poderia denotar uma rivalidade feminina quando criticam as celebridades e acreditam que tais mulheres

sejam supostas mães descuidadas e egoístas. Demasiadamente ocupadas e investidas em si mesmas e em seus corpos, mães famosas seriam responsáveis, por exemplo, pela meningite de um filho pequeno ou pela impossibilidade de estabelecer fortes vínculos com seu bebê, tendo em vista que, como mães, estariam constantemente ausentes.

Nossas mulheres parecem fazer uso do repertório de significações que tem disponível para dar sentido às imagens e aos discursos entrecortados que chegam até elas.

O descaso ou a falta de cuidado das celebridades com seus bebês não é necessariamente atribuído ao seu ritmo de trabalho, mas sim ao tempo que nossas entrevistadas acreditam que essas mulheres gastariam investindo em seus corpos e em suas imagens nos horários em que estão livres de seus afazeres profissionais.

A única famosa citada como mãe zelosa foi Ivete Sangalo, que demorou um bom tempo a recuperar suas formas após o nascimento de seu primeiro filho. Definitivamente, aprendemos em nossa sociedade a fazer julgamentos morais e de condutas pelas aparências e os cuidados (ou descuidos) que cada qual tem com o próprio corpo. Além disso, parece que ainda hoje a boa mãe ainda é aquela que seria capaz de abrir mão de si mesma e de seus próprios investimentos em prol de seu filho.

Nossas entrevistadas veem um grande *staff* composto por babás, *personal trainer*, motorista ou cozinheiro como a única maneira viável para uma mulher investir em seu corpo após o nascimento dos filhos. Isso parece demonstrar que, de fato, ao longo dos anos a mulher só acumula funções e tarefas, e dar conta de todas elas seria humanamente impossível para uma só pessoa. Seria necessário uma equipe.

Dividida entre rígidos ideais, a mulher ainda hoje perpetua a culpa pela sensação de não dar conta plenamente de nenhum deles. No entanto, parece que aos poucos estamos caminhando para um modelo mais humano e menos idealizado de veicular o corpo nos dias de hoje. Talvez estejamos iniciando um longo caminho na desconstrução de uma imagem falsa com a qual nos habituamos – mas não sem um custo – durante muito tempo.

Isso parece se confirmar ao notarmos, por exemplo, que há um movimento a fim de exigir informações a respeito de fotos que tenham sido manipuladas por técnicas digitais; ou quando constatamos que a marca Dove busca uma campanha

mundial em prol da “Real Beleza”; ou mesmo quando a apresentadora norte-americana Oprah Winfrey passa um programa inteiro exibindo imagens da atriz Teri Hatcher em vários momentos de seu dia, sem truques de maquiagem ou de beleza, para então conversar com atrizes que nos contam suas crises de identidade por não se reconhecerem em suas próprias imagens veiculadas na televisão.

Optamos por encerrar este trabalho com uma fala de nossa última entrevistada. Já terminada nossa conversa, Mariana me chamou novamente ao *Messenger* algum tempo depois para dizer aquilo que não apenas exemplifica um dos conflitos femininos aos quais nos referimos – o de agenciar as inúmeras tarefas e exigências ideais atribuídas ao universo feminino. Mariana queria principalmente me contar sobre a maneira que encontrou para lidar com tais atribuições, dando a elas um sentido e um lugar menos pesado em sua vida.

Minha prima quando teve bebê me falou uma coisa... Depois de ser mãe, no meio de toda a confusão da vida, você passa a perceber que não dá para fazer tudo. Você nunca mais vai conseguir ser a melhor profissional, como nunca vai conseguir ser a melhor esposa, nem a mulher mais gostosa, nem a melhor mãe e etc., mas ser apenas boa em tudo já é genial!

Talvez nossa entrevistada esteja querendo nos dizer que exercer as funções de uma mãe suficientemente boa só seja possível relativizando-se ideais de supostas perfeições. Como Winnicott nos disse, não se trata de uma maternagem perfeita. Sendo apenas boa, nas palavras de Mariana: “já seria genial”.

Referências bibliográficas

ANDRADE, L.; Para manter a boa forma, Dieckmann revela: “Passo fome”. Ego.globo.com apud **Contigo!** 24.6.2008. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL613766-9798,00-PARA+MANTER+A+BOA+FORMA+DIECKMANN+REVELA+PASSO+FO ME.html>>. Acesso em: 25 jun. 2008.

ARAGÃO, R.O. **A construção do espaço psíquico materno e seus efeitos sobre o psiquismo nascente do bebê**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BAUDRILLARD, J.[1970] **A Sociedade de Consumo**. São Paulo: Edições 70, 1981.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRAZÃO, M. NOVAES.J.V.; VILHENA, J. Quem quer ficar na barriga da mamãe? Sobre a gestação em tempos de culto ao corpo. **Revista Polêmica da UERJ**, Rio de Janeiro, v.9. n.4, p. 43-57, 2010. Disponível em: <<http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/66/117>>. Acesso em: 20 dezembro 2010

BRAZELTON, T. CRAMER, B. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CASTRO, A.L. Culto ao Corpo, Modernidade e Mídia. **Lecturas: Educación Física Deportes**, Buenos Aires, año 3, n. 9, marzo, 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd9/anap.htm>>. Acesso em: 20 dezembro 2010.

CASTRO, R. **Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COSTA, J.F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

COURTINE, J.J. Os stakanovistas do narcisismo. In: SANT'ANNA, D.B. (org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DAVIS, M. e WALLBRIDGE, D. **Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2002.

DEL PRIORE, M. **História do amor do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi**. Paris: Odile Jacob, 1998.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Estudio Nobel, 1995.

FERNANDES, M.H. **Corpo. Coleção clínica psicanalítica dirigida por Flávio Carvalho Ferraz**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FONTES, M. **Os Percursos do Corpo na Cultura Contemporânea**. Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Unb – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1459-2.pdf>>. Acesso em: 10 janeiro, 2011.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. (1914).

FREUD, S. **Inibições, sintomas e ansiedade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XX, p.151. (1926 [1925]).

FREUD, S. **Conferência XXXIII: Feminilidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII, p. 113-134. (1933 [1932]).

GARCIA, C.A.; COUTINHO, L.G. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psyche**, São Paulo, v. 8, n. 13, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan, 2011.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M.S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **O nu e o vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLSE, B. O que temos aprendido com os bebês. In: CORREA FILHO (org.). **Novos olhares sobre a gestação e a criança até os três anos**. Brasília: L.G.E. Editora, 2002.

GONDAR, J. Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. **Ágora Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, junho, 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 jan. 2011.

IWASSO, S. Cirurgia plástica após parto avança entre as brasileiras. Especialistas desaconselham pressa em fazer correção estética, popular nos EUA e Inglaterra. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/editorias/2008/01/07/ger-1.93.7.20080107.1.1.xml>>. Acesso em: 27 maio 2008.

KEHL, M.R. **O espetáculo como meio de subjetivação**. In: BUCCLE; KEHL, M.R. Videologias: Ensaio Sobre a Televisão. São Paulo: Boitempo, 2004, 254 p.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MAIA, M.; ALBUQUERQUE, A. Get there now! Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo pulsional. **Revista de Psicanálise**, v. 18, n. 132, p. 81-88, 2000.

MALYSSES, S. A La recherche du corps ideal: culte féminin du corps dans La zone balnéaire de Rio de Janeiro. In: **Cahiers Du Brésil Contemporain**. Paris, n. 31, pp157-174, 1997.

NOVAES, J.V. **Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. Rio de Janeiro: PUC/Pallas, 2010.

NOVAES, J.V. **Perdidas no espelho? Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NOVAES, J.V. VILHENA, J.; LEMGRUBER, M. Sexualidade feminina e envelhecimento: apenas uma questão cirúrgica? Algumas considerações acerca das

cirurgias estéticas ginecológicas. In: **Revista Polêmica da UERJ**, Rio de Janeiro, n.23, 2008. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol23/oficinas/LIPIS_1/lipis_1_1.htm> pp18-30. Acesso em: 20 dezembro 2010.

NOVAES, J.V.; VILHENA, J. Meu corpo, minha prisão... Em busca do corpo ideal. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2006. **Anais...** Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/4.5.3.1.htm>> Acesso em: 20 dezembro 2010.

NOVAES, J.V. Mulher e beleza. Quem disse que beleza não é fundamental? In: GOUVÊA (Org.). Cine Imaginarium. **Imaginário e Estética: Da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008. p. 183-201.

NOVAES, J.V. **O intolerável peso da feiura. Sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: PUC/Garamond, 2006.

NOVAES, J.V. Quando a praia não é para todos. Corpo, sociabilidade e exclusão. In: VILHENA, VIEIRALVES; ZAMORA (Org.). **As cidades e as formas de viver**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p. 83-110.

NOVAES, J.V. Sobre a tirania da beleza. **Revista Polêmica da UERJ**, Rio de Janeiro, v.18, 2007. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol18/oficinas/lipis_4.htm>. Acesso em: 20 dezembro 2010.

NOVAES, J.V. Sobre uma falta que o excesso não cobre: reflexões clínicas acerca de uma jovem obesa e suas relações familiares. **Revista Mal-Estar e Subjetividade da UNIFOR**, Fortaleza, v. IX, p. 1253-1278, 2009.

NUNES, S.A. De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea. **Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Nunes_83071003_port.pdf>. Acesso em: 15 maio 2007.

ORTEGA, F.J.G. Modificações corporais e bioidentidades. **Revista de Comunicação e Linguagens: órgão do Centro de Estudos de Comunicações e Linguagens**, Lisboa, v. 33, p. 247-263, 2004.

PERROT, P. **Le corps féminin: le travail des apparences, XVIII-XIX siècle**. Paris: Éditions de Seuil, 1984.

PICCININI, C.A. *et al.* Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em Estudo** 13, p. 63-72, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a07.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2010.

PIRIM, M. Aspectos Psicossomáticos da Gravidez. In: CHAVES NETTO, HERMÓGENES; SÁ; RENATO AUGUSTO MOREIRA DE. **Obstetrícia básica**, 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2002.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 115 - 120.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SANT'ANNA, D.B. de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHPUN, M. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Senac/Boitempo Editorial, 1999.

STERN, D. **A constelação da maternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SZEJER, M. Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. In: CORREA FILHO (org.). **Novos olhares sobre a gestação e a criança até os três anos**. Brasília: L.G.E. Editora, 2002.

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento**; Tradutora Maria Nuryrmar Brandão Benetti. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

VIGARELLO, G. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S. Mídia e Perversão. In: **Ciência hoje da SBPC**, Rio de Janeiro, v. 31, n.183. Rio de Janeiro, p. 28-31, 2002. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/view/267>>. Acesso em: 5 jan. 2011.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J.V. A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade. In: **Revista mal-estar e subjetividade da UNIFOR**, Fortaleza, v. V, n.1, p. 109-144, 2005. Disponível em: <<http://www.unifor.br/notitia/file/797.pdf>>. Acesso em: 5 de janeiro 2011.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J.V. A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade. In: **Revista mal-estar e subjetividade da UNIFOR**, Fortaleza, v. V, n.18, p. 109-144, 2005. Disponível em: <<http://www.unifor.br/notitia/file/797.pdf>>. Acesso em: 5 de janeiro 2011.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J.V. Médios de comunicação, estética y valor econômico. In: **Psychoanalysis Y El Hospital**, Buenos Aires, n. 29, p. 67-73, 2006.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ZUCKERMAN, D. Disponível em: <<http://www.sinhajornada.com.br/?cirurgia-plastica-apos-parto-avanca-entre-as-brasileiras>> Acesso em: 20 jul. 2008.

SANGALO, I. Entrevista ao Domingão do Faustão em 28 de novembro de 2010.

ALBA, J. Depois da gravidez, Jessica Alba confessa que chorou para perder 25 kg, 4.6.210. Disponível em: <http://www.pop.com.br/mundopop/noticias/celebridades/352232-Depois_da_gravidez_Jessica_Alba_confessa_que_chorou_para_perder_25_kg.html>. Acesso em: 6 jun. 2010.

LIMA, F. Fernanda Lima posa sem roupa para revista, 25.3.2009. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1058503-9798,00-FERNANDA+LIMA+POSA+SEM+ROUPA+PARA+REVISTA.html>>. Acesso em: 26 mar. 2009.

LISBOA, M. Não está na hora de ficar gostosa, 18.4.2009. Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI68941-8224,00-MEL+LISBOA+NAO+ESTA+NA+HORA+DE+FICAR+GOSTOSA.html>> Acesso em: 20 abr.2009.

FONTANA, I. Em entrevista à Contigo em 02.9.2007. Disponível em: <http://isabelfontananews.zip.net/arch2007-09-02_2007-09-08.html> Acesso em: 10 nov. 2007

Sites consultados:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA:
<<http://www2.cirurgioplastica.org.br/>>

SOCIEDADE AMERICANA DE CIRURGIA PLÁSTICA:
<<http://www.plasticsurgery.org/>>

BLOG RECUPERANDO A SILHUETA - Yes I can!

BLOG GRÁVIDA E GATA – o blog da grávida que não queria barangar:
http://gravidaegata.blogspot.com/2009_05_01_archive.html

COMUNIDADE REVISTA BOA FORMA:
<<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9079149909045871470>>

8

Anexos

8.1

Roteiro da entrevista

Nome:

Idade:

Idade do bebê:

Classe social:

Escolaridade:

Profissão:

Está exercendo sua profissão agora?

Casada com o pai do bebê?

1. O sentimento atual sobre o corpo
2. O quanto de investimento fazia no seu corpo antes de engravidar e depois
3. O que dizer sobre as evoluções que o corpo sofre ao longo da vida
4. Sobre grávidas famosas: o que acha do que está sendo veiculado na mídia
5. O que diria sobre a maternidade dessas mulheres famosas
6. O que diria que tem de você nessas mulheres e dessas mulheres em você

8.2

Termo de consentimento livre e esclarecido

Venho pelo presente *e-mail* convidá-la para participar da pesquisa sobre culto ao corpo e gestação, que tem como objetivo principal estudar a relação de mulheres pertencentes às camadas médias do Rio de Janeiro com seus corpos após o nascimento de seu primeiro bebê.

Esta pesquisa é parte integrante da Dissertação de Mestrado elaborada pela mestranda e psicóloga Marina Agarez Brazão, sob a orientação da Prof.^a Dra. Junia de Vilhena, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

Tal pesquisa consiste na realização de uma entrevista virtual, via *chat* do Skype ou do Messenger. Os dados obtidos serão utilizados para fins de publicações científicas, ficando assegurada a preservação do sigilo quanto à identidade das participantes.

Você pode solicitar novos esclarecimentos ou interromper a entrevista a qualquer momento.

Seguem os meus dados e coloco-me à disposição para sanar qualquer tipo de dúvida e fornecer mais informações sobre o estudo, caso seja de seu interesse.

Peço o favor de responder a este *e-mail* com a sua aceitação ou não em participar desta pesquisa.

Muito obrigada,

Marina Agarez Brazão
CRP 05/32787

E-mail: marinabrazao@gmail.com

8.3

Figuras complementares



Figura 1

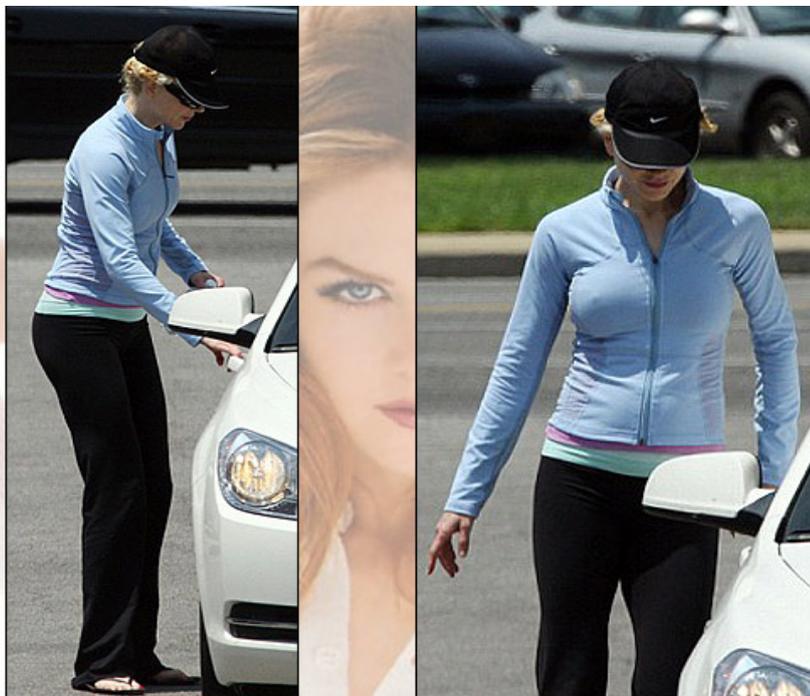


Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10